



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Engenharia

Património Monástico Cisterciense
A Morfologia da Igreja Cisterciense vs. Coro Monástico

Maria Luísa Alves Carrola Guerra

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

ARQUITECTURA

(Ciclo de Estudos Integrado)

Orientadora: Prof^a. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

Covilhã, Outubro de 2014

Dedicatória

Às minhas filhas Jessica e Cláudia pela compreensão e encorajamento, que ao longo destes anos de estudo me deram e o apoio permanente nas alturas mais difíceis e de grande desgaste físico e emocional, pela ilimitada paciência e modo como souberam estar presentes, acompanhando-me sempre em todas as horas.

Dedico também a minha dissertação ao meu marido Paulo e colega de curso, que me apoiou sempre, nos estudos diários nos trabalhos de grupo, assim como a nível familiar sempre presente.

Agradecimentos

Quero deixar expresso o meu mais profundo agradecimento a todos os que, de uma forma directa ou indirecta, me apoiaram neste caminho para a concretização da conclusão e elaboração desta dissertação.

Agradeço em particular à minha orientadora, Professora Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins, que esteve sempre disponível a fornecer dicas, concelhos e sugestões, acompanhando de perto o desenvolvimento da dissertação e sempre presente na orientação e apoio pessoal.

À minha co-orientadora, Professora Doutora Maria Antónia Marques Fialho Costa Conde, pelo apoio e concelhos muito úteis para a elaboração da dissertação e a sugestão de alguma bibliografia a consultar. A amabilidade em conceder uma visita ao Mosteiro de S. Bento de Cástris, para compreender a morfologia do espaço e toda a história que o envolve, a sua beleza espacial como arquitetónica.

A todos, o meu muito obrigado!

Resumo

Os Mosteiros Cistercienses são uma parte importante da nossa história, contam o passado através dos seus espaços e da morfologia dos lugares onde foram implantados, manifestam o saber dos Arquitectos que os pensaram e os concretizaram.

A Importância fundamental que a Igreja tinha dentro do Mosteiro, quanto à sua localização, orientação, dimensão, composição e morfologia do espaço interior das Igrejas recordam-nos os passos que a história relembra na sua organização a nível da Doutrina da Igreja de Roma e o período do Concílio de Trento e as suas reformas nos séculos XVII e XVIII.

Os Mosteiros masculinos e femininos e as diferenças na sua Arquitectura, no que diz respeito aos coros e sua localização dentro da planta da Igreja, pensada para o interior e para a clausura.

Para além dos vários Mosteiros femininos destaca-se o Mosteiro de S. Bento de Cástris sendo a mais antiga fundação Cisterciense a Sul do Tejo.

Palavras-chave

Ordem de Cister, Igreja, morfologia, Coro Monástico, Mosteiro de S. Bento de Cástris.

Abstract

The Cistercian monasteries are an important part of our history, which tell about the past through their spaces and the morphology of the areas they were built on, along with the wisdom of the architects who foresaw and conceived them.

The fundamental relevance that the Church had within the monastery, concerning its location, alignment, dimension, layout and interior morphology, reminds us of the historical steps that the church underwent in terms of organization, following the doctrine of the Roman church, the Council of Trent and the XVII and XVIII reforms.

The male and female monasteries display architectural differences in what the choirs are concerned, namely in their location on the church floor, thought for the interior and for confinement.

The S.Bento of Cástris monastery stands out from many other female monasteries, as the oldest Cistercian foundation southward of Tejo.

Keywords

Cistercian Order, Church, Morphology, Monastic Choir, Monastery of St. Bento of Cástris.

Índice

Introdução.....	1
1.1 - Objectivos.....	3
1.2 - Metodologia.....	4
1.3 - Estado da Arte.....	5
Capítulo 2 - Contextualização Histórica das Origens de Cister.....	9
Capítulo 3 - Organização Morfológica dos Mosteiros Cistercienses.....	15
Capítulo 4 - Definição e Análise das Igrejas Cistercienses.....	29
Capítulo 5 - Os coros nos Mosteiros Cistercienses.....	39
Capítulo 6 - Especificidade do Mosteiro de S. Bento de Cástris.....	43
7. Conclusão.....	47
8 - Bibliografia.....	49
9 - Anexos.....	51
9.1 -Tipologia dos Mosteiros Cistercienses Masculinos.....	54
9.1.1 - Mosteiro Santa Maria de Fiães.....	54
9.1.2- St ^a Maria de Ermelo.....	56
9.1.3 - St ^a Maria do Bouro.....	58
9.1.4 - St ^a Maria das Júnias.....	61
9.1.5 - S. Pedro das Águias - O Velho.....	63
9.1.6 - S. Pedro das Águias - O Novo.....	65

9.1.7 - Mosteiro de St ^a . Maria de Salzedas	67
9.1.8 - S. João de Tarouca	70
9.1.9 - Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões	72
9.1.10 - Mosteiro de St ^a Maria de Maceira Dão	76
9.1.11 - Mosteiro da St ^a Maria de Aguiar.....	79
9.1.12 - Mosteiro de St ^a Maria da Estrela	81
9.1.13 - Mosteiro de S. Paulo de Almaziva	83
9.1.14 - Mosteiro de St ^a Maria de Seiça	85
9.1.15 - Mosteiro de St ^a Maria de Alcobça	68
9.2 - Tipologia dos Mosteiros Cistercienses Femininos.....	88
9.2.1 - Mosteiro de São Pedro e São Paulo de Arouca	88
9.2.2 - Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção de Tabosa.....	90
9.2.3 - Mosteiro de São Mamede de Lorvão	92
9.2.4 - Mosteiro de Santa Maria de Celas	94
9.2.5 - Mosteiro de Santa Maria de Cós	96
9.2.6 - Mosteiro de São Dinis de Odivelas	98
9.2.7 - Mosteiro de Nossa Senhora de Nazaré do Mocambo	100
9.2.8 - Mosteiro de Santa Maria de Almoester	102
9.2.9 - Mosteiro de São Bernardo de Portalegre.....	104
9.2.10 - Mosteiro de S. Bento de Cástris.....	106

Lista de Figuras

Fig. 1- Cartaz do I Simpósio em S. Bento de Cástris, cisterportugal.blogspot.pt/ , em 19/09/2014	8
Fig. 2 - Imagem de S. Bento, /3.bp.blogspot.com/_YlmWADY6Yk/UQjlsZbFR_I/AAAAAAAAitQ/Jt2we3x1tEY/s1600/S%C3%A3o+Bernardo+de+Claraval3.JPG , em 2/08/2014.....	11
Fig. 3 - Primeiro Mosteiro Português de S. João de Tarouca, http://viagenssoltas.wordpress.com/ , em 02/08/2014.....	12
Fig. 4 - Claustro do Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões, www.google.pt/search?q=Interior+de+um+claustro+s.+cristovao+de+lafoes&espv , em 19/09/2014	17
Fig. 5 - Planta, (segundo Dom Maur Cocheril 1972) do livro da Comissão Organizadora do Museu de Alcobaça de 1984, em 10/08/2014	18
Fig. 6 - Spiritus - Planta (segundo Dom Maur Cocheril 1972), (alterado pela autora).....	19
Fig. 7 - Anima - Planta (segundo Dom Maur Cocheril 1972), (alterado pela autora)	20
Fig. 8 - Claustum - Planta (segundo Dom Maur Cocheril 1972), (alterado pela autora).....	21
Fig. 9 - Corpus - Planta (segundo Dom Maur Cocheril 1972), (alterado pela autora).....	22
Fig. 10 - Domus Conversorum, Planta (segundo Dom Maur Cocheril 1972), (alterado pela autora)	23
Fig. 11 - Interior da Igreja, www.google.pt/search?q=interio+da+igreja+de+St+a+Maria+de+Salzedas&biw=1600&bih , em 19/09/2014	24
Fig. 12 - Organização espacial da Igreja do Mosteiro Cisterciense masculino e do Mosteiro feminino	26
Fig. 13 - Planta do Mosteiro de Alcobaça, mosteiro-de-alcobaca.webnode.pt/ , em 19/05/2014.....	27
Fig. 14 - Mosteiro de St ^a Maria de Alcobaça.....	28
Fig. 15 - Mosteiro de St ^a Maria Maceira do Dão, retirado de Martins, Ana; as arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume II; Sevilha 2011	33
Fig. 16 - Planta do Mosteiro de St ^a Maria de Maceira do Dão (retirada a imagem do SIPA) www.monumentos.pt/ Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7263 , em 18/09/2014	33
Fig. 17 - Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões, retirado de Martins, Ana; as arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume II; Sevilha 2011	33
Fig. 18 - Planta do Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões	33
Fig. 19 - Planta do Mosteiro de S. João de Tarouca, com a imagem da fachada principal do Mosteiro ...	37
Fig. 20 - Mosteiro de S. João de Tarouca, www.google.pt/search?q=s.+joao+de+tarouca&espv=2&biw=1600&bih=872&tbm , em 19/09/2014	37
Fig. 21 - Planta da Igreja do Mosteiro de St ^a Maria de Celas com a imagem da lateral do Mosteiro.....	38
Fig. 22 - Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre -Os dois coros Coro Alto e Coro Baixo, www.monumentos .pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3748 , em 20/09/2014.....	40
Fig. 23 - Coro Alto da Igreja do Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre (fotografia da autora)	40
Fig. 24 - Coro Lateral da Igreja de S. Bento de Cástris (fotografia da autora).....	41
Fig. 25 - Interior do Coro Lateral (fotografia da autora).....	41
Fig. 26 - Coro Alto da Igreja de S. Bento de Cástris (fotografia da autora)	41

Fig. 27 - O interior da Igreja (fotografia da autora).....	42
Fig. 28 - Planta de S Bento de Cástris, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6511 , em 28/04/2014- (adaptada pela autora)	44
Fig. 29 - Capitel com motivos antropomórfico (fotografia da autora)	45
Fig. 30 - Vista do Mosteiro de S. Bento de Cástris, www.google.pt/search?q=são+Bento+de+cástris , em 19/08/2014.....	46
Fig. 31 - Localização dos Mosteiros Cistercienses (mapa elaborado pela autora).....	53
Fig. 32 - Localização de Fiães, Google Earth de 2014 em 11/03/2014	54
Fig. 33 - Fachada do Mosteiro de Fiães, www.google.pt/maps/search/mosteiro	54
Fig. 34 - Alçados laterais e posteriores (DGEMN)	54
Fig. 35 - Planta (desenho retirado de Martins, Ana; as arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume II; Sevilha 2011, elaborado por Ana Martins com base em desenhos com base em desenhos cedidos pela DGMN).	54
Fig. 36 - Corte transversal e longitudinal (DGRMN)	55
Fig. 37 - Igreja, Púlpito e Capela-Mor, 1958 (DGEMN)	55
Fig. 38 - Localização de Ermelo, Google Earth de 2014 em 11/03/2014	56
Fig. 39 - Mosteiro S. Maria do de Ermelo, portugalromanico.net/2009/ , 11/07/2014	56
Fig. 40 - Planta, desenho retirado de Martins, Ana; as arquitecturas de Cister em Portugal.	56
Fig. 41 - Plantas, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5250 , em 11/04/2014.....	57
Fig. 42 - Interior de Igreja, www.monumentos.pt/Site/APP	57
Fig. 43 - Localização de Bouro, Google Earth de 18/06/2010 em 11/03/2014	58
Fig. 44 - Fachada Lateral do Mosteiro St ^a Maria do Bouro	58
Fig. 45 - Planta, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1123 , em 12/04/2014.....	58
Fig. 46 - Coro Alto, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1123 , em 12/04/2014	59
Fig. 47 - Interior da Igreja, www.google.pt/search?q=santa+maria+do+bouro&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=LDMfUW7IY_Z0QW9mIDQCw&ved=0CacQ_AUoAQ&biw=1366&bi , em 12-04-2014	59
Fig. 48 - Localização de Júnias, Google Earth de 29/07/2011 em 11/03/2014.....	61
Fig. 49 - Vista geral do Mosteiro de Júnias, www.google.pt/search?q=santa+maria+das+júnias&tbm=isch&to=u&source=univ&sa=X&ei=jzUfU4TxOai0QXp8YHYCw&ved=0CDYQsAQ&biw=1366&b , em 15/04/2014.....	61
Fig. 50 - Planta, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4170 , em 13/04/2014.....	61
Fig. 51 - Interior da Igreja, sgfm.elcorteingles.es/SGFM/FRA/recursos/doc/Libros/879611670_1042012165947.pdf , em 15/04/2014	62
Fig. 52 - Interior da Igreja www.casadeportugal.fr/?p=1003 , em 15/04/2014	62
Fig. 53 - Localização de Águias o Velho, Google Earth de 18/06/2011 em 11/03/2014.....	63
Fig. 54 - Vista lateral de Águias o Velho, www.panoramio.com/photo/26233169 , em 15/04/2014	63
Fig. 55 - Planta, www.monumentos.pt/site/APP_pagesUSER/SIPA , em 15/04/2014.....	63

Fig. 56 - Interior de Igreja, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3676 , em 15/04/2014	64
Fig. 57 - Interior de Igreja, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3676 , em 15/04/2014	64
Fig. 58 - Localização de Águias o Novo, Google Earth de 18/06/2011 em 11/03/2014	65
Fig. 59 - Fachada do Mosteiro Águias o Novo, www.google.pt/search?q=sao+pedro+das+aguias+o+velho&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=4DcfU5GALKqs0QWLzoHoCw&ved=0CAgQ_AUoAg&biw=1 , em 16/04/2014	65
Fig. 60 - Planta 2º piso (in AA.VV.; Jean Pierre Porcher, Margarida Oliveira, Albino Freitas; Edição TOPOS - ATELIER DE ARQUITECTURA; Porto; 2002) Desenho retirado de Martins, Ana; as arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento Voluell; Sevilha 2011	65
Fig. 61 - Interior de Igreja, www.google.pt/search?q=sao+pedro+das+aguias+o+velho&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=4DcfU5GALKqs0QWLzoHoCw&ved=0CAgQ_AUoAg&biw=1 , em 16/04/2014	66
Fig. 62- Localização de Salzadas, Google Earth de 15/06/2011 em 11/03/2014	67
Fig. 63 - Mosteiro de Salzadas, www.panoramio.com/photo/8835228 , em 15/04/2014	67
Fig. 64 - Planta, www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=498042 , em 11/05/2014	67
Fig. 65 - Interior da Igreja, www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/72577/ , em 02/05/2014	68
Fig. 66 - Nave Central, www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/72577/ , em 02/05/2014	68
Fig. 67 - Localização de Tarouca, Google Earth de 15/06/2011 em 11/03/2014	70
Fig. 68 - Mosteiro de Tarouca, www.panoramio.com/user/5924095 , em 11/04/2014	70
Fig. 69 - Planta, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4720	70
Fig. 70 - Interior da Igreja, www.panoramio.com/user/2851525 , em 11/04/2014	71
Fig. 71 - Localização de Lafões, Google Earth de 25/06/2012 em 11/03/2014	72
Fig. 72 - Mosteiro de Lafões, www.google.pt/maps/dir//Mosteiro+de+São+Cristóvão+de+Lafões,+3660-000+São+Pedro+do+Sul/@40.762935,-8.173271,3a,75y,90t/ , em 11/04/2014	72
Fig. 73 - Planta, retirado de Martins, Ana; as arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume II; Sevilha 2011	72
Fig. 74 - Igreja, retirado de Martins, Ana; as arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume II; Sevilha 2011	73
Fig. 75 - Localização de Maceira Dão, Google Earth de 19/09/2011 em 11/03/2014	74
Fig. 76 - Mosteiro de Maceira Dão, www.panoramio.com/user/88926 , em 15/04/2014	74
Fig. 77 - Planta, retirado de Martins, Ana; as arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume II; Sevilha 2011	74
Fig. 78 - Interior da Igreja, www.google.pt/maps/place/Mosteiro+de+Santa+Maria+de+Maceira+Dão/@40.616308,-7.827183,3a,75y,90t/data=!3m5!1e2!3m3!1s7632868 , em 15/04/2014	75
Fig. 79 - Localização de S. Maria de Aguiar, Google Earth de 25/08/2010 em 11/03/2014	76
Fig. 80 - Mosteiro de S. Maria de Aguiar, www.panoramio.com/user/3396103 , em 15/04/2014	76
Fig. 81 - Planta, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1450 , em 15/04/2014	76

Fig. 82 - Coro Alto, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1450 , em 11/04/2014	77
Fig. 83 - Sacristia, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1450 , em 11/04/2014	77
Fig. 84 - Nave, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1450 , em 11/04/2014	77
Fig. 85 - Localização de S. Maria da Estrela, Google Earth de 25/07/2012 em 11/03/2014.....	79
Fig. 86 - Mosteiro de S. Maria da Estrela, www.google.pt/search?q=Senhora+da+estrela+na+boidobra&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=aWMSU5q3CKLb0QWH4lCoCw&ved=0CAcQ_AUoAQ&biw,15/04/2014 .	79
Fig. 87 - Planta, retirado de Martins, Ana; as arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume II; Sevilha 2011	79
Fig. 88 - Interior de Igreja, retirado de Martins, Ana; as arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume II; Sevilha 2011	80
Fig. 89 - Interior de Igreja, retirado de Martins, Ana; as arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume II; Sevilha 2011	80
Fig. 90 - Localização de Almaziva, Google Earth de 13/06/2012 em 12/03/2014	81
Fig. 91 - Mosteiro de Almaziva, www.google.pt/search?q=S.+Paulo+de+Almaziva&espv=210&es_sm=122&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=xHMSU6zJAU_60gWEnlCoCQ&ved=0CAkQ_A,em12/04/2014	81
Fig. 92 - Planta, retirado de Martins, Ana; as arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume II; Sevilha 2011	81
Fig. 93 - Igreja, retirado de Martins, Ana; as arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume II; Sevilha 2011	82
Fig. 94 - Localização de Seiça, Google Earth de 30/10/2000 em 14/03/2014.....	83
Fig. 95 - Mosteiro de Seiça, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2791 , em 12/04/2014.....	83
Fig. 96 - Planta, retirado de Martins, Ana; as arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume II; Sevilha 2011	83
Fig. 97 - Igreja, www.google.pt/maps/@40.04516,-8.785715,3a,75y,90t/data=!3m5!1e2!3m3!1s62526123!2e1!3e10?hl=pt-PT , em 14/04/2014	84
Fig. 98 - Localização de Alcobaça, Google Earth de 22/03/2012 em 18/04/2014	85
Fig. 99 - Mosteiro de Alcobaça, www.google.pt/maps/@39.548035,-8.980806,3a,75y,90t/data=!3m5!1e2!3m3!1s78013985!2e1!3e10?hl=pt-PT , em 14/04/2014	85
Fig. 100 - Planta, www.google.pt/maps/@39.548035,-8.980806,3a,75y,90t/data=!3m5!1e2!3m3!1s78013985!2e1!3e10?hl=pt-PT , em 14/04/2014.....	85
Fig. 101 - Igreja, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4719 , em 14/04/2014.....	86
Fig. 102 - Localização de Arouca, Google Earth de 26/07/2011 em 18/04/2014	88
Fig. 103 - Mosteiro de Arouca, www.flickr.com/photos/vribeiro/6811190163/in/photostream , em 18/04/2014.....	88
Fig. 104 - Planta, retirado de Martins, Ana; as arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume III; Sevilha 2011; p.1217	88
Fig. 105 - Igreja, www.google.pt/maps/search/+mosteiro+são+pedro+e+são+paulo+de+arouca/@40.928235 , em 18/04/2014.....	89
Fig. 106 - Altar Mor, www.panoramio.com/user/4306800 , em 18/04/2014.....	89
Fig. 107 - Cadeiral, www.flickr.com/photos/vribeiro/6811190163/in/photostream/ , em 18/04/2014..	89

Fig. 108 - Localização de Tabosa, Google Earth de 18/07/2011 em 18/04/2014.....	90
Fig. 109 - Mosteiro de Tabosa, www.google.pt/search?q=mosteiro+de+nossa+senhora+da+assun%C3%A7%C3%A3o+de+tabosa&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=GsosU5 , em 18/04/2014	90
Fig. 110 - Planta, file:///C:/Users/PC/Downloads/3273TM01PLUISASANTOS000069245.pdf, em 18/04/2014	90
Fig. 111 - Localização de Lorvão, Google Earth de 30/10/2006 em 17/04/2014	92
Fig. 112 - Mosteiro de Lorvão, www.google.pt/search?q=mosteiro+de+nossa+senhora+da+assun%C3%A7%C3%A3o+de+tabosa&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=GsosU5 , em 17/04/2014	92
Fig. 113 - Planta, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1598 , em 17/04/2014.....	92
Fig. 114 - Coro, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1598 , em 17/04/2014.....	93
Fig. 115 - Localização de Celas, Google Earth de 2014 em 17/04/2014	94
Fig. 116 - Mosteiro de Celas, www.panoramio.com/user/7883402 , em 19/04/2014	94
Fig. 117 - Planta, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6703 , em 19/04/2014.....	94
Fig. 118 - Capela Mor, www.panoramio.com/user/7883402 , em 19/04/2014	95
Fig. 119 - Localização de Cós, Google Earth de 22/03/2012 em 19/04/2014	96
Fig. 120 - Mosteiro de Cós, www.panoramio.com/user/2840519 , em 19/04/2014.....	96
Fig. 121 - Planta, retirado de Martins, Ana; as arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume III; Sevilha 2011	96
Fig. 122 - Igreja, www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/75039/ em 19/04/2014	97
Fig. 123 - Coro, www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/75039/ , em 19/04/2014	97
Fig. 124 - Localização de Odivelas, Google Earth de 23/06/2007 em 19/04/2014	98
Fig. 125 - Mosteiro de Odivelas, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4067 , em 19/04/2014	98
Fig. 126 - Planta, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4067 em 19/04/2014.....	98
Fig. 127 - Igreja, www.panoramio.com/user/486223 , em 19/04/2014	99
Fig. 128 - Localização de Mocambo, Google Earth de 23/06/2007 em 20/04/2014	100
Fig. 129 - Mosteiro de Mocambo, www.igespar.pt/en/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/73652/ , em 20/04/2014.....	100
Fig. 130 - Planta, retirado de Martins, Ana; as arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume III; Sevilha 2011	100
Fig. 131 - Localização de Almoester, Google Earth de 07/08/2012 em 20/04/2014	102
Fig. 132 - Mosteiro de Almoester, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2440 , em 22/04/2014.....	102
Fig. 133 - Planta, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2440 , em 22/04/2014.....	102
Fig. 134 - Capela, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2440 , em 22/04/2014	103
Fig. 135 - Nave principal, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2440/ , em 22/04/2014	103

Fig. 136 - Localização de Portalegre, Google Earth de 17/08/2009 em 23/04/2014	104
Fig. 137 - Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre (fotografia da autora).....	104
Fig. 138 - Planta, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3748 , em 23/04/2014	104
Fig. 139 - Coro Alto, Coro Baixo e Cadeiral, (fotografia da autora)	105
Fig. 140 - Localização de Cástris, Google Earth de 28/08/2011em 24/04/2014	106
Fig. 141 - Fachada do Mosteiro S. Bento de Cástris (fotografia da autora)	106
Fig. 142 - Planta, www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6511 , em 28/04/2014	106
Fig. 143 - Igreja do Mosteiro de S. Bento de Cástris (fotografia da autora)	107

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Os Mosteiros Masculinos e as datas da Fundação e Extinção (retirado da Tese Martins, Ana Tavares; A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; volume I) .. 13

Tabela 2 - Os Mosteiros Femininos e as datas da Fundação e Extinção (retirado da Tese Martins, Ana Tavares; A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; volume I) .. 13

Tabela 3 - A orientação, naves e planta da Igreja dos Mosteiros masculinos (da autora) 31

Tabela 4 - A orientação, naves e planta da Igreja dos Mosteiros femininos (da autora)..... 34

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Nº de naves das Igreja nos Mosteiros masculinos (da autora).....	31
Gráfico 2 - Orientação da Igreja nos Mosteiros masculinos (da autora).....	32
Gráfico 3 - Tipo de planta da Igreja nos Mosteiros masculinos (da autora)	32
Gráfico 4 - Nº de naves das Igreja nos Mosteiros femininos (da autora)	34
Gráfico 5 - Orientação da Igreja nos Mosteiros femininos (da autora)	35
Gráfico 6 - Tipo de planta da Igreja nos Mosteiros femininos (da autora).....	35

Lista de Acrónimos

APOC	Associação Portuguesa de Cister
DGMN	Direcção Geral dos Monumentos Nacionais
GGPC	Direcção Geral do Património Cultural
IGESPAR	Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico
IPPAR	Instituto Português do Património Arquitectónico
SIPA	Sistema de Informação para o Património Arquitectónico
UBI	Universidade da Beira Interior

Introdução

O trabalho desenvolvido nesta dissertação tem por base o estudo e análise morfológica das Igrejas Cistercienses e os seus elementos compositivos, sobretudo a compreensão da existência e localização no espaço arquitectónico dos seus coros tanto para Mosteiros femininos como masculinos.

Serão tidos em conta exemplos que serão aprofundados tanto no que respeita aos Mosteiros femininos, com o estudo de caso do Mosteiro de S. Bento de Cástris, como os Mosteiros masculinos e seus respectivos coros.

Elementos fundamentais para a compreensão do tema e elaboração desta dissertação são a localização, orientação, dimensões, composição e morfologia do espaço interior das Igrejas, tanto no que diz respeito à composição das suas naves, transepto, abside, coros, grelhas no caso feminino. Compreender o significado da igreja na ordem de Cisterciense e a sua adaptação ao longo dos séculos.

Com esta investigação será dada relevância à análise das eventuais diferenças entre a morfologia de mosteiros femininos e masculinos no que diz respeito às suas igrejas e na colocação dos coros. Criando-se em sintonia com o trabalho desenvolvido uma organização a nível gramatical das várias Igrejas tanto no que respeita à sua morfologia como à sua organização espacial e orientação.

O Mosteiro é um lugar de representação simbólica e um edifício de representação espiritual, que levando à compreensão da ordem de Cister e da sua arquitectura.

A arquitectura Cisterciense tem suscitado ao longo dos tempos numerosos e notáveis trabalhos de investigação¹.

No âmbito da Ordem de Cister, pretende dar-se a conhecer a Morfologia das Igrejas Cistercienses e aprofundar conhecimento de modo a retirar relações sobre a configuração morfológica dos seus coros.

¹ Obras a referir da Professora Doutora Ana Martins; Tese de Doutoramento com o tema “As Arquitecturas de Cister e Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a Sua Inserção no Território”; “Arquitectura Cisterciense - entre la memória y la realidade: una aproximación contemporánea del patrimonio Cisterciense português”; “Património Arquitectónico Cisterciense: Um contínuo testemunho” in “Actas do Simpósio Património em Construção - Contexto para a sua preservação, no centenário da Lei de Reorganização dos Serviços Artísticos e Arqueológicos”; Medieval Cistercian Heritage: from the ideal to the Reality in “Actas do Ist. International Meeting European Architectural History Network”; “Os Mosteiros Cistercienses nas Beiras” - Um percurso entre a Arquitectura e a História; “Uma Perspectiva da Ordem de Cister” - O Legado Português; “Uma Perspectiva da Ordem de Cister”.

Capítulo 1

1.1 - Objectivos

Esta dissertação tem por base o trabalho já desenvolvido neste âmbito pelas Professoras Doutora Ana Maria Tavares Martins e Professoras Doutora Maria Antónia Marques Fialho Conde.

A importância deste estudo fundamenta-se na compreensão da morfologia das várias igrejas dos Mosteiros Cistercienses masculinos e femininos e o que cada uma contempla na sua forma e função.

Pretende-se analisar a morfotipologia das plantas dos diversos Mosteiros Cistercienses que fazem parte do legado existente em Portugal, pesquisar as igrejas dos diferentes mosteiros e compreender a sua composição e organização com particular incidência na localização e configuração dos coros monásticos, tanto no que diz respeito aos Mosteiros masculinos como femininos.

Os exemplares masculinos que foram analisados: Santa Maria de Fiães; Santa Maria de Ermelo; Santa Maria do Bouro; Santa Maria das Júnias; São Pedro das Águias - O velho; São Pedro das Águias - O novo; Santa Maria de Salzedas; São João de Tarouca; São Cristóvão de Lafões; Santa Maria de Maceira Dão; Santa Maria de Aguiar; Santa Maria da Estrela; São Paulo de Almaziva; Santa Maria de Seiça e Santa Maria de Alcobaça.

Os exemplares femininos que foram analisados: São Pedro e São Paulo de Arouca; Nossa Senhora Da Assunção de Tabosa; São Mamede de Lorvão; Santa Maria de Celas; Santa Maria de Cós; São Dinis de Odivelas; Nossa Senhora de Nazaré de Mocambo; Santa Maria de Almoester; São Bernardo de Portalegre e São Bento de Cástris.

1.2 - Metodologia

A metodologia adoptada teve como base uma pesquisa gráfica, cartográfica e fotográfica assim como uma contextualização a nível histórico.

Foi efetuada a pesquisa “in situ” de forma a compreender as opções tomadas e os resultados patentes na morfologia e localização dos coros na igreja Cisterciense.

Fizeram-se várias pesquisas em livros e documentos para recolher o máximo de informação sobre o tema em questão, tendo o cuidado de fazer uma recolha mais centralizada na temática das Igrejas Cistercienses e da localização específica dos coros, nos Mosteiro masculinos e nos Mosteiros femininos.

A igreja foi entendida como um espaço, de fundamental interesse e simbologia, importante para a celebração do culto cristão, local de reflexão, oração e introspecção. Deste modo abarcou-se o significado da Igreja dentro do Mosteiro Cisterciense assim como a localização dos coros masculinos e femininos com as suas características e diferenças.

Com este trabalho pretende-se dar conhecer o Mosteiro Cisterciense e a sua arquitectura a nível formal, tendo por base a análise dos vários espaços e funções no que diz respeito ao Spiritus - Igreja lugar de culto e oração; Anima - local onde existe a sacristia, sala do capítulo, sala de trabalho dos monges; Corpus- zona de cozinha, calefactório, refeitório e as latrinas, local onde são satisfeitas as necessidades básicas do ser humano e reserva esta área aos monges e Domus Conversorum - contendo o refeitório, celeiro, dormitório e latrinas sendo este espaço apenas dos monges conversos. Procura-se estabelecer uma hierarquia tipológica no que respeita à especificidade destes elementos.

A análise da morfologia interior da Igreja é importante para compreender a sua composição, a sua orientação, e os elementos que a compõem (naves, transepto, abside, o coro e as grelhas no caso dos mosteiros femininos).

Pretende-se com esta análise estabelecer relações e retirar conclusões sobre os elementos que compõem espacialmente não só os Mosteiros Cistercienses como também as suas Igrejas sendo estes fundamentais para a memória e referência colectiva.

1.3 - Estado da Arte

Existem vários trabalhos desenvolvidos no âmbito do estudo de Cister entre estes destaca-se o trabalho do monge Cisterciense, Dom Maur Cocheril, que dedicou a sua vida ao estudo da história das abadias da Ordem de Cister em Portugal.

Dom Maur Cocheril explorou profundamente a temática Cisterciense em Portugal, sendo exemplos “Alcobaça - Abadia Cisterciense de Portugal”; “Cister em Portugal”; “Etudes sur le monachisme en Espagne et au Portugal”; “Les Abbayes Cisterciennes Portugaises dans la seconde moitié du XX siècle”; “Routier des Abbayes Cisterciennes du Portugal”.

Salientando Artur Nobre de Gusmão, que para além de fomentar os estudos de Cister foi também entusiasta nesta temática, destacando-se da sua obra “A Expansão da Arquitectura Borgonhesa e os Mosteiros de Cister em Portugal”; “A Real Abadia de Alcobaça”; Os Mosteiros de Cister na Época Moderna”. Salienta-se Iria Gonçalves, com a obra “O Património do Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV” assim como Geraldo Coelho Dias, com “A Alma de Cister em Portugal”, “A Marca de São Bernardo na Espiritualidade e na Cultura Cisterciense” e a tradução da Apologia de Bernardo de Claraval para o Abade Guilherme de latim para Português.

Refere-se também os estudos de Virgolino Jorge, com “Análise preliminar das estruturas hidráulicas da abadia Cisterciense de São João de Tarouca”, “Espaço e Eurtmia na Abadia Medieval de Alcobaça”, “Monastères Cisterciens de femmes au Portugal” e ainda Maria Alegria Marques, com a obra “Estudo sobre a Ordem de Cister em Portugal”².

Destacam-se as publicações das Actas dos colóquios internacionais sobre Cister: Espaço, Territórios, Paisagens realizados em Lisboa em 1998 e no ano de 1994 “Arte e Arquitectura nas Abadias Cistercienses nos Séculos XVI, XVII, XVIII”, as Actas do II Congresso Internacional sobre el Cister en Galicia y Portugal, Ourense, 1998, os colóquios realizados no Mosteiro de São Cristóvão de Lafões entre 1998 e 2013.

Refere-se igualmente o congresso em Salzedas e São João de Tarouca com o tema “Espaço, espirito e poder” em 2004 e a realização do “IV Congresso Internacional sobre Cister na Galiza e em Portugal” com co-organização da Abadia de Santa Maria de Oseira e por APOC, com a publicação das Actas em 2010 do IV Congresso Internacional sobre el Císter en Galicia y en Portugal³.

² Cfr, Martins, Ana Tavares; As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua Inserção no Território; Tese Doctoral volume I; Departamento de História, Teoría y Composición Arquitectónicas Universidad De Sevilla 2011; p. 16

³ Cfr, Martins, Ana Tavares; Op. Cit.; p. 17

Tem sido desenvolvida investigação sobre a temática pela Professora Doutora Ana Maria Tavares Martins salientando-se a Tese de Doutoramento com o tema “As Arquitecturas de Cister e Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a Sua Inserção no Território”. Destacam-se alguns estudos da mesma autora nomeadamente, “Património Arquitectónico Cisterciense: Um contínuo testemunho” in “Actas do Simpósio Património em Construção - Contexto para a sua preservação, no centenário da Lei de Reorganização dos Serviços Artísticos e Arqueológicos”, LNEC- Laboratório Nacional de Engenharia Civil; “Arquitectura Cisterciense - entre la memoria y la realidade: una aproximación contemporánea del patrimonio Cisterciense português” Revista Electrónica de Património Histórico, Universidade de Granada (Departamento De Historia del Arte), nº 9, Dezembro de 2011; e Medieval Cistercian Heritage: from the ideal to the Reality in “Actas do Ist. International Meeting European Architectural History Network” (2010); Guimarães, Portugal and Book of Abstracts, Jorge Correia (Ed.), Centro de História de Além Mar, Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, European Architectural History Network, 2010; “A Arquitectura Religiosa nas Beiras nos primórdios da Nacionalidade” in Catálogo de Exposição “Arte, Poder e Religião nos tempos Medievais - a identidade de Portugal em construção”; Ed. Departamento dos Bens Culturais da Diocese de Viseu, 2009; “Espaço Monástico: da Cidade de Deus à Cidade do Homem” no “Estudos em Homenagem ao prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias - vol. I”, Departamento de Ciências e Técnicas do Património e Departamento de História, Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006; “Arquitecturas Del Císter En Portugal: rehabilitaciones recientes” nas Actas del “III Congreso Internacional sobre el Císter en Galicia y en Portugal - tomo I”, Ediciones Monte Casino, Zamora, 2006; “Os Mosteiros Cistercienses nas Beiras” - Um percurso entre a Arquitectura e a História; Editora Quartzzo; Viseu 2012; “Uma Perspectiva da Ordem de Cister” - O Legado Português; Tipografia Beira Alta, Lda. Viseu 2007⁴.

Apresentam-se outros estudos feitos pela Professora Doutora Maria Antónia Marques Fialho Costa Conde, sobre a Ordem de Cister com a Tese de Doutoramento com o tema “Cister a Sul do Tejo - O mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça”; “O restauro do património móvel em Évora no contexto de Quinhentos: os Panos de Armar de D. Mariana de Castro, condessa de Tentúgal”; “O modelo da Perfeita Religiosa e o Monaquismo cisterciense feminino no contexto pós-tridentino em Portugal” in *Actas do Congresso Internacional Mosteiros Cistercienses - História, Arte, Espiritualidade e Património II*; “La economía de las comunidades religiosas femeninas en el Sur de Portugal (1550-1700): el caso del Monastério de S. Bento de Cástris” in *Actas del Congreso Internacional Guadalupe y la Orden Jeronima*; “A Estrada de Santiago a sul do Tejo: a mística apostólica e combativa no mosteiro de S. Bento de Cástris”, Trabalho apresentado no IV Congresso Internacional sobre Cister em Portugal e na Galiza - os Caminhos de Santiago e a vida monástica cisterciense, In

⁴ Cfr, Martins, Ana Tavares; Os Mosteiros Cistercienses das Beiras-Um percurso entre a arquitectura e a história; Editora Quartzzo; Viseu 2012; p. 86

Actas do IV Congresso Internacional sobre Cister em Portugal e na Galiza - os Caminhos de Santiago e a vida monástica cisterciense, Braga-Oseira; para além de outras obras da autoria da Co-orientadora desta dissertação⁵.

Salientamos o Projecto Orfeus, que consiste numa parceria entre quatro Universidades, a Universidade da Beira Interior, Universidade de Évora, Universidade do Minho e a Universidade dos Açores.

Realizou-se o 1º Simpósio Internacional de “Espaços de Cister: Arquitectura e Memória” na Universidade da Beira Interior, nos dias 8 e 9 de Março de 2012, contando com a participação: Dr. José Luís Albuquerque Carreiras; Dr. António Santos Pereira; Dr.ª Antónia Fialho Conde; Arq. João Pedro Falcão de Campos; Dr. Eduardo Mosquera Adell; Dr.ª Ana Martins; Dr.ª Catarina Almeida Marado; Dr. José Luís Albuquerque Carreiras; Dr. Michael Mathias; Dr.ª Natalia Juan García; Dr. José Luís Campano Calvo e o Monge de Santa Maria de Oseira Irmão Luís Alvarez.

Em 2013 realizou-se a “ Residência Cisterciense em S. Bento de Cástris” dedicada ao silêncio, organizada pelo CIDEHUS, CHAIA, Direção Regional de Cultura do Alentejo contando com o apoio da Universidade da Beira Interior da Universidade de Sevilha do laboratório Hercules da Associação Portuguesa de Cister, (APOC) e pela unidade de investigação de música e musicologia da Universidade de Évora.

No dia 19 e 20 de Setembro de 2014 realizou-se uma conferência no Mosteiro de S. Bento de Cástris em Évora com o tema “II Residência Cisterciense de S. Bento de Cástris - A estética, o espaço e o tempo, Reflexos da Contra-Reforma na praxis musical”, organizada pela Direção Regional de Cultura do Alentejo, Universidade de Évora, CIDEHUS, CHAIA, Fundação para a Ciência e Tecnologia e com o apoio da Universidade da Beira Interior.

Irá realizar-se o 2º Simpósio Internacional de “Espaços de Cister: Arquitectura e Música” nos dias 20 e 21 de Novembro de 2014 na Universidade da Beira Interior, organizado por esta Universidade, pela Universidade de Évora e com o apoio da APOC, do Museu dos Lanífcios.

⁵ Ref. retirada - www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=4997539863657748#Producaocientifica; (acedido pela última vez em 12/09/2014).



Comissão Organizadora:
 António Filhos Gonde (Univ. Évora, CIDEHUS, HERCULES)
 Ana Maria Tavares Martins (Univ. Beira Interior, CIAD, CIDEHUS)
 António Camões Gouveia (Univ. Nova de Lisboa, CHC, Q3BR)
 Aurora Carapinha (DRCAstejo, Univ. Évora, CHAIA)

Comissão Científica
 António José Candeias (Univ. de Évora, CQE, Lab. HERCULES, Lab. José de Figueiredo)
 Filipe Mesquita de Oliveira (Univ. de Évora, UoM&M)
 Ibercio Bastião (F.U.L. CIAD)
 João Luis Fontes (P3SH UNI, IEM, Q3BR)
 José Albuquerque Correia (EPT, APOC)
 José Pedro F. Alves (FEU, C, CHC, Q3BR)
 Maria Fernanda de Oliveira (Univ. de Évora, CIDEHUS)
 Olga Magalhães (Univ. de Évora, CIDEHUS)
 Paulo Simões Rodrigues (Univ. de Évora, CHAIA)
 Vítor Serrão (FEUL, IBA)
 Eduardo Mosquera Adell (Univ. Sevilla, ETSA)
 Maria Teresa Perez Cano (Univ. Sevilla, ETSA)

Inscrição até ao dia 15 de Setembro de 2013
 Visita e participação na Residência: 15 euros
 Estudantes: 7,5 euros
 Visita ao Mosteiro nos dias do evento: 2 euros

Informações e inscrições
 Carla Malheiro
 CIDEHUS-UE
 Palácio do Vímioso
 Apartado 94
 7002 554 ÉVORA
 E-mail: carla@uevora.pt
<http://www.residenciacisterciense.pt/vs/>
 Telefone: (+351) 266 706 581
 Fax: (+351) 266 744 677

19 a 21 Setembro 2013

Residência Cisterciense em S. Bento de Cástris – o Silêncio

Dinâmicas do Silêncio, da História e da Memória

Arte, Arquitectura, Experimentação Artística e Património

Vivência e imersão no espaço monástico cisterciense

Reinvenção da contemporaneidade através da criatividade

Linguagens e significados do Silêncio



Fig. 1 - Cartaz do I Simpósio em S. Bento de Cástris

Capítulo 2

Contextualização Histórica das Origens de Cister

A Regra de São Bento foi adaptada, grande parte de comunidades religiosas desde o século V. As reformas mais importantes adaptadas da Regra de São Bento, com a evolução da sociedade, foram a de Cluny no século X e a de Cister no século XI⁶.

A origem de Cister remonta desta forma ao século XI, com a Abadia de Cister (1098) procurando reviver a Regra escrita por S. Bento. Nos finais do século XI, deu-se a reforma Cisterciense promovida por S. Roberto de Molesme, porem esta foi impulsionada por S. Bernardo de Claraval que reagiu contra o que considerava os excessos decorativos da arte românica e defendeu uma arquitectura modesta, sem ornamentos que levassem os monges a distrair-se das suas principais tarefas, sendo estas a leitura da Bíblia, a meditação e as orações.

A primeira implantação de Cister surgiu em La Forgeotte, a sul de Dijon, mas a escassez de água no seu local de origem, levou a que esta comunidade se mudasse em 1106, para um novo local denominado de Citeaux (Cister), em latim Cistercium, mas poderá o nome provir do Francês arcaico Cistel, que significa junco, planta abundante no local, tomando deste modo a sua designação⁷.

Os impulsionadores de Cister foram: Roberto, o iniciador do movimento, Alberico, o humilde continuador, Estêvão Harding, o que conseguiu estabelecer a «Carta da Caridade» documento que regulamenta a ordem de Cister⁸.

A evolução da Ordem de Cister teve três momentos, sendo o primeiro momento ligado ao abaciado de Roberto, com início em La Forgeotte terminando em Cister, correspondendo ao momento impulsionador da nova Ordem. O segundo momento, corresponde ao abaciado de Alberico, este por sua vez consolida as motivações e o sentido da nova Ordem. O terceiro momento está ligado ao abaciado de Estêvão Harding, corresponde à consolidação da legislação da Ordem, fiel observância da Regra de S. Bento⁹.

⁶ Cfr, Pacheco, Teresa; Presença de Cister em Portugal; Comissão Organizadora do Museu de Alcobaça; Alcobaça 1984; p. 6

⁷ Cfr, Martins, Ana Tavares; Uma Perspectiva da Ordem de Cister O Legado Português; Tipografia Beira Alta, Lda.; Viseu 2007; pp. 49-50

⁸ Cfr, Martins, Ana Tavares; Op. Cit; p. 51

⁹ Cfr, Martins, Ana Tavares; As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua Inserção no Território; Tese Doctoral volume I; Departamento de História, Teoría y Composición Arquitectónicas Universidad De Sevilla 2011; pp. 54-55

Estevão Harding legislou e impulsionou a nova Ordem abrindo caminho e possibilitou as acções e pensamentos de Bernardo de Claraval, que chegou a Cister em 1112, acompanhado por um grupo significativo de familiares¹⁰.

S. Bernardo nasceu em 1090 no seio de uma família nobre em Fontaines-les-Dijon, eram sete rapazes e uma rapariga, eles destinados a serem cavaleiros mas o rumo de Bernardo foi diferente, devido à sua saúde débil, foi confiado aos Cónegos da Colegiada de Châtillon-sur-Seine, adquirindo conhecimentos de Teologia e o estudo da língua latina ou seja o latim erudito. Regressa ao seio da família com dezoito anos e preparava-se para ser cavaleiro como os seus irmãos, mas o chamamento divino levou-o à sua vocação monástica. Com a morte da sua mãe S. Bernardo recolheu-se do mundo.¹¹

Em 1112 chegou a Cister e em 1115 o abade de Cister Estevão Harding enviou-o a ele e mais doze companheiros para fundarem uma nova abadia, esta era a abadia de Claraval, à qual o seu nome lhe ficou associado. Bernardo deixou marcas profundas na arte do seu tempo no que diz respeito à arquitectura, simples e privada de toda a ornamentação.¹²

Por este motivo nos mosteiros Cistercienses as esculturas ficaram reduzidas apenas a simples elementos geométricos e vegetais que decoram capiteis ou molduras. Com o passar dos anos esta imposição decorativa vai perdendo a sua força¹³.

Cister traduz desta forma o esforço do regresso às origens, com a autenticidade original da Regra de S. Bento, procurando Deus na solidão do “deserto”, na pobreza e na oração, sendo estas as directrizes da Ordem de Cister.

S. Bernardo é um dos Santo da Ordem de Cister para quem a contemplação de Deus se alcança pela Penitencia e pela total obediência. A Penitencia significa a renúncia à propriedade individual, ao conforto na mesa, no vestir e no dormir, no silêncio quase permanente, no trabalho manual e no afastamento do mundo. A Obediência à Regra, ao Abade, à hierarquia do Mosteiro e da sua organização¹⁴.

¹⁰ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; *As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua Inserção no Território*; Tese Doctoral volume I; Departamento de História, Teoría y Composición Arquitectónicas Universidad De Sevilla 2011; p. 66

¹¹ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; *Op. Cit*; p. 67

¹² Cfr, *Idem.*; p. 68

¹³ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; *Uma Perspectiva da Ordem de Cister O Legado Português*; Tipografia Beira Alta, Lda.; Viseu 2007; p. 167

¹⁴ Cfr, Pacheco, Teresa; *Presença de Cister em Portugal*; Comissão Organizadora do Museu de Alcobaça; Alcobaça 1984; p. 7



Fig. 2 - Imagem de S. Bento

Segundo Locatelli, a expansão Cisterciense foi realizada em quatro etapas diferentes, teve origem nos anos 1119-1129 que corresponde ao principio da Ordem e aos abaciados de Alberico (1099-1109) e de Estevão Harding (1109-1133) e a chegada de Bernardo à Ordem. O Auge teve início em 1129 correspondendo ao período de vida de S. Bernardo, enquanto membro e impulsor da Ordem de Cister até à sua Morte em 1153. Com a Nova Ordem, compreendida entre os anos 1153-1240, deu-se neste período com o rápido crescimento da Ordem e a morte de S. Bernardo a adaptação da Ordem a novas exigências¹⁵.

A Ordem de Cister está cada vez mais integrada na Igreja e na Sociedade. Os Cistercienses aceitam e assumem tarefas pastorais, estando à frente de paróquias e colaborando de modo indirecto com o clero. A Ordem de Cister nesta fase afasta-se dos seus princípios e dá início de Letargia, levando a Ordem de Cister a transformar-se profundamente, no que diz respeito ao número reduzido de fundações e filiações, à ausência de novas vocações¹⁶.

¹⁵ Cfr, Locatelli, René; L'Éxpansion Cistercienne en Europe (ver p. 22, citado por Martins, Ana Maria Tavares; As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua Inserção no Território; Tese Doctoral volume I; Departamento de História, Teoría y Composición Arquitectónicas Universidad De Sevilla 2011; p. 74)

¹⁶ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua Inserção no Território; Tese Doctoral volume I; Departamento de História, Teoría y Composición Arquitectónicas Universidad De Sevilla 2011; p. 76

A Ordem de Cister ficou na história como um dos movimentos espirituais mais importantes do ocidente, gerando consequências vitais na cultura e na sociedade europeia desde a Idade Média até à época contemporânea¹⁷.

Apesar de toda a carga simbólica que os mosteiros transitem são locais onde os homens habitam e Deus Vive. Existindo um ideal de vida mas também uma imagem e uma antecipação do paraíso.¹⁸



Fig. 3 - Primeiro Mosteiro Português de S. João de Tarouca

A Fundação e Filiação estão relacionadas com a ocupação e administração do território, durante o nascimento e a consolidação da Nacionalidade, sendo os Mosteiros Cistercienses, no contexto português, um meio de afirmação e de defesa do território¹⁹.

¹⁷ Cfr, Martins, Ana Tavares; Uma Perspectiva da Ordem de Cister O Legado Português; Tipografia Beira Alta, Lda.; Viseu 2007; p. 54

¹⁸ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; Op. Cit.; p. 28

¹⁹ Cfr, Martins, Ana Tavares; As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua Inserção no Território; Tese Doctoral volume I; Departamento de História, Teoría y Composición Arquitectónicas Universidad De Sevilla 2011; p. 112

Tabela 1 - Os Mosteiros Masculino e as datas das Fundação e Extinção

Mosteiros Masculinos	Fundação/Filiação	Supressão	Extinção
S. João de Tarouca	1144	1543 Até 1559	1834
Stª Maria de Alcobaça	1153	1833	1833
S. Cristóvão de Lafões	1162	1775 Até 1777	1834
Stª Maria de Aguiar	1165	-----	1834
S. Pedro de Águias o Velho	1165	-----	1834
S. Pedro de Águias o Novo	1170	1775 Até 1777	1834
Stª Maria de Maceira Dão	1188	1775 Até 1777	1834
Stª Maria de Fiães	1194	1775	1775
Stª Maria de Seiça	1195	1545 Até 1777	1834
Stª Maria do Bouro	1195	-----	1834
Stª Maria de Salzedas	1196	-----	1834
Stª Maria da estrela	1220	1579	1579
S. Paulo de Almaziva	1221	1545 Até 1559	1555
Stª Maria das Júnias	1248	XVII	XVII
Stª Maria do Ermelo	1271	1560	1560

Tabela 2 - Os Mosteiros Femininos e as datas das Fundação e Extinção

Mosteiros Feminino	Fundação/Filiação	Supressão	Extinção
S. Mamede de Lorvão	1206	-----	1834
Stª Maria de Celas	1214	-----	1834
S. Pedro e S. Paulo de Arouca	1224	1775 Até 1777	1834
Stª Maria de Cós	1241	-----	1834
S. Bento de Cástris	1275	1775	1776
Stª Maria de Almoester	1287	1775 Até 1777	1834
S. Dinis de Odivelas	1294	-----	1834
S. Bernardo de Portalegre	1518	1775 Até 1777	1834
N. S. Nazaré de Mocambo	1654	1775 Até 1777	1834
Nossa Senhora de Tabosa	1685	1775 Até 1779	1834

A maioria dos Mosteiros Masculinos foram extintos em 1834, ou seja os monges saíram mas deixaram o seu legado tanto material como imaterial²⁰.

No caso dos Mosteiros Masculinos 9 sofreram extinção em 1834 e Alcobaça teve a extinção mais cedo em 1833, os restantes sofreram a extinção uns anos antes, referindo os Mosteiros de S. Paulo de Almaziva; 1224 St^a Maria da Estrela; St^a Maria do Ermelo e St^a Maria de Fiães.

A maior parte dos Mosteiros Femininos foram extintos em 1834, mas ao contrário dos monges, foi permitido às monjas permanecerem até à sua morte.

Os Mosteiros de S. João de tarouca e S. Maria de Alcobaça destacam-se por serem ambos a casa mãe de um grande número de Mosteiros. Desta forma podemos dividi-los em duas áreas de fundação, S. João de Tarouca, associado aos primeiros tempos do berço de Cister. O Mosteiro de St^a Maria de Alcobaça, associado ao desenvolvimento e expansão de Cister em Portugal. Mais tarde ganha importância a vertente feminina de Cister associada à Casa Real²¹.

Temos deste modo três ciclos fundamentais para a consolidação de Cister em Portugal, sendo o primeiro o de Tarouca, associado ao início da Ordem de Cister em Portugal, fazendo parte deste os Mosteiros St^a maria de Aguiar; St^a Maria de Fiães; St^a Maria do Ermelo; S. Pedro de Águias o Velho; St^a Maria de Maceira do Dão; St^a Maria de Salzedas; S. Tiago de Sever e S. Cristóvão de Lafões.²²

No segundo ciclo pertencente ao Mosteiro de St^a Maria de Alcobaça, temos os Mosteiros S. Pedro das Águias o Novo; St^a Maria do Bouro; St^a Maria das Júnias; St^a Maria de Seiça; St^a Maria da Estrela; S. Paulo de Almaziva; S. Bento de Cástris; St^a maria de Almoester; S. Dinis de Odivelas; S. bernardo de Portalegre; St^a maria de Cós; N. S. da Nazaré do Mocambo; St^a Maria de Tomarães; Colégio do Espirito Santo; S. Bento de Xabregas; N. Senhora do Desterro; N. S. da Piedade de Tavira; n. S. da Nazaré de Setúbal e N. Senhora da Assunção de Tabosa²³.

O terceiro e último ciclo pertencente ao Real Feminino, contando com os Mosteiros de S. Mamede do Lorvão; St^a Maria de Celas; S. Pedro e S. Paulo de Arouca e s. Salvador das Bouças²⁴.

²⁰ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; *As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua Inserção no Território*; Tese Doctoral volume I; Departamento de História, Teoría y Composición Arquitectónicas Universidad De Sevilla 2011; p. 110

²¹ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; *Op. Cit.*; p. 112

²² Cfr, *Idem.*; p. 112

²³ Cfr, *Ibidem.*; p. 116

²⁴ Cfr, *Ibidem.*; p. 116

Capítulo 3

Organização Morfológica dos Mosteiros Cistercienses

A partir de 1119 com o reconhecimento da Ordem de Cister pelo Papa Calisto II, foi necessário recorrer às adaptações necessárias para acolher uma comunidade maior dentro dos Mosteiros, assistiu-se a uma transformação na arquitectura. Surge a existência de uma tipologia, resultando de numa integração do Mosteiro na paisagem. O território característico para a construção dos mosteiros possuía uma topografia específica; Vales florestados com solos férteis, longe das aldeias e perto de cursos de água e que tivessem materiais para a construção dos mesmos, o caso da pedra e da madeira. A Ordem de Cister tinha entre os seus irmãos leigos e conversos, alguns mestres construtores²⁵.

O espaço monástico é o reflexo de um ideal, devendo dar respostas às necessidades materiais e espirituais dos monges segundo a Regra de S. Bento, deste modo a Igreja era o primeiro edifício a ser construído²⁶.

A planta das Igrejas Cistercienses são representadas por uma planta de cruz latina, composta por um corpo longitudinal, que pode ter três naves, estando voltadas para oriente com cabeceira rectilínea e composta por um transepto regular saliente, apresentando a ocidente um coro rectangular, e contendo filas paralelas e simétricas. Ao lado da capela-mor situam-se capelas igualmente quadrangulares²⁷.

A arquitectura dos mosteiros tem características muito particulares, sendo espelhada através das suas linhas direitas o claustro, que para além de ser fechado ao exterior, possui no seu interior forma ajardinada, que separa o mundo interior do exterior e que comunica apenas com o céu. O claustro é a imagem de um paraíso reconstruído e com o céu como pano superior, local de meditação e de reflexão²⁸.

A partir do século XIII surgiu uma tendência contrária ao espírito pelo qual a Ordem de Cister se regia, a riqueza crescente começa a penetrar dentro dos mosteiros e na comunidade monástica.

²⁵ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; *As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua Inserção no Território*; Tese Doctoral volume I; Departamento de História, Teoria y Composición Arquitectónicas Universidad De Sevilla 2011; p. 197

²⁶ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; *Op. Cit.*; p. 214

²⁷ Cfr, *Idem.*; p. 255

²⁸ Cfr, Koepf, Hans; *La Arqitetura en Sus Planos*; CÁTEDRA; Espanha 1999; p. 128

O produto do trabalho agrícola permite um rendimento e um estatuto por vezes de difícil recusa, dava-se o início da letargia, esta fase verifica-se em 1240, em que a Ordem de Cister sofre lenta mutação²⁹.

Segundo Dom Maur Cocheril, foram fundadas 169 abadias no século XIII, 18 no século XVI, 20 no século XV e 4 no século XVII. A partir do século XIV a Ordem de Cister começa a atenuar-se com o aparecimento das Ordens Medicantes, Franciscanos e Dominicanos³⁰.

Os Cistercienses sentiam o espaço de um modo particular e possuíam um modo de vida com um duro trabalho espiritual e físico no início. Os mosteiros eram independentes do ponto de vista político e económico. Situavam-se de uma forma geral em locais isolados fora dos grandes centros.

Os mosteiros encontravam-se despojados de decorações, mantendo uma arquitectura limpa e sem ornamentos, existindo apenas simples esculturas nos capitéis com uma ornamentação com motivos vegetativos. Os edifícios construídos numa grande parte eram de origem românica ou gótica podemos afirmar que o papel da Ordem de Cister teve um impacto muito grande na arquitectura, uma vez que simplificou a decoração abrindo alas à introdução do gótico em Portugal³¹.

A existência de uma “Planta Cisterciense” leva a várias interpretações e opiniões, uns defendem que existia um plano regular de características Cistercienses que serviu de modelo à arquitectura monástica da Ordem, partilham desta opinião: Dom Maur Cocheril, Artur Nobre de Gusmão, Elisabeth Évora Nunes, Stephen Tobin, Godofreddo Vittì, John Pawson, Virgolino Jorge e Georges Duby. Por outro lado temos outro grupo de opinião divergente que defende a existência de um plano de raiz Beneditino, comum a todos os que seguem a regra de S. Bento, e que apenas algumas alterações são realizadas a este plano sendo eles: Terryl N. Kinder e Frei Geraldo Coelho Dias³².

²⁹ Cfr. Locatelli, René; L'Expansion Cistercienne (citado por Martins, Ana Maria Tavares; As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua Inserção no Território; Tese Doctoral volume I; Departamento de História, Teoría y Composición Arquitectónicas Universidad De Sevilla 2011; p.76)

³⁰ Cfr, Martins, Ana Tavares; Uma Perspectiva da Ordem de Cister O Legado Português; Tipografia Beira Alta, Lda.; Viseu 2007; p. 54

³¹ Cfr, Santamaria, Eduardo Correia; Una Simplicidad Arquitectónica Encima De Los Estilos. La Iglesia Del Monastério Cisterciense Entre Espacios y Funciones in Carreiras, José Albuquerque (dir); Mosteiros Cistercienses - História, Arte, Espiritualidade e Património; Tomo II; Ed. Jorlis; Alcobaça 2013; pp. 117-118.

³² Cfr, Martins, Ana Tavares; As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua Inserção no Território; Tese Doctoral volume I; Departamento de História, Teoría y Composición Arquitectónicas Universidad De Sevilla 2011; pp. 248-249

A partir do ano 1150 começou por se falar de uma construção e organização morfológica dos espaços arquitectónicos, sendo a Ordem Cisterciense dotada de uma linguagem própria com linhas sóbrias, simplicidade e luz. Trabalhando-se com o rigor, com a articulação dos volumes. As abadias Cistercienses caracterizam-se pela racionalidade, articulação dos espaços e na sobriedade da decoração. Utilizando-se os materiais locais e apreendendo as tradições e culturas³³.

No mosteiro Cisterciense, a igreja é o espaço mais importante, o mosteiro é desenvolvido a partir da igreja e é em torno do claustro que se estrutura a vida dos monges e se organiza todo o espaço circundante do seu quotidiano³⁴.



Fig. 4 - Claustro do Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões

³³ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; Os Mosteiros Cistercienses das Beiras-Um percurso entre a arquitectura e a história; Editora Quartzzo; Viseu 2012; p. 28

³⁴ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; Op. Cit. ; p. 28

Organização da Planta



Fig. 5 - Planta Tipo de uma Abadia Cisterciense

- 1-Igreja; 2- Sacristia;
- 3- Sala do Capítulo;
- 4 - Escada de acesso ao dormitório dos monges;
- 5- Parlatório;
- 6- Sala dos Monges;
- 7 - Calefatório;
- 8 - Refeitório dos monges;
- 9 - Cozinha;
- 10 - Corredor;
- 11 - Refeitório dos Conversos;
- 12 - Celeiro;
- 13 - Nártex; 14 - Coro dos Conversos; 15 - Coro dos monges
- 16 - Claustro.

Os Cistercienses utilizam um plano tipo, no qual o mosteiro se desenvolve a partir da igreja e em torno do claustro.

O Spiritus (igreja) a Oeste, lugar específico para a oração; anima (sacristia, sala do capítulo e sala dos monges) na perpendicular à igreja, lugar de elevação espiritual; corpus (cozinha, calefactório e refeitório dos monges) a Sul da igreja, tudo o que era necessário à subsistência do corpo de cada monge em paralelo ao anima, sendo aberto aos irmãos conversos, surgindo a Domus Conversorum (celeiro, dormitório dos conversos)³⁵.

O elemento morfológico de maior destaque é o Spiritus (Igreja) deveria ficar no ponto de maior destaque e orientado para nascente.

³⁵ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua Inserção no Território; Tese Doctoral volume I; Departamento de História, Teoria y Composición Arquitectónicas Universidad De Sevilla 2011; p. 277

Spiritus

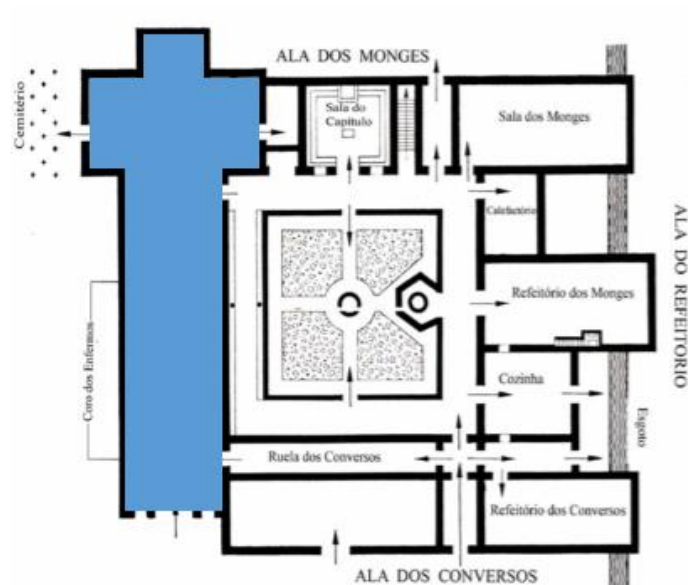


Fig. 6 - Spiritus - Planta

A igreja de planta rectangular com cabeceira recta e as capelas no transepto, sendo a mesma dividida a meio separando os monges (nome que deriva do grego monos que significa solitário, aquele que vive só, isolado) e os conversos (leigos afectos ao serviço mais pesados que viviam sobretudo nas granjas mas que celebravam os Domingos de Festa no Mosteiro)³⁶.

A Igreja é o coração do corpo monástico e o centro da espiritualidade do mosteiro. A igreja Cisterciense de um modo geral tinha planta de cruz latina e disposta na maior parte dos casos a norte do mosteiro e uma abside direccionada a oriente. A igreja normalmente composta de 3 naves que se subdivide no coro dos monges e no coro dos conversos, ocupando o coro dos monges a primeira arcada da nave central da capela-mor e presbitério, sucedendo o coro dos conversos³⁷.

³⁶ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; *As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua Inserção no Território*; Tese Doctoral volume I; Departamento de História, Teoria y Composición Arquitectónicas Universidad De Sevilla 2011; p. 280

³⁷ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; *Op. Cit.*; p. 332

Anima

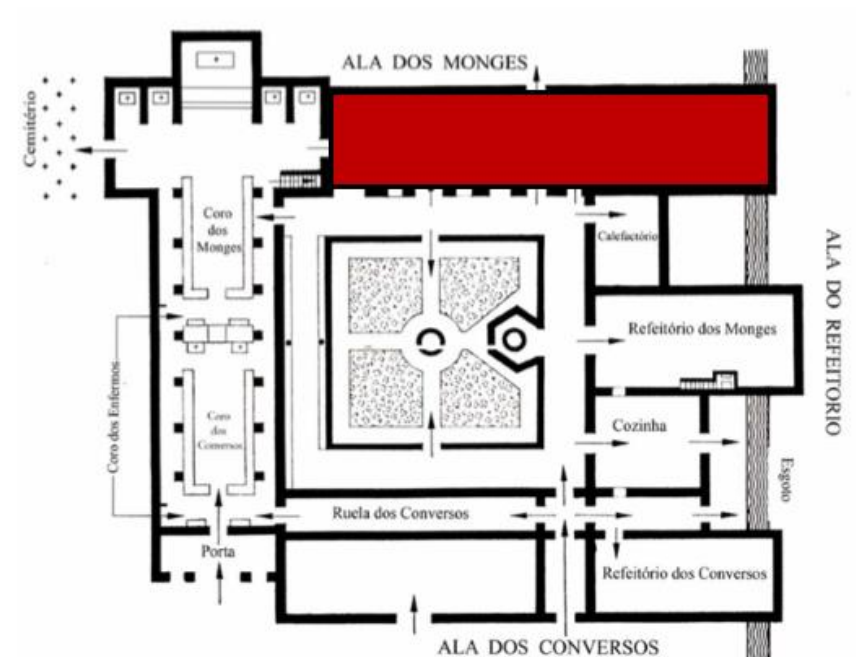


Fig. 7 - Anima - Planta

Esta ala denominada por Anima, situada a oriente da igreja assim como uma ala na qual se inseria a nível do piso térreo, a sacristia local de dimensões reduzidas e onde se guardavam os paramentos litúrgicos, também utilizada para os monges se vestirem e deste local se deslocavam para a Igreja onde celebravam a Eucaristia e por conseguinte se deslocavam após a celebração para os outros espaços monásticos.

O armarium pequeno espaço para os principais livros, ficava junto da igreja e tinha acesso pelo claustro.

O parlatório dos monges, espaço onde podiam falar, ouvir ou transmitir alguma mensagem ou distribuir tarefas, também tinha passagem para o jardim, local posterior do edifício, ainda dentro da cerca monástica.

A sala do capítulo era um local de grande importância, local de reuniões da comunidade Cisterciense onde se lia um capítulo diário da regra de S. Bento. A sala dos monges espaço onde trabalhavam (por exemplo fazendo iluminuras, trabalho este feito pelos monges copista). No piso superior encontram-se os dormitórios e as latrinas³⁸.

³⁸ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; Os Mosteiros Cistercienses das Beiras-Um percurso entre a arquitectura e a história; Editora Quartzó; Viseu 2012; p. 28

Claustrum

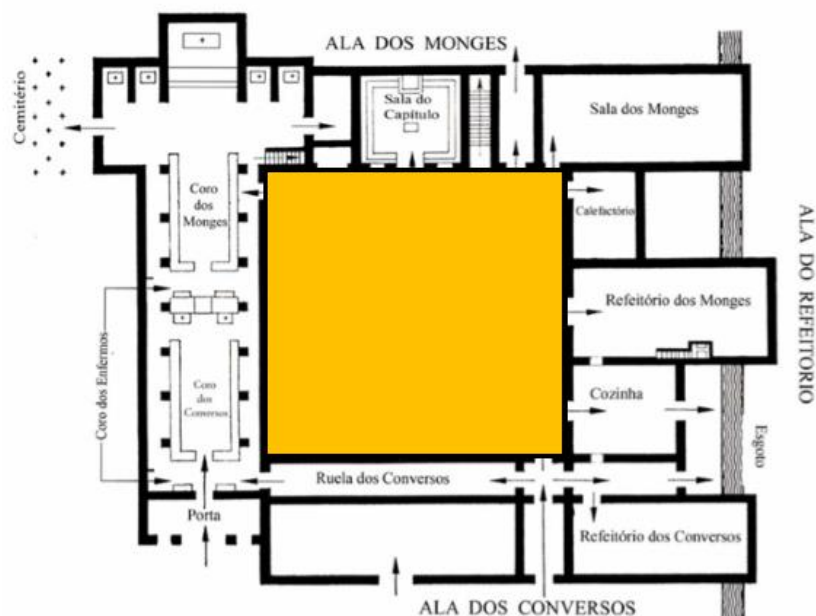


Fig. 8 - Claustro - Planta

O claustro assumia-se como sendo o coração de toda a morfologia dos espaços, em volta do qual se congregavam todos os elementos necessários à vida religiosa do mosteiro e dos monges e à vida social³⁹.

O espaço central normalmente é quadrangular sendo este ocupado por um jardim ou espaço verde e no centro normalmente continha uma fonte, podendo a mesma ser simples (de água ou repuxo de água ou poços de reduzida elevação) ou fontes complexas (fontes com maior trabalho escultórico).

Através das suas galerias cuja função era essencialmente de circulação e não do atravessamento do espaço aberto, os claustros medievais tinham as arcadas assentes em elevados parapeitos para dar o significado de espaço extremamente fechado. Era no claustro que os monges faziam suas leituras e seguiam as procissões, era neste um prolongamento da Igreja. Sendo também este espaço que permite a entrada de luz natural que ilumina parte do edifício monástico⁴⁰.

³⁹ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; *As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua Inserção no Território*; Tese Doctoral volume I; Departamento de História, Teoria y Composición Arquitectónicas Universidad De Sevilla 2011; pp. 320-321

⁴⁰ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; *Op. Cit.*; p. 309

Corpus

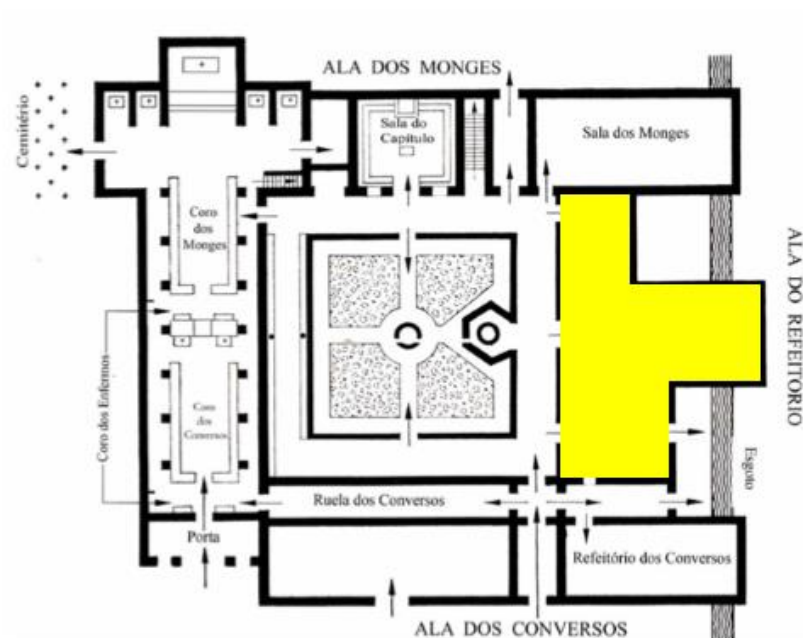


Fig. 9 - Corpus - Planta

O corpus espaço que se opõe ao lado da Igreja em toda a sua extensão, é composto pela cozinha, refeitório e pelo calefatório. O calefatório era um espaço que proporciona o aquecimento ao mosteiro, onde os monges se podiam aquecer.

O refeitório dos monges destinado às refeições tomadas em comunidade era um local santificado porque alimentava o corpo e a alma, havia também um púlpito junto à parede ocidental onde se faziam leituras. O refeitório situa-se na ala oposta à Igreja e perpendicular ao claustro. O espaço do refeitório e a sua dimensão era proporcional ao número de monges que habitavam o mosteiro. A cozinha normalmente situava-se junto ao refeitório,⁴¹.

⁴¹ Cfr, Martins, Ana Tavares; As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua Inserção no Território; Tese Doctoral volume I; Departamento de História, Teoria y Composición Arquitectónicas Universidad De Sevilla 2011; p. 380

Domus Conversorum



Fig. 10 - Domus Conversorum - Planta

Aos conversos estavam destinados os espaços na parte ocidental do mosteiro o designado Domus Conversorum, constituindo uma ala no piso inferior, o refeitório, o parlatório, o celeiro e no piso superior, o dormitório e as latrinas.

Desta forma existiam dois corpos do edifício que se opunham a nível da planimetria e das suas vivências que não se cruzavam fisicamente, mas dependiam uma da outra no sentido de cumprir e honrar a Regra de S. Bento, apenas a igreja e a cozinha eram utilizadas por ambos mas em horários distintos.

O corredor dos conversos é uma passagem paralela à ala ocidental do claustro, separando os monges dos conversos, mas permitindo a ligação entre as várias dependências dos conversos e a Igreja e o exterior do mosteiro⁴².

⁴² Cfr, Martins, Ana Tavares; As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua Inserção no Território; Tese Doctoral volume I; Departamento de História, Teoría y Composición Arquitectónicas Universidad De Sevilla 2011; p. 389

O refeitório encontra-se na extremidade da ala Sul, oposta à Igreja e próxima da cozinha e perpendicular ao claustro (como a dos monges). O celeiro era o espaço de armazenamento de víveres e de utensílios necessários ao mosteiro⁴³.

No piso superior da ala dos conversos encontra-se o dormitório dos conversos, o acesso fazia-se pela escada dos conversos⁴⁴.

A austeridade Cisterciense reflectia-se não só na rotina quotidiana dos monges como na racionalidade da articulação dos espaços arquitectónicos bem como nas sobriedades dos elementos decorativos na arquitectura⁴⁵.



Fig. 11 - Interior da Igreja do Mosteiro de St^a Maria de Salzedas

No plano Cisterciense em Portugal destacam-se com a mesma organização espacial cerca de metade dos Mosteiros masculinos dos quais é um bom exemplo o Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, no início não possuía a abside circular na construção inicial, mas foi necessário aumentar o número de capelas⁴⁶.

⁴³ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; *As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua Inserção no Território*; Tese Doctoral volume I; Departamento de História, Teoria y Composición Arquitectónicas Universidad De Sevilla 2011; p. 390

⁴⁴ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; *Op. Cit.*; p. 392

⁴⁵ Cfr, Martins, Ana Tavares; *Os Mosteiros Cistercienses das Beiras-Um percurso entre a arquitectura e a história*; Editora Quartzó; Viseu 2012; p. 30

⁴⁶ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; *As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua Inserção no Território*; Tese Doctoral volume I; Departamento de História, Teoria y Composición Arquitectónicas Universidad De Sevilla 2011; p. 307

Os mosteiros eram fechados ao mundo exterior através de uma cerca, que fazia a fronteira e também tinha a função de proteger de eventuais intrusões de animais ou pessoas. Estas cercas remontam às origens do monaquismo, serviam de barreira contra a contaminação do mundo impuro e barulhento do exterior, o fortalecimento do sentimento comunitário.

Para além dos mosteiros masculinos surgem também os mosteiros femininos, estes tiveram a sua expansão no século XIII, sendo este o século de ouro das monjas Cistercienses. Os mosteiros cistercienses eram preferidos pelas senhoras da alta nobreza nos princípios do século XIII, são o exemplo os casos dos mosteiros de São Mamede de Lorvão e de São Pedro e São Paulo de Arouca.

Os Mosteiros das monjas Cistercienses partem do modelo inicial com uma densidade de panos murários, com poucas aberturas. Os portais são considerados zonas de articulação entre o espaço sagrado e o exterior.

A alteração na organização espacial, na arquitectura dentro da igreja das monjas, compreende-se através das transformações espaciais decorrentes das características da vida monástica feminina. A clausura e os diferentes papéis das monjas, o que as separa são as grades e muros, corresponde à existência de limites e interdições para a circulação de mulheres. “A exigência é cumprida através da separação do corpo das naves quase exclusivamente ocupado pelo cadeiral das monjas e das conversas - da cabeceira e transepto através de uma grade de ferro”⁴⁷.

O coro monástico feminino era separado por uma grade de clausura ou por uma parede divisória, dos outros espaços da igreja ou localizava-se numa galeria sobrelevada em relação à igreja desta maneira entende-se a entrada do templo ser feita pela lateral, mas no caso quando o coro é sobrelevado, a entrada poderá ser axial como nos mosteiros masculinos.

Nos mosteiros femininos temos três tipos de entradas nas igrejas: Acesso lateral, acesso através de loggia e acesso indirecto com antecâmara. O Acesso Lateral faze-se pela porta lateral rasgada na parede da greja, temos os exemplos dos mosteiros de St^a Maria de Cós, Nossa S. da Assunção de Tabosa e S. Pedro e S. Paulo de Tabosa.⁴⁸

⁴⁷ Cfr, Teixeira, Francisco; A Arquitectura Monástica e Conventual Feminina em Portugal; Medievalista; Portugal 2008; p.18

⁴⁸ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; Op. Cit.; p. 339

Acesso através de loggia é uma galeria ou portico aberto, geralmente abobadado, por vezes avançado em relação ao plano da fachada, a entrada faz-se através de uma porta lateral rasgada na parede da igreja, podemos referir os mosteiros de St^a Maria de Almofter, S. Dinis de

Odivelas e S. Bernardo de Portalegre.⁴⁹ Acesso Indirecto com antecâmara, cujo o acesso de elementos exteriores à Comunidade se faz através da antecâmara antecipada que conduz à porta da igreja do mosteiro, salientam-se os mosteiros St^a Maria de Celas, S. Mamede de Lorvão, S. Bento de Cástris e Nossa Senhora de Nazaré de Mocambo.⁵⁰

Nos mosteiros femininos aproveitavam o espaço exterior do mosteiro, nos espaços verdes pra fiarem, bordarem tecerem ou remendar paramentos litúrgicos.

O espaço Cisterciense permitiu o “Ora et Labora” trabalhar e orar, com a alma, com o cração e com as mãos, temos desta forma a Arquitectura que possibilitou a vida em harmonia com o lugar onde o Mosteiro foi implantado⁵¹.

Organização espacial da Igreja de um Mosteiro Cisterciense masculino e feminino

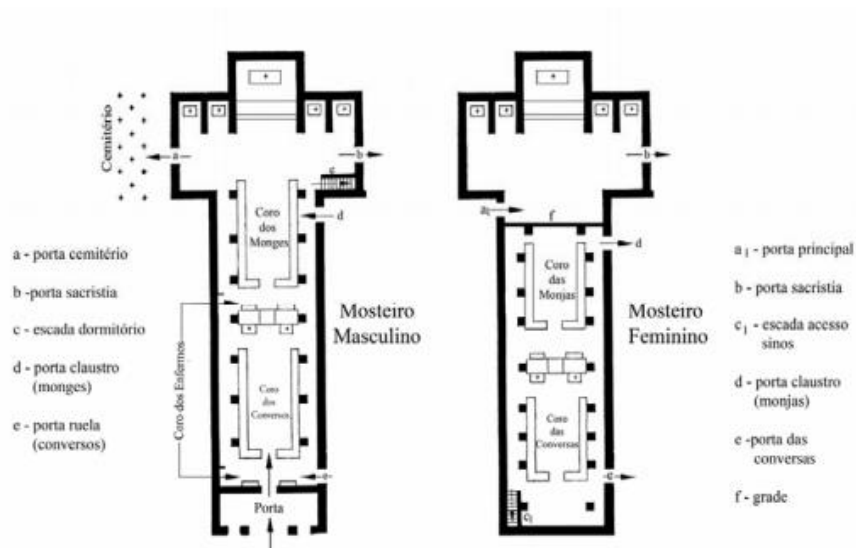


Fig. 12- Organização espacial da Igreja de um Mosteiro Cisterciense masculino e de um Mosteiro Cisterciense feminino

⁴⁹ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua Inserção no Território; Tese Doctoral volume I; Departamento de História, Teoria y Composición Arquitectónicas Universidad De Sevilla 2011; p. 340

⁵⁰ Cfr, Martins, Ana Maria Tavares; Op. Cit.; p. 340

⁵¹ Cfr, Idem.; p. 258

A Morfologia do mosteiro de St^a Maria de Alcobaça está invertida, relativamente à planta de Claraval sua casa mãe, em vez do claustro estar à direita da igreja este está localizado à esquerda e toda a tipologia da planta se organiza em torno do claustro.

No corpo perpendicular à igreja do Mosteiro de St^a Maria de Alcobaça temos a sala do capítulo, o parlatório e o sacriptório; paralelo à igreja surge a cozinha, e o refeitório; a oriente da igreja e paralelo à nave temos dois claustros, sendo o primeiro denominado o Claustro do Cardeal e o segundo o Claustro do Rochadouro.

A Planta da Igreja é em forma de cruz latina, na qual o transepto intersecta a nave a cerca de um terço do seu comprimento; temos os exemplos dos Mosteiros de St^a Maria de Alcobaça; St^a Maria de Salzedas e St^a Maria de Aguiar.

Em análise verificou-se que, quase todos os Mosteiro tanto masculinos como femininos na actualidade têm claustro à excepção dos Mosteiros: St^a Maria de Fiães; St^a Maria do Ermelo; S. Pedro Águias o Velho; St^a Maria da Estrela; S. Paulo de Almaziva e St^a Maria de Cós.

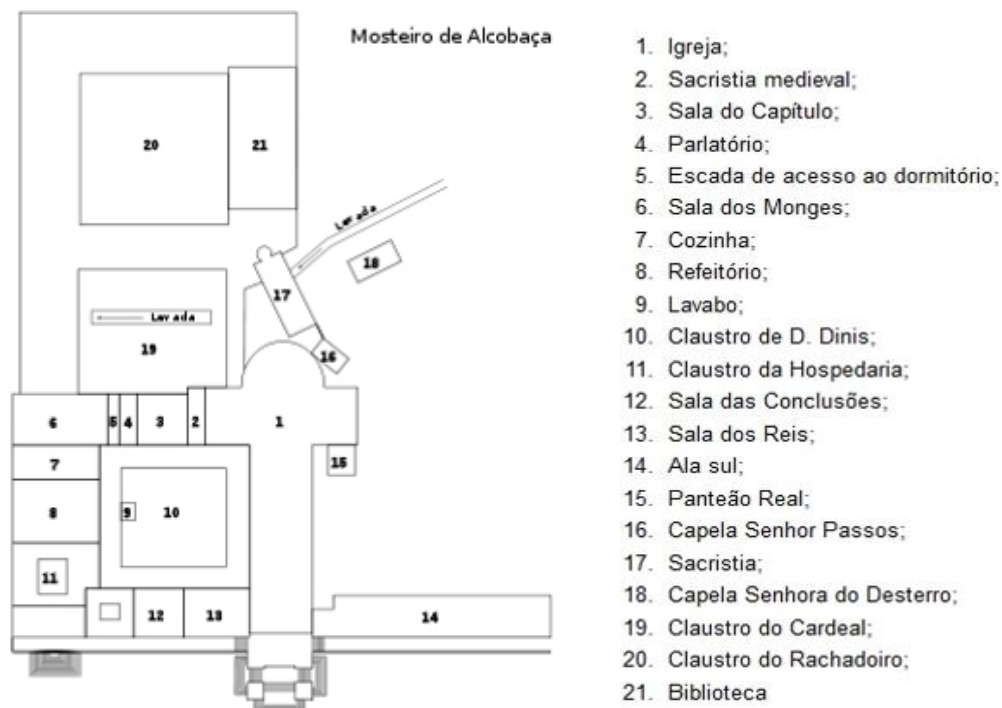


Fig. 13 - Planta do Mosteiro de Alcobaça



Fig. 14 - Planta do Mosteiro de Alcobaça

Capítulo 4

Definição e Análise das Igrejas Cistercienses

O Concílio de Trento em 1563 aborda o problema das igrejas e das suas imagens, onde havia necessidade de reformar e de devolver à arte das igrejas as formas puras, para tal conseguia-se uma arquitectura rigorosa, racional e ao mesmo tempo austera. A inicial austeridade e rigor das igrejas leva à preocupação pelo espaço e suas impressões visuais, potenciando os efeitos luminosos de claro e escuro, nas naves e com púlpitos destacados, a igreja tornava-se perfeita do ponto de vista geométrico, que a planta central tinha um papel predominante na arquitectura dos séculos XVII e XVIII⁵².

Ao longo dos tempos sentiu-se a necessidade de adaptar o espaço da igreja à comunidade e às suas obrigações da celebração, era necessário pensar a arquitectura e a definição do espaço. Um dos espaços a ser pensado foi a circulação litúrgica pelo interior do mosteiro, sendo este um ponto fundamental para a compreensão da organização morfológica da igreja⁵³.

A igreja é composta pelo Altar, local de celebração da Eucaristia; o púlpito local destinado à proclamação da palavra de Deus; a cruz referencia à paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo⁵⁴.

A Nave: “Espaço limitado por muros, pilastras ou colunas, que se estende longitudinalmente numa igreja entre a entrada principal e a cabeceira”⁵⁵; em alguns casos como no Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça tem a Naves Colaterais: “Diz-se da nave paralela à nave principal numa igreja de planta basilical, normalmente mais estreita e baixa do que aquela”⁵⁶; Transepto: “Área do corpo da igreja que se prolonga em posição ortogonal para um e outro lado da nave, formando com esta uma cruz”⁵⁷ e a Abside: “Extremidade de um edifício. Pode apresentar planta semicircular ou poligonal e é geralmente abobadada. Nos edifícios religiosos de planta basilical situa-se na zona central da cabeceira, no enfiamento da nave central e tem um valor litúrgico fundamental, pela colocação aí do altar-mor”⁵⁸.

⁵² Cfr, Koepf, Hans; *La Arquitectura en Sus Planos*; CÁTEDRA; Espanha 1999; p. 132

⁵³ Cfr, Santamaria, Eduardo Correia; *Una Simplicidad Arquitectónica Encima De Los Estilos. La Iglesia Del Monasterio Cisterciense Entre Espacios y Funciones* in Carreiras, José Albuquerque (dir); *Mosteiros Cistercienses - História, Arte, Espiritualidade e Património*; Tomo II; Ed. Jorlis; Alcobaça 2013; p.120.

⁵⁴ Cfr, Pereira, Nuno Moniz; *Símbolos da Igreja Cristã*; Edição Presselivre, Imprensa Livre SA; 2009; p. 10

⁵⁵ Cfr, Rodrigues, Maria João Madeira; Sousa, Pedro Fialho; Bonifácio, Horácio Manuel Pereira; *Vocabulário técnico e Crítico de Arquitectura*; Coimbra; 2002; Quimera, p. 195.

⁵⁶ Cfr, Rodrigues, Maria João Madeira; *Op. Cit.*, p. 195.

⁵⁷ Cfr, *Idem.*, p. 263.

⁵⁸ Cfr, Rodrigues, Maria João Madeira; Sousa, Pedro Fialho; Bonifácio, Horácio Manuel Pereira; *Vocabulário técnico e Crítico de Arquitectura*; Coimbra; 2002; Quimera, p. 16.

O Coro: “Parte da igreja reservada aos cânticos e ao clero. Nas basílicas paleocristãs situa-se na capela-mor, mudando-se de posição ao longo do tempo. É normalmente mobilado com cadeiral”⁵⁹; o Coro alto: “ Quando se encontra junto a e sobre a porta principal da igreja”⁶⁰ e o Coro lateral, quando está localizado junto à capela-mor. Existe apenas um Mosteiro com coro lateral, sendo o Mosteiro de S. Bento de Cástris caso único em Portugal.

Os espaços por excelência na Igreja são o Deambulatório: “Galeria que envolve capela-mor, muitas vezes rodeada de outras capelas. Como prolongamento das naves laterais, utiliza-se nas grandes igrejas de peregrinação da Idade Média”⁶¹;

Os Mosteiros como referido anteriormente, iniciavam a sua construção pela Igreja, esta por sua vez orientada normalmente para oriente em relação à ordem cósmica e à ordem terrestre, entre a ordem divina e a ordem humana.

No edifício, o círculo e o quadrado são os elementos primordiais do templo, simbolizam o céu e a terra. O círculo onde todos os pontos se situam à mesma distância do centro, que não tem princípio nem fim, representa Deus. O quadrado representa a terra, o centro a base estável da actividade do céu⁶².

A relação do círculo com o quadrado representa a arquitectura sagrada cristã e é a partir deste ponto que o edifício é concebido, isto é o círculo corresponde à abobada, que assenta sobre o cubo da nave, como o céu está sobre a terra, razão pela qual algumas cúpulas antigamente estavam pintadas de azul. A Igreja representa o lugar e o corpo de Cristo, “no coro, repousa a cabeça; na nave, o corpo; no transepto, os braços; no altar-mor, o coração, o centro de tudo”⁶³.

As Igrejas na maioria dos Mosteiros Masculinos em Portugal encontram-se orientadas para nascente.

⁵⁹ Cfr, Rodrigues, Maria João Madeira; Op. Cit.; p. 96.

⁶⁰ Cfr, Idem.; p. 96.

⁶¹ Cfr, Ibidem.; p. 105.

⁶² Cfr, Pereira, Nuno Moniz; Símbolos da Igreja Cristã; Edição Presselivre, Imprensa Livre SA; 2009; p.41

⁶³ Cfr, Pereira, Nuno Moniz; Op. Cit. ; p.44

Tabela 3 - A orientação, naves e planta da Igreja dos Mosteiros masculinos

Mosteiros Masculinos	Orientação	Naves	Planta
St ^a Maria de Fiães	Este	3	Longitudinal
St ^a Maria do Ermelo	Nordeste	1	Longitudinal
St ^a Maria do Bouro	Este	1	Longitudinal
St ^a Maria das Júnias	Sudeste	1	Longitudinal
S. Pedro de Águias o Velho	Este	1	Longitudinal
S. Pedro de Águias o Novo	Este	1	Longitudinal
St ^a Maria de Salzedas	Este	3	Longitudinal
S. João de Tarouca	Este	3	Longitudinal
St ^a Maria de Seiça	Este	3	Longitudinal
St ^a Maria de Maceira Dão	Nordeste	1	Elíptica
S. Cristóvão de Lafões	Noroeste	1	Octogonal
St ^a Maria de Aguiar	Este	3	Longitudinal
St ^a Maria de Alcobaça	Este	3	Longitudinal
St ^a Maria da Estrela	Este	1	Longitudinal
S. Paulo de Almaziva	Este	1	Longitudinal

Os Mosteiros Masculinos na sua maioria tem apenas uma nave, salientando-se com três naves os Mosteiros St^a Maria de Fiães, St^a Maria de Salzedas, S. João de Tarouca, St^a Maria e Seiça, St^a Maria de Aguiar e St^a Maria de Alcobaça.

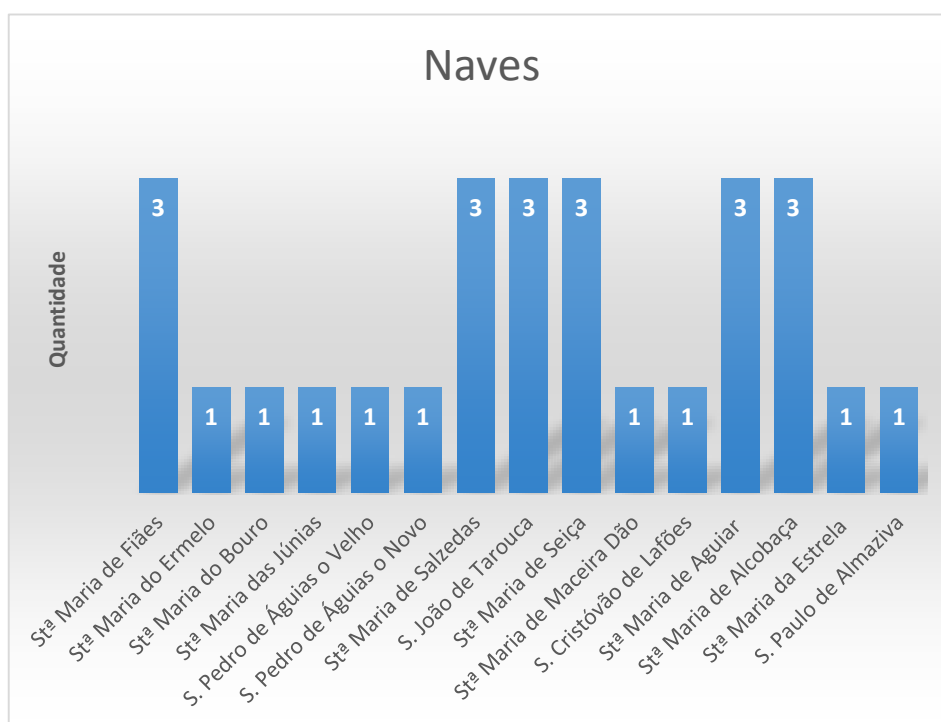


Gráfico 1 - Nº de naves das Igreja nos Mosteiros masculino

A orientação como é demonstrada no gráfico 2 refere-se ao grande número de Mosteiros Masculinos orientados a Este num total de 11, este estudo conta com 15 Mosteiros Masculinos, 2 Mosteiro orientados a Nordeste, salientando o Mosteiro de St^a Maria do Ermelo e o Mosteiro de St^a Maria Maceira Dão, a Noroeste o Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões e por último a Sudeste o Mosteiro de St^a Maria das Júnias.

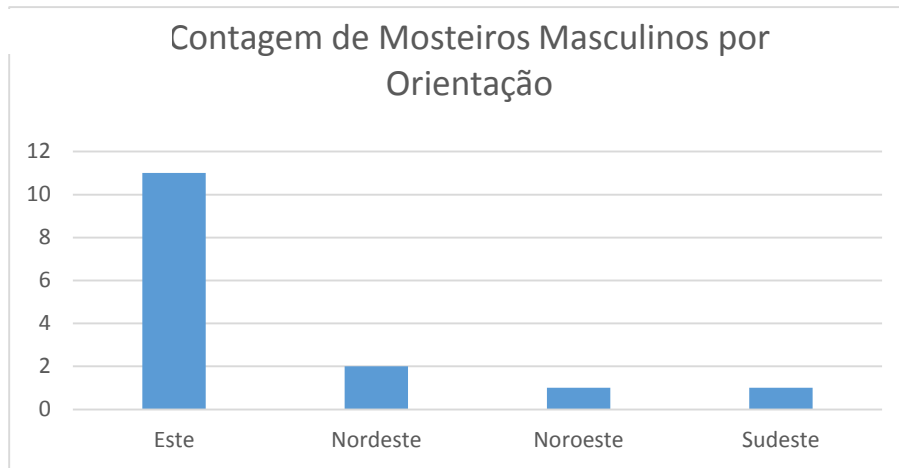


Gráfico 2 - Orientação da Igreja nos Mosteiros masculinos

As Igrejas dos Mosteiro masculinos têm em geral planta Longitudinal (13) dos Mosteiros Masculinos, salientando com planta octogonal o Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões e o Mosteiro de St^a Maria Maceira do Dão com planta elíptica.

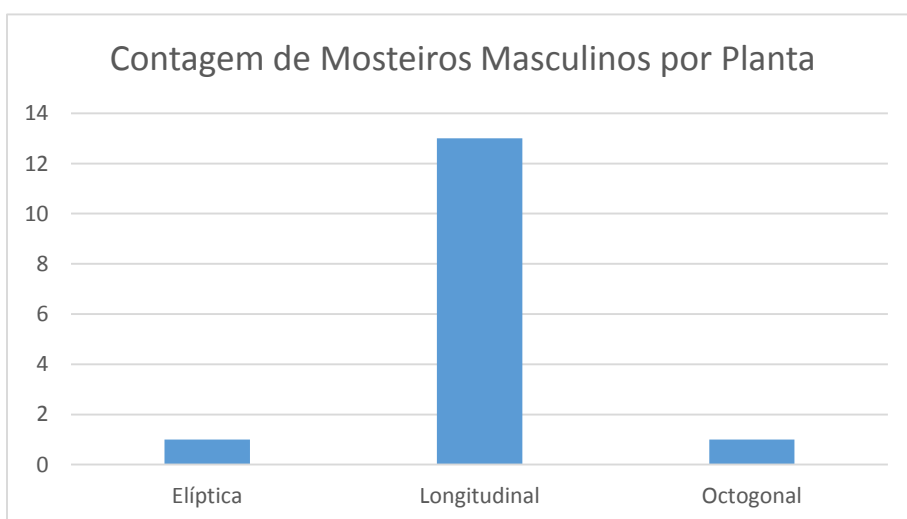


Gráfico 3 - Tipo de planta da Igreja nos Mosteiros masculinos

No Mosteiro de St^a Maria Maceira do Dão, encontra-se a planta elíptica, possuindo a igreja uma planimetria barroca e linha erudita, com cobertura interna diferenciada, com uma falsa cúpula elíptica na nave e com falsa abóbada de lunetas na capela - mor, obtendo iluminação directa feita através de janelas rectilíneas, com rasgos na fachada lateral e na principal. A capela-mor é muito profunda, deve-se à necessidade da colocação do cadeiral monástico neste local⁶⁴.

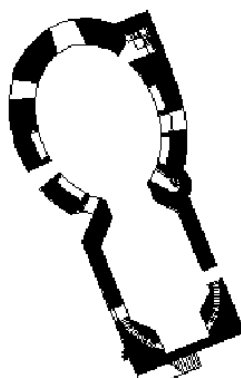


Fig. 16 - Planta da Igreja de St^a Maria Maceira do Dão

Fig. 15 - Mosteiro de St^a Maria de Maceira do Dão

O Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões contempla uma igreja composta por uma planta octogonal, e um plano central com pórtico rectangular composto por colunas (ver anexo ficha. nº 9.9, pag.70)⁶⁵.

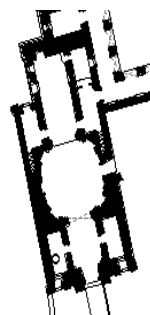


Fig. 18 - Planta do Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões

Fig. 17 - Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões

⁶⁴ Ref. retirada do SIPA (http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7263) em 18/09/2014

⁶⁵ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; p. 926.

Tabela 4 - A orientação, naves e planta da Igreja dos Mosteiros femininos

Mosteiros Feminino	Orientação	Naves	Planta
S. Pedro e S. Paulo de Arouca	Este	1	Longitudinal
St ^a Maria de Almoester	Nordeste	3	Longitudinal
S. Mamede de Lorvão	Este	1	Longitudinal
S. Bento de Cástris	Nordeste	1	Longitudinal
S. Bernardo de Portalegre	Este	1	Longitudinal
S. Dinis de Odivelas	Nordeste	1	Longitudinal
Nossa Senhora de Tabosa	Sudeste	1	Longitudinal
St ^a Maria de Celas	Este	1	Circular
St ^a Maria de Cós	Oeste	1	Longitudinal
N. S. Nazaré de Mocambo	Sudoeste	1	Longitudinal

Em análise do gráfico 4, pode dizer-se que os Mosteiros Femininos quase na totalidade são constituídos e compostos por uma nave, havendo apenas um Mosteiro Feminino que é uma exceção tendo três naves, sendo ele o Mosteiro de St^a Maria de Almoester.

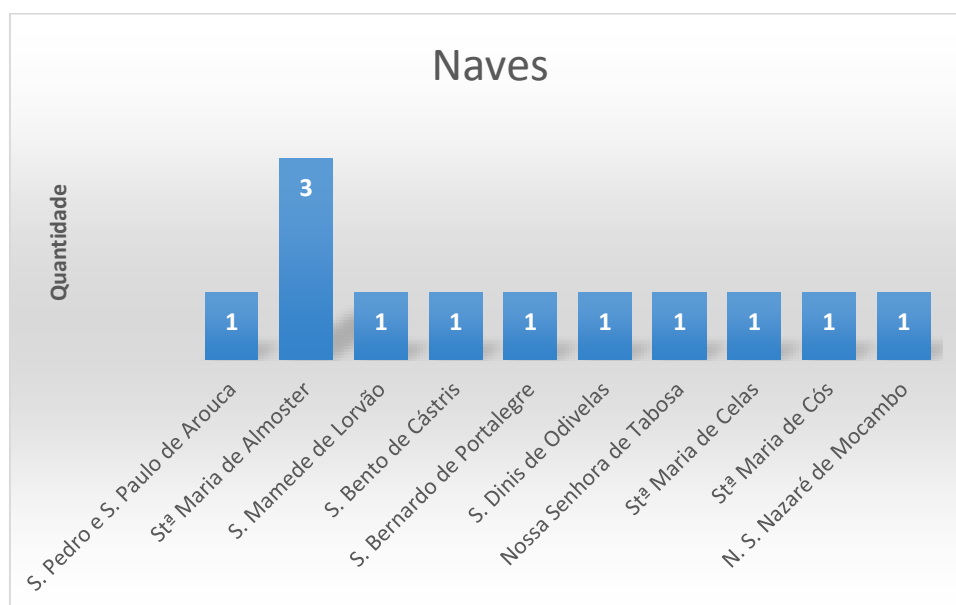


Gráfico 4 - Nº de naves das Igreja nos Mosteiros femininos

A orientação dos Mosteiros femininos no geral é para Este, estando incluídos nesta orientação 4 Mosteiros sendo estes o de S. Pedro e S. Paulo de Arouca, S. Mamede de Lorvão, S. Bernardo de Portalegre e St^a Maria de Celas; 3 orientados a Nordeste salientando St^a Maria de Almoster, S. Bento de Cástris e S. Dinis de Odivelas; 1 a Oeste o Mosteiro de St^a Maria de Cós; 1 a Sudeste o Mosteiro de Nossa Senhora de Tabosa e por último o Mosteiro orientado a Sudoeste Nossa Senhora da Nazaré de Mocambo.

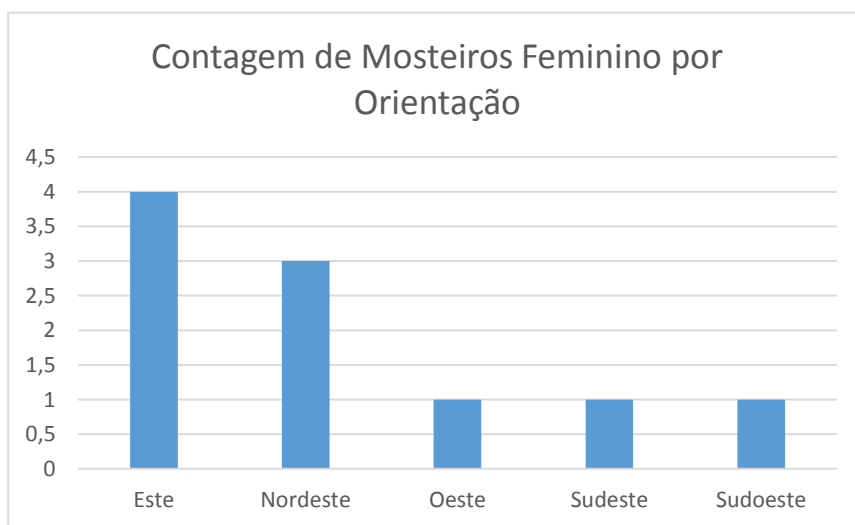


Gráfico 5 - Orientação da Igreja nos Mosteiros femininos

As Igrejas dos Mosteiros femininos têm em geral planta longitudinal, existindo apenas um Mosteiro com planta circular, sendo o Mosteiro de St^a Maria de Celas.

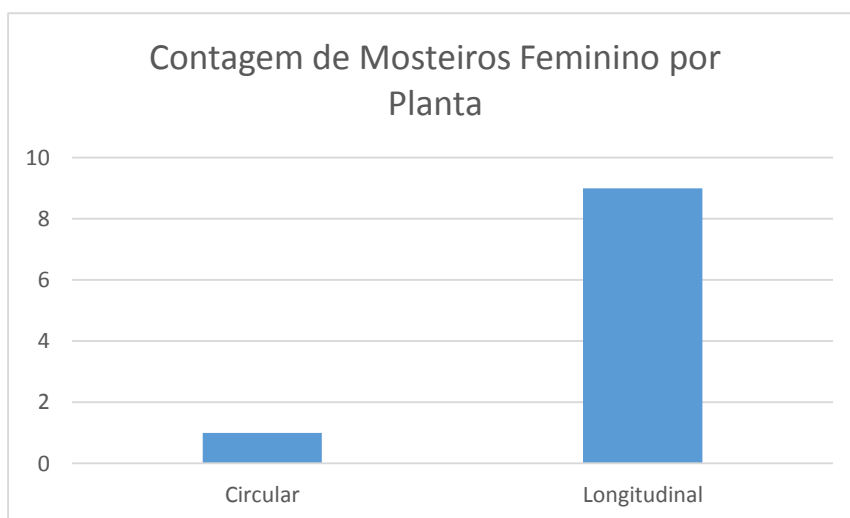


Gráfico 6 - Tipo de planta da Igreja nos Mosteiros femininos

Do Mosteiro de S. João de Tarouca pode-se salientar a planta longitudinal que tem como características a cruz latina, a orientação feita para nascente, duas capelas de fecho recto abrindo para o transepto, e cabeceira com presbitério, o seu corpo longitudinal tripartido e dividido por cinco tramos transversais, com pilares de secção rectangulares, com cobertura de abóbada de arco quebrado⁶⁶.

A igreja do Mosteiro de S. João de Tarouca segue a tipologia simplificada do gótico, no interior é composta por três naves de cinco tramos de arcos ogivais, separadas por pilares e com decoração nos capitéis com elementos vegetalistas. A capela-mor apresenta volumes escalonados sendo coberta por abóbada de cruzaria de ogivas. O espaço interno do templo encontra-se dividido pela construção de um coro baixo maneirista, que separava a zona das religiosas da parte destinada aos leigos⁶⁷.

Segundo Virgolino Ferreira Jorge, “O modelo simples segundo a quadratura (ad quadratum), de grande eficácia e vantagem estética por garantir uma organização eurítmica da área edificada, foi considerada uma norma na arquitectura Cisterciense, aplicada a qualquer escala”⁶⁸.

Virgolino Ferreira Jorge, salienta que a “unidade de cumprimento adoptada na arquitectura europeia foi o pé, até a oficialização do sistema métrico decimal, no século XIX. Em Portugal, devido à forte romanização na Península Ibérica, foram de uso corrente, até aquela data o palmo (0,223m) e o pé romano (0,296m)”⁶⁹.

Estes estudos apesar de não estarem comprovados, também não foram desmentidos e segundo o que refere Virgolino Ferreira Jorge, a unidade linear utilizada no Mosteiro de S. João de Tarouca foi o “antigo pé real, que corresponde a (0,325m) do sistema métrico decimal dividido em doze polegadas (0,027m). A sua justificação deve-se ao facto de o projecto ter sido elaborado no pais-berço da Ordem de Cisterciense”⁷⁰.

⁶⁶ Cfr, Jorge, Virgolino Ferreira; A Arquitectura Medieval e número na Igreja Cisterciense de S. João de Tarouca; Universidade de Évora; p. 370

⁶⁷ Ref. retirada do documento da Direcção Geral do Património Cultural www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70494/ em 15/09/2014

⁶⁸ Cfr, Jorge, Virgolino Ferreira; A Arquitectura Medieval e número na Igreja Cisterciense de S. João de Tarouca; Universidade de Évora; p. 376

⁶⁹ Cfr, Jorge, Virgolino Ferreira; Op. Cit.; p. 376

⁷⁰ Cfr, Idem.; p. 378

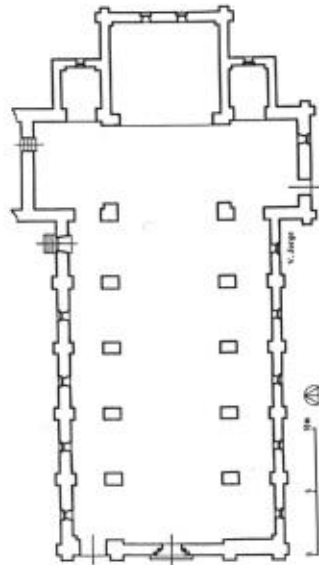


Fig. 19 - Planta do Mosteiro de S. João de Tarouca



Fig. 20 - Mosteiro de S. João de Tarouca

Nos Mosteiros Femininos as plantas são todas longitudinais à excepção do Mosteiro de St^a Maria de Celas, com planta circular centralizada é única com um plano central, aberto ao mosteiro e com o coro das monjas que lhe foi adicionado mais tarde⁷¹.

No interior da igreja encontra-se o nártex, nave única de dois tramos, transepto e capela-mor, a nave separada do coro por uma grade em ferro e bronze.



Fig. 21 - Planta da Igreja do Mosteiro de St^a Maria de Celas com a imagem da lateral do Mosteiro

No séc. XIII evidencia-se o peso crescente do monaquismo feminino em Portugal, este iniciou-se com o reinado de D. Sancho I, com a chegada a Portugal, D. Teresa, filha primogénita de D. Sancho, foi a obreira da introdução das monjas em Lorvão, procurando uma forma de se refugiar e de poder ter algum tempo de reflexão. A introdução das monjas, sob a definitiva observância Cisterciense, e protecção no espiritual e material⁷².

Verifica-se que as igrejas femininas em Portugal, apresentam uma diversidade conceptual maior que as igrejas masculinas. Desta forma as monjas adaptaram a arquitectura à condição de clausura⁷³.

⁷¹ Cfr, Virgolino, Ferreira Jorge; *Monastères Cisterciens de femmes au Portugal - Note sur la typologie des sites et des églises*; Citeaux et les femmes; éditions CREAPHIS; Paris 2001; p. 80

⁷² Cfr, Marques, Alegria Marques; *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portuga*; Edições Colibri; Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Lisboa 1998; p.133

⁷³ Cfr, Virgolino, Ferreira Jorge; *Op. Cit.*; p. 80

Capítulo 5

Os coros nos Mosteiros Cistercienses

A tipologia da arquitectura da comunidade religiosa feminina e da masculina no que diz respeito ao coro, este está contigo espacialmente na igreja dos fiéis, mas está separado por robustos dispositivos construtivos os quais garantem o afastamento e o recolhimento necessário das religiosas em estrito cumprimento da clausura. Temos como dispositivos: as grades duplas, as paredes espessas e os postigos. Do coro se acede ao mirante, que intervém entre o mundo interior e o exterior⁷⁴.

O coro-alto aparece devido ao Concílio de Trento, permitindo a sobreposição de vários coros, que transmite a ideia de dois mundos ligados por uma passagem estreita mas severa e de onde se traduz uma robustez das grades, mais eficaz que a própria imagem dos próprios muros que as continham⁷⁵.

O espaço sagrado na arquitectura passou a ser uma prioridade a ter em conta e a sua organização espacial⁷⁶.

O Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre com o coro baixo e o coro alto sobrepostos é uma situação única nos Mosteiros cistercienses em Portugal.

Desta forma possui uma Igreja com cabeceira tripartida, escalonada por capelas, sendo a capela-mor mais profunda e mais larga, e as capelas laterais quadrangulares com cobertura em abóbadas achatadas.

O coro-alto é sustentado por duas fiadas de seis colunas toscanas de granito. O Coro-baixo possui acesso por grade em ferro forjado, com portas de madeira; cercando a grade, a Norte o confessionário; cadeiral com 40 assentos; tecto de vigas salientes, formando caixotões com pintura policromada de decoração vegetalista⁷⁷.

⁷⁴ Cfr, Nunes, Lígia; Sistema de Mediação, Elementos Construtivos e Espaciais; Porto; Universidade Lusófona do Porto, p. 89

⁷⁵ Cfr, Nunes, Lígia; Sistema de Mediação, Elementos Construtivos e Espaciais; Porto; Universidade Lusófona do Porto, p. 91

⁷⁶ Cfr, Beaumont, Maria Alice; Presença de Cister em Portugal; Alcobaca; 1984; p. 4

⁷⁷ Retirado do SIPA; http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3748 em 20/09/2014



Fig. 22 - Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre - Coro Alto e Coro Baixo

O Coro-alto tem um cadeiral duplo de 54 assentos em madeira exótica; e possui uma escada de acesso à cobertura e duas portas emparedadas, composto de sanefas em talha dourada e vários painéis de azulejos de evocação Bernardina na nave⁷⁸.



Fig. 23 - Coro Alto da Igreja do Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre

⁷⁸ Retirado do SIPA; http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3748 em 20/09/2014



Fig. 24 - Coro Lateral da Igreja de S. Bento de Cástris

A Igreja possui planta longitudinal de nave única, com capela lateral e coro lateral; cobertura em abóbadas, de quatro tramos, com fechos dourados e lavrados com os emblemas de D. Manuel I e com o brasão dos Almeidas e motivos vegetalistas. Coro Lateral, com ligação através de um portal em ferro à capela-mor, é uma sala quadrangular, com tecto abatido de caixotões⁷⁹.



Fig. 25 - Interior do Coro Lateral

Em S. Bento de Cástris existia também um coro alto, como a própria imagem do interior da Igreja nos transmite.



Fig. 26 - Coro Alto da Igreja de S. Bento de Cástris

⁷⁹ Recolhido de http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6511 em 19/09/2014

As paredes são revestidas de azulejos azuis e brancos, que conta a história sobre a vida de São Bernardo, contendo um friso polícromo. A capela-mor, sobrelevada em relação à nave, de dois tramos; cobertura em abóbada estucada com pinturas murais; retábulo-mor em talha dourada⁸⁰.



Fig. 27 - O interior da Igreja

A importância da articulação espacial, dentro das igrejas cistercienses e da clausura, reservada às monjas e os sacerdotes que as assistiam e onde poderiam entrar os fiéis. Deste modo as monjas eram normalmente colocadas no coro alto e de onde assistiam aos serviços religiosos, às vezes sacrificando a própria visão⁸¹.

O caso da Igreja do Mosteiro de S. Bento de Cástris é caso único em Portugal, porque tem dois coros em situação irregular um coro alto sobre a porta de entrada para a Igreja e um coro lateral perto do altar.

O caso da Igreja do Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre, também é um caso especial e único em Portugal no que diz respeito aos coros, possuindo igualmente dois coros, existindo o coro baixo e logo sobreposto a este o coro alto.

⁸⁰ Recolhido de http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6511 em 19/09/2014

⁸¹ Cfr, Santamaria, Eduardo Correia; Una Simplicidad Arquitectónica Encima De Los Estilos. La Iglesia Del Monastério Cisterciense Entre Espacios y Funciones in Carreiras, José Albuquerque (dir);Mosteiros Cistercienses - História, Arte, Espiritualidade e Património; Tomo II; Ed. Jorlis; Alcob a 2013; p. 136.

Capítulo 6

Especificidade do Mosteiro de S. Bento de Cástris

O Mosteiro de S. Bento de Cástris situa-se na encosta do Alto de S. Bento, afastando da cidade de Évora cerca de 2,5 Km. Situando-se num enclave, que permite a divisão da zona económica, local fértil em pomares, hortos e vinhedos e da zona do maciço granítico onde é feita a captação de águas⁸².

O Mosteiro de S. Bento de Cástris enquadra-se na realidade do património arquitectónico alentejano e obedece a uma distribuição de espaços típico das comunidades Cistercienses, desenvolvendo-se em planta quadrilátera, com as alas a Sul, Este e Oeste em ângulo recto a ala a Norte com alguma obliquidade a arquitectura alia a funcionalidade com a simplicidade, apelando à contemplação e à meditação⁸³.

S. Bento de Cástris tem o mérito de ter sido a mais antiga fundação Cisterciense a Sul do Tejo, enquanto comunidade reconhecida e organizada e sendo a segunda comunidade religiosa da cidade de Évora, depois da franciscana de acordo com dados documentais⁸⁴.

O Mosteiro ao longo dos séculos sofreu várias intervenções, na ala a Sul a abside da Igreja estaria saliente, a Sul localizando-se a sacristia, estando esta próxima da entrada de modo que a clausura não era quebrada; com duas salas que dão para o claustro existiam antes da intervenção no século XVI. A primeira sala ao fundo da nave fazia parte do coro das religiosas e de fácil acesso ao claustro, disposição clássica dos mosteiros cistercienses femininos; ainda o coro superior com alguns vestígios góticos⁸⁵.

A Igreja apresenta nave única com características quinhentistas, em alguns pormenores na fachada com a esfera armilar, armas dos Melos que se repetem em alguns capitéis do claustro, com ogivas simples e arcos quebrados; nas paredes nascem os arcos ogivais em mísula com efeitos geométricos e vegetalistas.

⁸² Cfr. Lacerda, Manuel; CISTER, Espaço, Territórios, Paisagens-Colóquios Internacionais, 16 a 20 Junho, 1998, Mosteiro de Alcobaça; Instituto Português do património Arquitectónico; 2000; Volume I; pp.122

⁸³ Cfr. Conde, Antónia Fialho; O Sentido do Tempo num Espaço Conventual - S. Bento de Cástris; Évora;1996-1997; pp. 261

⁸⁴ Cfr. Conde, Antónia Fialho; Cister a Sul do Tejo - O Mosteiro S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776); Edições Colibri; Évora 2005; pp. 6

⁸⁵ Cfr. Conde, Antónia Fialho; Op. Cit.; pp. 263

A Igreja de planta de cruz latina a nave e os braços de transepto contêm abóbadas manuelinas⁸⁶.

A Igreja teve também uma importante intervenção no coro lateral, ao nível do tecto, com decorações losangulares que o caracterizam sobre a anterior estrutura renascentista.⁸⁷

Após vários estudos e análises de algumas obras, sendo possível datar a fundação de alguns mosteiros femininos em Portugal do século XIII, explicita a ambiguidade em relação a São Bento de Cástris em Évora sendo documentado desde 1275, altura em que se ligou à ordem de Cister, não transparecendo a data do início enquanto comunidade religiosa feminina⁸⁸.

O Mosteiro é de construção quadrilátera, com os volumes das alas Este, Oeste e Sul em ângulo recto, apresentando a ala norte alguma obliquidade, em particular no claustro que se impõe em relação a todo o edifício. A Sul temos a Igreja e a sacristia, duas salas que se ligam com o claustro, uma das quais encontra-se mais afastada da igreja, pode ter tido funções de parlatório, numa fase inicial. No prolongamento da ala dos conversos, encontram-se três salas utilizadas pela comunidade feminina⁸⁹.

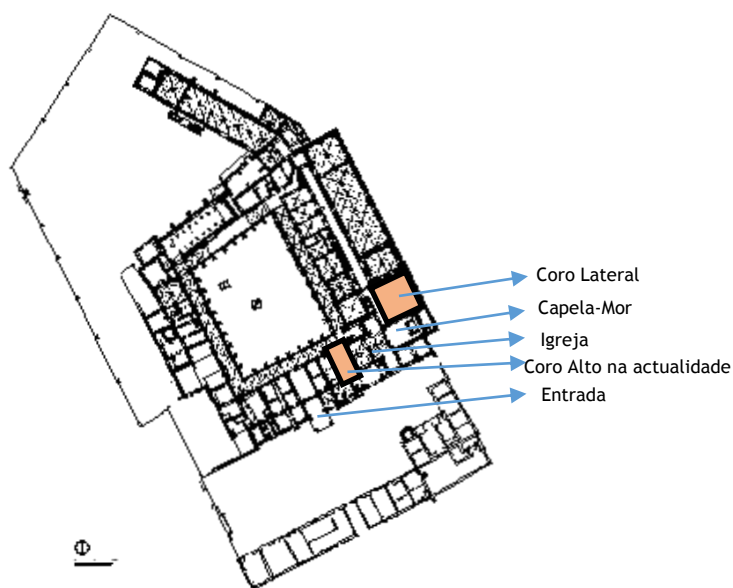


Fig. 28 - Planta de S. Bento de Cástris

⁸⁶ Cfr. Lacerda, Manuel; CISTER, Espaço, Territórios, Paisagens-Colóquios Internacionais, 16 a 20 Junho, 1998, Mosteiro de Alcobaça; Instituto Português do património Arquitectónico; 2000; Volume I; p.126

⁸⁷ Cfr. Conde, Antónia Fialho; O Sentido do Tempo num Espaço Conventual - S. Bento de Cástris; Évora;1996-1997; pp. 268

⁸⁸ Cfr. Lacerda, Manuel; Op. Cit.; p.124

⁸⁹ Cfr, Conde, Antónia Fialho; A afirmação do Mosteiro de S. Bento de Cástris no Contexto local e nacional; Actas de Cister - Espaço, Território, Paisagens; Colóquio Internacional, 16-20 Junho de 1998, Mosteiro de Alcobaça; p.125.

A Igreja tem planta de cruz latina com nave única, com características quinhentistas, com esfera armilar que se repete na decoração de alguns capitéis do claustro. A nave e os braços do transepto apresentam abóbada manuelina. Na fachada lateral aparece a porta principal, em arco de volta perfeita.

O coro alto das religiosas ocupa o fundo da igreja deve-se à facilidade de acesso ao claustro, existindo ainda alguns traços góticos. Foi criado um novo coro, devido às intervenções ficando o coro alto para as monjas conversas, a comunicação do novo coro com a estrutura do mosteiro deve-se à abertura do muro oriental da casa do capítulo, este coro apresenta uma abóbada muito baixa, com caixotões em formato de losangos colocados sobre a anterior abóbada quinhentista. O cadeiral chegava ao cimo da cornija porque a abóbada era muito baixa⁹⁰.

A Poente existe ainda o local correspondente à cozinha, havendo ainda vestígios do calefactório. Na zona Norte está o refeitório das religiosas com cobertura abobadada com arco de volta perfeita, prolongando-se até às duas salas seguintes, que abrem para o claustro havendo outras duas salas paralelas. Depois da sala do capítulo há uma outra sala e junto desta a capela da Senhora do Rosário⁹¹.

O claustro espaço imponente apresenta uma galeria gótica-mudéjar com arcos de ferradura, no primeiro piso e no segundo piso arcos abatidos, no terceiro piso arcos de volta perfeita, com capitéis ornamentados com motivos vegetalista e antropomórficos. A sala do capítulo elemento de caris gótico, que abre para o corredor do claustro com porta de arco em ogiva, remontando ao século XIV⁹².



Fig. 29 - Capitel com motivos antropomórfico

⁹⁰ Cfr, Conde, Antónia Fialho; A afirmação do Mosteiro de S. Bento de Cástris no Contexto local e nacional; Actas de Cister - Espaço, Território, Paisagens; Colóquio Internacional, 16-20 Junho de 1998, Mosteiro de Alcobaça; pp.125-126.

⁹¹ Cfr, Conde, Antónia Fialho; Op. Cit.; p.127.

⁹² Cfr, Conde, Antónia Fialho; Idem; pp.128-129.

A cerca do mosteiro é composta por uma grande dimensão de terreno agrário nela encontrando-se oliveiras, sobreiros, havendo ainda zona de pastorícia.

O Mosteiro de S. Bento de Cástris, foi o primeiro na história religiosa da cidade de Évora, e sendo a primeira comunidade que se instalou fora das muralhas medievais cumprindo a exigência de retiro⁹³.

As noviças ao entrarem no mosteiro têm obrigações, funções bem como sanções, destacando-se o papel da mestra das noviças, cuja presença era um indicador de vitalidade na comunidade. Dá-se relevância às origens geográficas, o nível etário de entrada na comunidade e a origem social, sendo algumas delas membros das famílias de elite do reino⁹⁴.

No contexto pós-tridentino é valorizada a pureza feminina, exigindo primordialmente os votos de castidade e a clausura perpétua que se completa com os votos de pobreza e obediência⁹⁵.

Pretende-se frisar a importância de um espaço religioso feminino Cisterciense, que se implantou numa região recém-conquistada, o que faz com que a comunidade religiosa de S. Bento de Cástris fosse uma comunidade habituada a lidar com adversidades de se fixar num espaço físico fora dos muros do burgo, como conquista de população monástica, uma verdadeira missão apostólica⁹⁶.



Fig. 30 - Vista do Mosteiro de S. Bento de Cástris

⁹³ Cfr. Conde, Antónia Fialho; A estrada de S. Tiago a Sul do Tejo: A mística Apostólica e Combativa no Mosteiro de S. Bento de Cástris; Actas IV Congresso Internacional Cister En Portugal Y En Galicia Tomo I; p.66

⁹⁴ Cfr. Conde, Antónia Fialho; Cister a Sul do Tejo - O Mosteiro S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776); Edições Colibri; Évora 2005; pp. 9

⁹⁵ Cfr. Conde, Antónia Fialho; A Estrada de Santiago a Sul do Tejo - A Mística Apostólica e Combativa no Mosteiro de S. Bento de Cástris; Edições Oseira; Braga 2009; pp. 72

⁹⁶ A estrada de S. Tiago a Sul do Tejo; Op. Cit.; p.67

7. Conclusão

O trabalho desenvolvido ao longo desta dissertação teve por base o estudo efectuado pelas Professoras Doutora Ana Maria Tavares Martins e Professora Doutora Maria Antónia Marques Fialho Conde.

No estudo depois da análise morfológica sumária dos Mosteiros Cistercienses, para além da contextualização histórica da Ordem de Cister.

Analizou-se as plantas dos mosteiros Cistercienses no que diz respeito à sua organização e os elementos de que esta é composta: O Spiritus (Igreja), Anima (Ala dos monges), Clastrum (Claustro), Corpus (Ala do refeitório) e Domus Conversorum (Ala dos conversos).

Foi feita a análise das Igrejas dos Mosteiros Cistercienses em estudo, sendo esta a base e o centro da vida da comunidade monástica, permitindo compreender a sua organização a nível espacial.

As Igrejas a nível geral encontram-se orientadas para nascente e são compostas com planta longitudinal e com uma nave. Destacando-se pela diferença nos Mosteiros Masculinos o Mosteiro de St^a Maria Maceira Dão com planta Elíptica, o Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões com planta Octogonal, e o Mosteiro feminino de St^a Maria de Celas com planta Circular, sendo estes os Três casos únicos em Portugal de Mosteiros com plantas que divergem do habitual.

Verificou-se ainda que os Mosteiro apesar na sua maioria ter uma nave no interior da Igreja, nos mosteiros masculinos que têm três naves são, o Mosteiro de St^a Maria de Fiães, Mosteiro St^a Maria de Salzedas, Mosteiro de S. João de Tarouca, Mosteiro de St^a Maria de Seiça, Mosteiro St^a Maria de Aguiar e o Mosteiro de St^a Maria de Alcobaça dos quinze Mosteiros masculinos estudados. Nos Mosteiro femininos apenas um é composto por três naves no interior da Igreja sendo ele o Mosteiro de St^a Maria de Almoester dos dez Mosteiros femininos estudados.

Analisaram-se os coros nos mosteiros masculinos e femininos as diferenças entre eles no que diz respeito aos mosteiros femininos e a colocação destes coros nas igrejas criando uma organização espacial específica. Saliencia-se o Mosteiro Femininos no caso do Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre com os dois coros sobrepostos, não existindo em Portugal mais nenhum com estas características e o Mosteiro de S. Bento de Cástris também exemplo único com coro alto e com coro lateral.

Analisou-se a especificidade do Mosteiro de S. Bento de Cástris com o intuito de compreender a evolução de um dos mais importantes mosteiros que teve a mais antiga fundação Cisterciense a Sul do Tejo, e enquanto comunidade religiosa feminina reconhecida.

Foi feita a análise da tipologia dos Mosteiros Cistercienses, através de fichas desenvolvidas com a localização específica de cada Mosteiro a nível da cartografia, com as datas de construção, o estilo dominante de cada um, a diocese em que estes estão inseridos, a freguesia que os acolhe, a propriedade a que estão afectos, a sua história e análise dos mosteiros em particular.

Os Mosteiros Masculinos estudados foram: Mosteiro Santa Maria de Fiães, St^a Maria do Ermelo, St^a Maria do Bouro, St^a Maria da Júnias, S. Pedro das Águias o Velho, S. Pedro das Águias o Novo, Mosteiro de St^a Maria de Salzedas, S. João de Tarouca, Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões, Mosteiro de St^a Maria Maceira do Dão, Mosteiro de St^a maria de Aguiar, Mosteiro de St^a maria da estrela, Mosteiro de S. Paulo de Almaziva, Mosteiro de St^a Maria de Seiça e o mosteiro de St^a Maria de Alcobaça.

Os Mosteiros Femininos estudados foram: Mosteiro de S. Pedro e S. Paulo de Arouca, Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção de Tabosa, Mosteiro de S. Mamede de Lorvão, Mosteiro de St^a Maria de Celas, Mosteiro de St^a Maria de Cós, Mosteiro de S. Dinis de Odivelas, Mosteiro de Nossa Senhora de Nazaré de Mocambo, Mosteiro de St^a Maria de Almoester, Mosteiro de São Bernardo de Portalegre e mosteiro de S. bento de Cástris.

Espera-se que esta análise sumária sirva de motivação para estudos mais específicos neste âmbito.

8 - Bibliografia

- AINAUD, J. F., Araújo, C., & Alonso, M. (2003). Grande Temática Planeta. Lisboa: Planeta.
- CARREIRAS, J. A. (2013). Una Simplicidad Arquitectónica Por Encima de los Estilos. La Iglesia Del Monastério Cisterciense Entre Espacios y Funciones. História, Arte, Espiritualidade e Património (pp. 117-138). Alcobaça: Jorlis.
- CEBALLOS, A. R. (1991). Liturgia y configuración del espacio en la arquitectura española y portuguesa a raíz del Concilio de Trento. anuário del Departamento de Historia y Teoria del Arte (pp. 44-52). Madrid: Universidade Autónoma de Madrid.
- CONDE, A. F. (2005). Cister a Sul do Tejo - O mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776). Évora: Colibri.
- CONDE, A. F. (2009). A Estrada de Santiago a Sul do Tejo: A Mística Apostólica e Combativa no Mosteiro de S. Bento de Cástris. Los Caminhos de Santiago Y La Vida Monástica Cisterciense (pp. 65-282). Braga: Oseira.
- CONDE, M. A. (2000). A afirmação do Mosteiro de S. Bento de Cástris. Em J. E. Correia, P. Dias, W. R. Garcia, A. N. Gusmão, J. Virgolino, & J. Matoso, Cister Espaços, Territórios, Paisagens (pp. 121-133). Lisboa: Ministerio da Cultura.
- GARCIA, M. Á., Carreiras, J. L., & Conde, A. F. (2009). IV Congresso Internacional de Cister En Portugal y En Galicia. A Estrada de Santiago a Sul do Tejo: A Mística Apostólica e Combativa no Mosteiro de S. Bento de Cástris, p. 72.
- JORGE, V. F. (2001). Note sur la typologie des sites et des églises. Em B. Barrière, & M. E. Henneau, Cîteau et les femmes (pp. 70-80). Paris: Creaphis.
- JORGE, V. F. (s.d.). Arquitectura, medida e número na igreja Cisterciense de S. João de Tarouca. Évora: Universidade Évora.
- KOEPEF, H. (1999). La Arquitectura en Sus Planos. Espanha: CÁTEDRA.
- LACERDA, M. (2000). CISTER, Espaços, Territórios, Paisagens. Colóquio Internacional, 16-20 Junho 1998 (pp. 121-134). Mosteiro de Alcobaça: Instituto Português Património Arquitectónico.

- MARQUES, M. A. (1998). Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal. Lisboa: Colibri.
- MARTINS, A. M. (2012). Os Mosteiros Cistercienses na Região das Beiras. Viseu: Quartzo Editora.
- MARTINS, A. M. (2011 - volume II). As Architecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território. Sevilha: Universidade de Sevilha.
- MARTINS, A. M. (2011 - Volume III). As Architecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território. Sevilha: Universidade de Sevilha.
- MARTINS, A. T. (2007). Uma Perspectiva da Ordem de Cister, O Legado Português. Viseu: Tipografia Beira Alta, Lda.
- MARTINS, Ana Maria;. (2011). As Architecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território. Sevilha: Universidade de Sevilha.
- NUNES, L. (s.d.). Sistema de Mediação, Elementos Construtivos e Espaciais. Porto.
- PEREIRA, N. M. (2009). Símbolos da Igreja Cristã. Lisboa: Peres/Soctip.
- RODRIGUES, M. J., Sousa, P. F., & Bonifácio, H. M. (2002). Vocabulário Técnico e Crítico de Architectura. Coimbra: Quimera.
- RODRIGUES, M. J., Sousa, P. F., & Bonifácio, H. M. (2002). Vocabulário Técnico e Crítico de Architectura. Coimbra: Quimera.
- SERRÃO, J. (1992). Dicionário de História de Portugal (Vol. I). Porto: Livraria Figueirinhas.
- TEIXEIRA, F. (Dezembro de 2008). A Architectura Monástica e Conventual Feminino em Portugal (século XIII-XIV). Lisboa: Medievalista.

Anexos

Localização dos Mosteiros Cistercienses

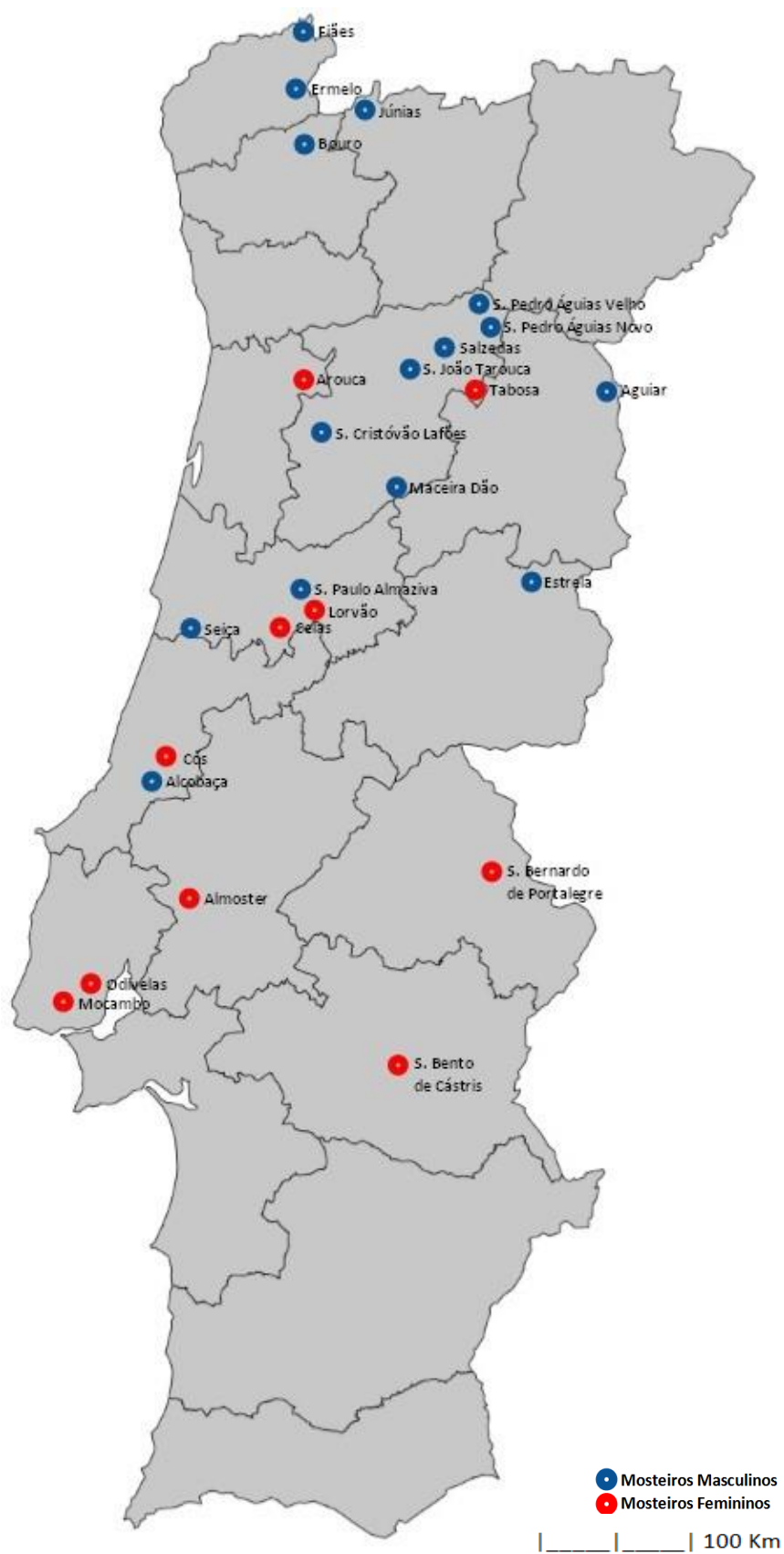


Fig. 31 - Localização dos Mosteiros Cistercienses (mapa elaborado pela autora).

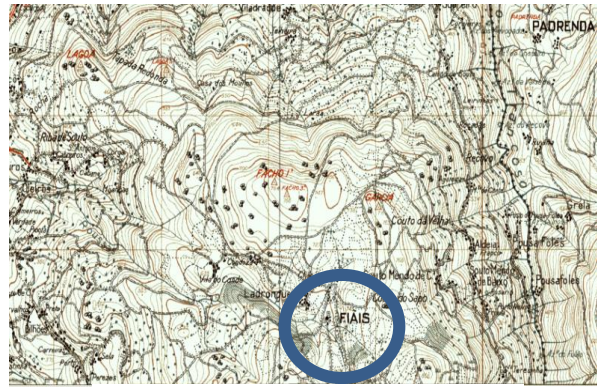
9 - Tipologia dos Mosteiros Cistercienses Masculinos

9.1 - Mosteiro Santa Maria de Fiães

Localização: 42° 06' 14.25" Norte - 8° 12' 40.08" Oeste - 697m de Elevação



Fig. 32 - Google de 2014 em 11/03/2014



Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 1 Melgaço (1997)

Mosteiro de Fiães



Fig. 33 - Fachada do Mosteiro de Fiães

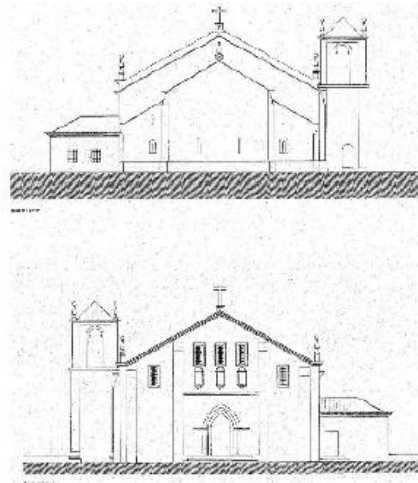


Fig. 34 - Alçados laterais e posteriores

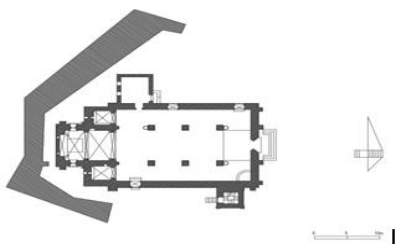


Fig. 35 - Planta do Mosteiro st^a Maria de Fiães

Construção: Séc. XIII / XVII
Estilo Dominante: Exterior - Românico /
Interior - Barroco
Diocese: Viana do Castelo
Freguesia: Fiães
Propriedade: Estado

Alçado

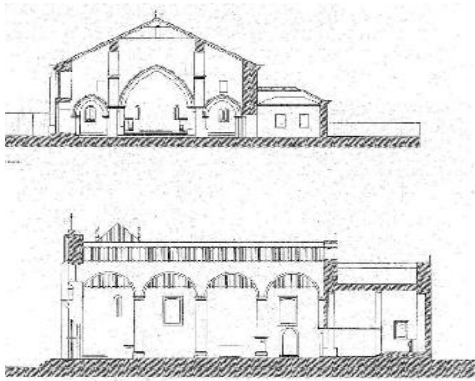


Fig. 36 - Corte transversal e longitudinal

Interior da Igreja



Fig. 37 - Igreja, púlpito e capela-mor

História

A Igreja foi construída na primeira metade do século XIII e reformulada nos séculos XVII e XVIII na fachada e no interior das naves. A Igreja Composta por três naves e os volumes da mesma articulados com a cobertura de telha de uma água nos absidiolos, duas na nave e uma na capela mor e três na sacristia. Encontra-se por sua vez dividido em três corpos por contrafortes e contendo nas laterais janelas estreitas e no centro um pórtico de arco quebrado, de quatro arquivoltas assente sobre pés-direitos e imposta corrida. Na parte superior existem três nichos com as imagens de Nossa Senhora da Assunção, São Bernarrdo e São Bento, três janelas estreitas. No lado Sul abrem-se dois portais de arco pleno sobre impostas e timpano liso, no lado norte duas janelas e portal de arco pleno.

A Igreja da época românica, cujo os traços carateristicos na decoração resume-se aos cachorros prismáticos e à arcatura, que segue a solução corrente na época em mosteiros cistercienses galegos e igrejas minhotas. O interior do edificio é composto por uma planta longitudinal com três naves e quatro tramas. A cabeceira possui três capelas quadrangulares de abóbada quebrada. As naves são separadas por arcos plenos sobre pilares quadrados. A Absidiolos de arco quebrado sobre pilares, rematadas por janelas⁹⁷.

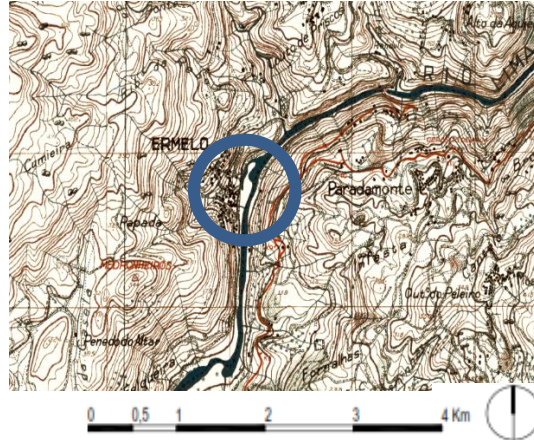
⁹⁷ Cfr, Martins, Ana; as arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume II; Sevilha 2011; pp. 662-663.

9.2 - St^a Maria de Ermelo

Localização: 41° 51' 12.78" Norte - 8° 17' 24.45" Oeste - 68m de Elevação



Fig. 38 - Google de 2014 em 11/03/2014



Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar n° 17 Lindoso (1996)

Mosteiro Santa Maria de Ermelo



Fig. 39 - Mosteiro St^a Maria do Ermelo

Construção: Séc. XIII / Séc. XVIII
Estilo Dominante: Exterior - Românico / Interior - Barroco
Diocese: Viana do Castelo
Freguesia: Ermelo
Propriedade: Igreja
Ocupação: Paróquia

Planta

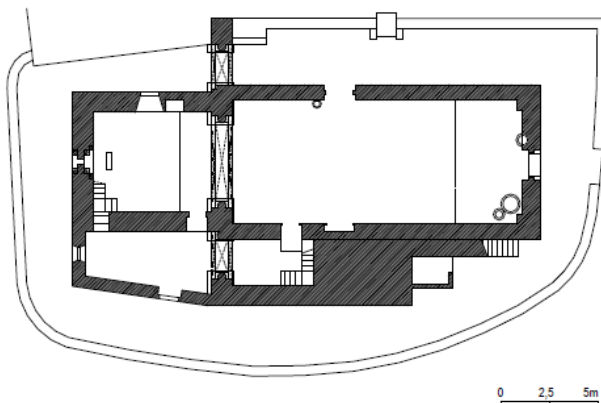


Fig. 40 - Planta do Mosteiro St^a Maria do Ermelo

Plantas

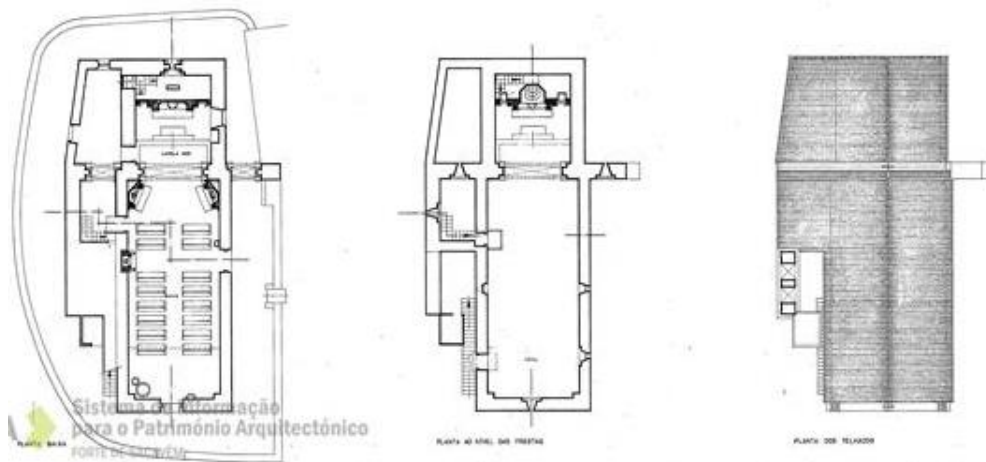


Fig. 41 - Plantas do Mosteiro de St^a Maria do Ermelo

Interior da Igreja



Fig. 42 - Interior da Igreja

História

“O Mosteiro no seu exterior é composto por volumes articulados e com telhado de duas águas. A sul a Igreja ainda mantém a pequena arcada, de arco pleno, vestígio do antigo mosteiro. A norte temos a fachada com campanário disposto paralelamente à nave e com uma escada de acesso entre ambos, estando rematado por pináculos e frontão triangular. A capela-mor com fresta ligada por colunas, com capitéis de folhagem rematados por impostas com laçaria, onde se apoia o arco pleno.

O interior da igreja é composto por nave longitudinal, capela-mor quadrangular, sacristia e torre sineira, com acesso por escada de pedra a norte. O seu interior iluminado por quatro frestas, púlpito quadrangular e dois altares laterais de talha, colocados de ângulo, tecto de madeira e de perfil curvo, as colunas são formadas na base por losangos, garras e capitéis de folhagem”⁹⁸.

⁹⁸ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; p. 684.

9.3 - St^a Maria do Bouro

Localização: 41° 39' 34.57" Norte - 8° 16' 13.36" Oeste - 131m de Elevação



Fig. 43 - Google Earth de 18/06/2010 em 11/03/2014



Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 43 Terras de Bouro (1997)

Mosteiro de Santa Maria do Bouro



Fig. 44 - Fachada Lateral do Mosteiro St^a Maria do Bouro

Construção: Séc. XII / XVIII / XX
Estilo Dominante: Maneirista / Contemporâneo
Diocese: Braga
Freguesia: Bouro
Propriedade: Estado

Implantação da Planta

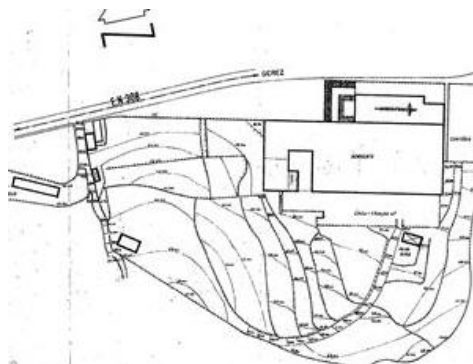


Fig. 45 - Implantação de st^a Maria do Bouro

Coro Alto em 1974



Fig. 46 - Coro Alto

Interior da Igreja



Fig. 47 - Interior da Igreja

História

“O Mosteiro de Santa Maria do Bouro, situado nas terras de Bouro era de origem eremítica, tendo adoptado a observância beneditina nos finais do século XII, sendo a comunidade filiada à ordem de Cister, estando a mesma descrita nas actas do capítulo geral de Cister de 1208. No início do século XVI, este foi entregue a abades comendatários e nesta fase atravessou um período de decadência. Com a integração do Mosteiro na congregação de Alcobaça em 1567, a observância foi restaurada. Em 1692 neste mosteiro habitavam trinta e quatro monges”⁹⁹.

“O mosteiro no seu exterior é composto por volumes articulados com uma dominante horizontal e quebrado pela verticalidade das duas torres sineiras que estão posicionadas na fachada principal da igreja. O telhado é composto por duas e quatro águas.

A planta é constituída pela igreja de nave única e transepto inscrito, capela-mor rectangular, capelas laterais que se comunicam e claustro a sul, para além de outras dependências em forma de U invertido, avançadas perpendicularmente. Estas dependências monásticas adaptadas a pousada, com claustro incrementado lateralmente, a Sul da igreja onde está integrada a sacristia rectangular, a Este estão integradas um corpo em L invertido, formando o pátio e no extremo Este, o corpo quadrangular da cozinha, bem como um esguio corpo rectangular correspondente à paróquia, com um pátio entre ambos. Na fachada principal encontramos a norte portais de verga recta dois deles integrados em pilares e coroados por frontão triangular. Temos as janelas ritmadas com guarda de ferro, intercaladas por nichos e com imagens pétreas, com uma lápide na base e a inscrição identificativa das imagens: Da Sagrada Família, D. Afonso Henriques, D. Sebastião, Cardeal D. Henrique e D. João IV.

⁹⁹ <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=1459336>; Torre do tombo em 25/04/2014

A oeste da fachada no primeiro registo janelas gradeadas, o segundo as janelas de peito e no terceiro plano as janelas da sacada são iguais às da fachada principal. A sul a fachada do corpo L, de três registos é semelhante à fachada lateral oeste¹⁰⁰.

O claustro quadrado com alçados de dois pisos, o primeiro piso com arcadas de arcos plenos sobre colunas dóricas, sobre muretes, aberto ao centro nos quatro lados, no segundo piso apresenta-se com janelas de sacada em granito, com galerias abertas sem cobertura.

A igreja apresenta a fachada principal com pilastras nos cunhais das torres rematadas por pináculos e com coberturas tronco piramidais. No primeiro registo com arcos plenos, no segundo com três edículas, concheadas rematadas por frontão triangular, contendo as imagens de Nossa Senhora da Assunção, S. Bento e S. Bernardo de Claraval.

No terceiro registo com janelas quadrangulares, rodeadas por duas e quatro de lua. Ao centro o portal principal de verga recta e as torres sineiras idênticas de dois registos separados por cornija e com janelas de arcos plenos. Na torre sul vemos o relógio de sol. A fachada posterior, com pano da capela-mor cego, em empena coroada por cruz latina.

O interior do mosteiro foi adaptado para pousada hoje em dia e possui trinta quartos, duas suítes, sala de bilhar, sala de leitura, auditório, restaurante na antiga cozinha. No primeiro piso do corpo em L, encontram-se dois grandes salões, que correspondiam à adega e tulha, e agora tem a função de salões de festas e auditório. O piso superior com acesso principal através do vestíbulo que comunica com os lavabos, recepção, sala de intercomunicadores, televisão e bilhar, bar e alguns dos trinta quartos da pousada.

A igreja apresenta a nave coberta por tecto de madeira pintado de branco, formando falsas abóbadas de arestas com pendentes centrais em talhas douradas. Coro-alto sobre nártex, com guarda em balaustrada de talha, com balcões destacados. Do lado oposto encontra-se a pia e a água-benta. Capelas laterais que se comunicam e com aberturas de arcos plenos, com janelões com guardas de ferro. Entre as capelas encontram-se estátuas pétreas, assentes em grandes mísulas de talha policromada estas representam, no lado do Evangelho S. Mateus, S. João Evangelista e São Luís Rei de França e do lado da Epístola encontra-se S. Marcos e S. Lucas.

As capelas estão protegidas por grades de madeira, com balaustrada. Os braços do transepto, abertos por arcos plenos e os topos dos braços com retábulo de talha policromado, ao centro, ladeado por porta e nicho com altar. A sacristia fica situada ao lado da Epístola. A sacristia com dois tramos, com dupla arcaria plena assente em coluna central dórica¹⁰¹.

¹⁰⁰ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; p. 706.

¹⁰¹ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; pp. 707-710.

9.4 - St^a Maria das Júnias

Localização: 41° 49' 52.86" Norte - 7° 56' 37.55" Oeste - 1060m Elevação

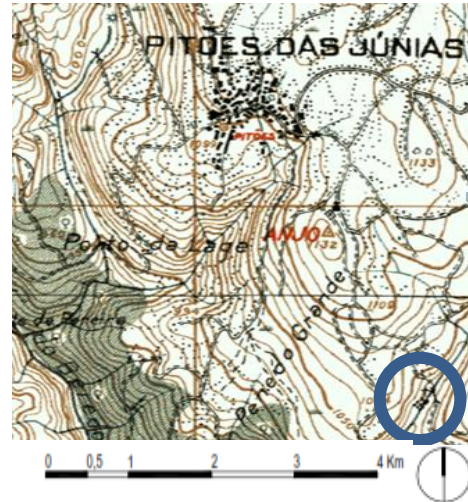


Fig. 48- Google Earth de 29/07/2011 em 11/03/2014

Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 18 Pitões das Júnias (1997)

Vista geral do Mosteiro Santa Maria das Júnias



Construção: Séc. XII /XIII -
Igreja e Edifícios conventuais
/ Século XVII - Campanário
Estilo Dominante: Românico
/ Gótico - estilo paralelo
Diocese: Vila Real
Freguesia: Pitões das Júnias
Propriedade: Igreja
Ocupação: Igreja

Fig. 49 - Mosteiro St^a Maria das Júnias

Plantas - Igreja, 1972 (DGEMN)

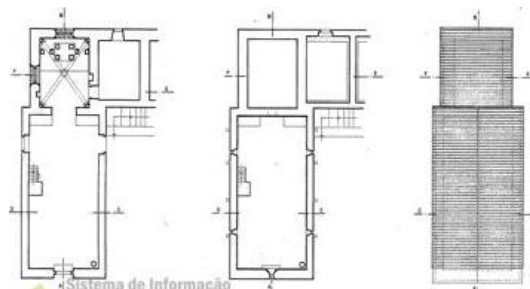


Fig. 50 - Planta da Igreja St^a Maria das Júnias

Interior da Igreja



Fig. 51 - Interior da Igreja



Fig. 52 - Interior da Igreja

História

O Mosteiro de Santa Maria das Júnias foi erguido no vale do Ribeiro de Campesinho, a uma altitude de cerca 1060m de altitude, junto à Serra do Gerês. O seu exterior a planta é de forma trapezoidal estando a igreja implantada a norte a igreja é composta por uma nave longitudinal românicas, capela-mor gótica e as dependências monásticas implementadas a sul. A igreja e a capela-mor contêm uma nave rectangular, com coberturas em telhados de duas águas. A fachada principal com um belíssimo portal em arco perfeito de duas arquivoltas.

A fachada a Norte possui uma porta de arco pleno sem decorações. A abside desfruta uma janela em arco quebrado e com um peitoril com uma inclinação exterior no parapeito deitada está uma escultura de um monge. Na fachada sul da abside encontram-se as ruínas da antiga ala dos monges. A fachada situada a Este na horizontal, contém seis janelas quadradas e outras seis de um formato mais reduzido no r/c. A sul a construção divide-se em dois corpos com orientações diferentes convergindo para o exterior na zona central sendo feita a ligação do exterior para o espaço do claustro¹⁰².

A fachada sul do lado do rio apresenta uma empena de duas águas assimétricas contendo duas janelas no 1º piso e sob uma delas uma fresta no rés-do-chão. No lado inverso encontra-se a cozinha de duas águas assimétricas com uma pequena fresta no 1º piso. Existe um muro de suporte do terreno exterior da encosta a oeste. O espaço é fechado com um muro que une as construções à igreja tendo um portal de acesso formando um angulo recto com a fachada da igreja. A capela-mor coberta de abóbadas de barrete de clérigo o retábulo-mor de planta rectangular e três eixos divididos por colunas torsas, apoiadas em pilares de pedra com motivos geométricos coberto por caixotões, com trono e nas laterais duas mísulas, as colunas perlongam-se em duas arquivoltas formando um arco que contém um brasão central sobre altar de pedra¹⁰³.

¹⁰² Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; p. 758.

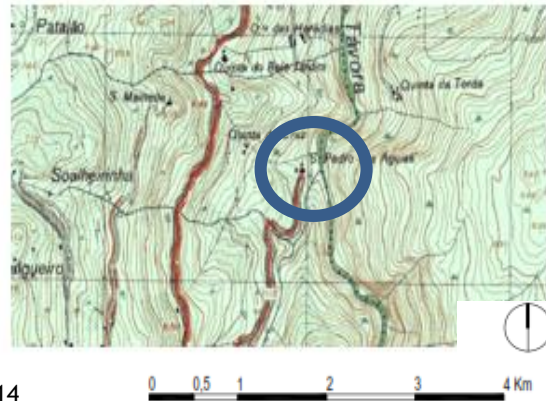
¹⁰³ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; p. 759

9.5 - S. Pedro das Águias - O Velho

Localização: 41° 04' 02.75" Norte - 7° 31' 20.64" Oeste - 569 de Elevação



Fig. 53 - Google Earth de 18/06/2011 em 11/03/2014



Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 139 Paredes da Beira (1998)

Vista lateral do Mosteiro



Fig. 54 - Vista lateral do Mosteiro S. Pedro de Águias o Velho

Construção: Séc. XII / XIII
Estilo Dominante: Românico
Diocese: Lamego
Freguesia: Granjinha
Propriedade: Igreja
Ocupação: Sem ocupação

Planta antes e após as obras



Fig. 55 - Planta do Mosteiro de S. Pedro das Águias o Velho

Imagens do Interior da Igreja



Fig. 56 - Igreja



Fig. 57 - Interior da Igreja

História

O Mosteiro tem uma planta monoaxial e a igreja com uma cabeceira rectangular, no seu exterior apresenta coberturas com telhado de duas águas e assente em cornijas. Os portais axiais contemplam, arcos de volta inteira e com arquivoltas suportados por capitéis e os tímpanos trabalhados com formas figurativas, motivos geométricos, zoomórficos e antropomórficos.

Na fachada principal localizada a oeste e na lateral esquerda a oeste apresenta-se com dois portais, sendo o portal principal de arco subido com dois colunelos e com capitéis. A fachada principal encontra-se apenas a um metro da escarpa rochosa.

Na fachada lateral direita, disposta a sul apresenta duas pequenas frestas. A capela-mor com uma pequena abertura rectilínea central, acima da cornija que percorre o corpo da igreja.

O interior do Mosteiro disposto por uma planta longitudinal, composta de nave única e capela-mor rectangular. A cabeceira localiza-se num plano inferior ao da nave, sendo a articulação interior e exterior desnivelada e composta de escadaria descendente em ambas as entradas.

A capela-mor com nicho do lado da epístola e do lado do evangelho tem uma fachada cega. Arco triunfal conformando com uma forma de ferradura assente em colunas com capitéis esculpidos¹⁰⁴.

¹⁰⁴ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; p. 780

9.6 - S. Pedro das Águias - O Novo

Localização: 41° 05' 48.06" Norte - 7° 31' 20.64" Oeste - 559m de Elevação

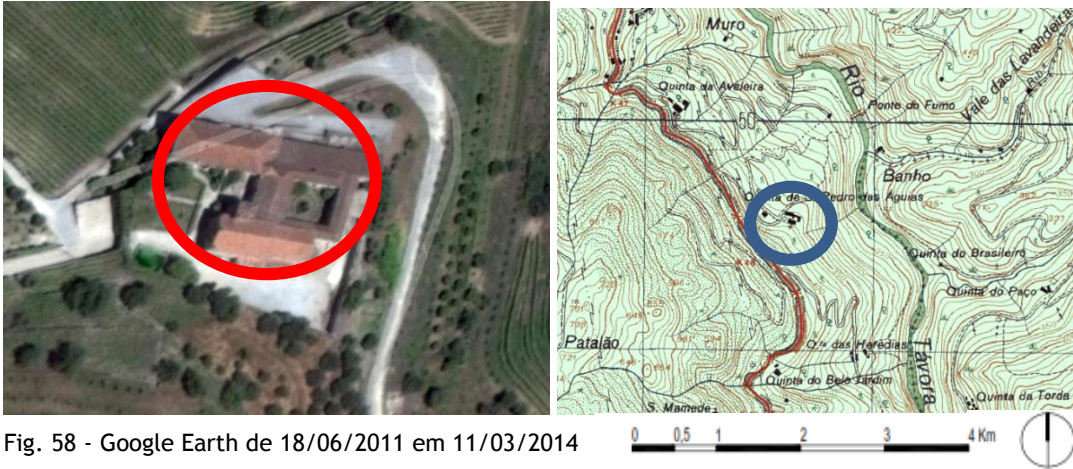


Fig. 58 - Google Earth de 18/06/2011 em 11/03/2014

Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 139 Paredes da Beira (1998)

Fachada principal do Mosteiro



Construção: Séc. XII / XVI
/ XVII / XVIII / XX / XXI
Estilo Dominante:
Românico
Diocese: Lamego
Freguesia: Távora
Propriedade: Particular
Ocupação: Privada

Fig. 59 - Mosteiro S. pedro de Águias o Novo

Planta

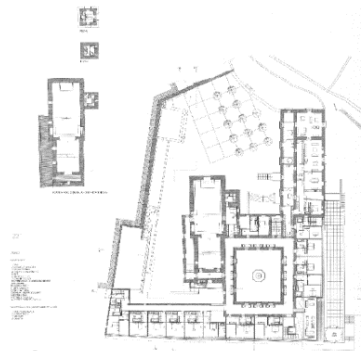


Fig. 60 - Planta do Mosteiro de Águias o Novo

Interior da Igreja



Fig. 61 - Interior da Igreja

História

A igreja é constituída por uma nave, capela-mor e a sacristia. Na fachada da igreja virada a este tem um portal rectangular rodeado por pilastras e terminando com uma arquitrave que sustenta um frontão curvo situado a este, por sua vez rematado por um nicho de arco de volta inteira, com a imagem do S. Pedro.

A Norte e num plano mais recuado, está a torre sineira com três janelas. Disposição horizontal dos volumes com dois pisos, servindo o segundo piso para habitação. O claustro com dormitório, refeitório e sala do capítulo. O resto do alçado é composto por uma das alas do solar de habitação e este perpendicular ao outro corpo do mosteiro fazendo um U com todo o conjunto. O alçado Oeste com uma porta de arco de volta perfeita que dá acesso ao altar-mor. No alçado Sul tem pequenas aberturas rectangulares no plano superior ocupando todo o espaço da capela-mor, no plano mais recuado e de menor cota, enquanto o corpo da sacristia é saliente e com pequenas frestas rectangulares, no plano superior grandes aberturas com janelões rectangulares no corpo da capela-mor.

O mosteiro no seu interior é composto por uma única nave de características monoaxiais com capela-mor e sacristia. Nos topos da nave um altar lateral, arco triunfal de arco rebaixado. Ao lado do evangelho uma escadaria que dá acesso á capela-mor. Altar-mor de arco pleno, abóbadas de berço assente em cornija. A norte localiza-se a habitação senhorial do conjunto, a escadaria de pedra que dá acesso ao piso superior da habitação.

No lado este, um portal de tímpano curvo interrompido, no piso superior estão as janelas e varandas com remate em cornija. No piso superior este foi adaptado à actividade empresarial e à habitação¹⁰⁵.

¹⁰⁵ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; p. 800

9.7 - Mosteiro de St^a. Maria de Salzedas

Localização: 41° 03' 14.63" Norte - 7° 43' 41.17" Oeste - 528m de Elevação

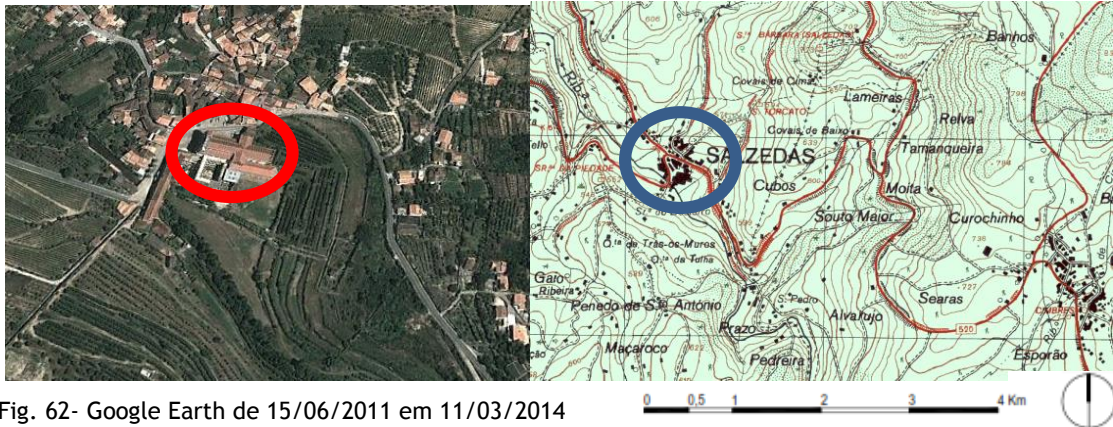


Fig. 62- Google Earth de 15/06/2011 em 11/03/2014

Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 138 Armamar (1997)

Mosteiro de Salzedas



Fig. 63 - Fachada do Mosteiro de Salzedas

Construção: Séc. XII / XVI / XIX
Estilo Dominante: Gótico/ Barroco
Diocese: Lamego
Freguesia: Salzedas
Propriedade: Mista (Igreja e particulares)
Ocupação: Igreja

Planta

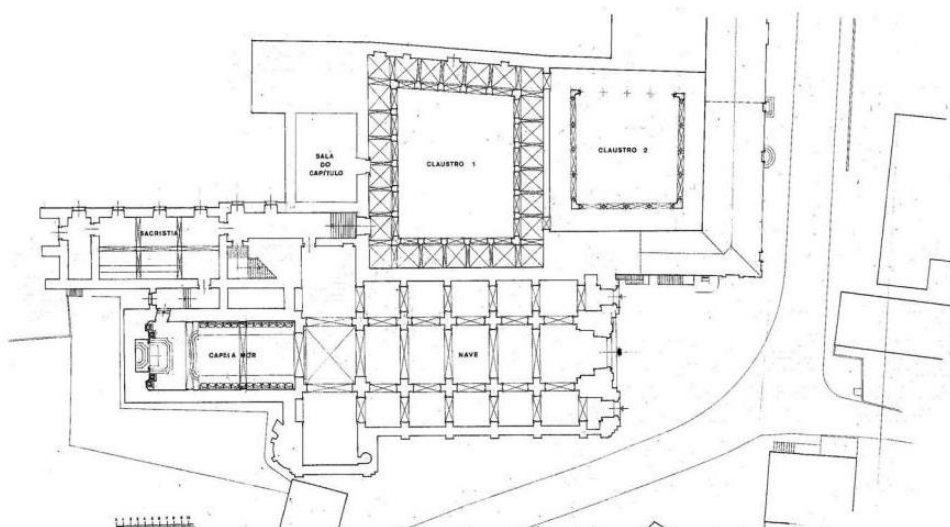


Fig. 64 - Planta do Mosteiro de Salzedas

Interior da Igreja - Nave central



Fig. 65 - Interior da Igreja



Fig. 66 - Nave Central

História

Mosteiro que contempla uma planta longitudinal, com três naves, transepto, capela-mor com sacristia e dois claustros a sul. A igreja a Oeste é composta de três corpos separados por pilastras no alçado principal. O corpo central está ligeiramente recuado com pórticos de arco abatido. Os corpos laterais são constituídos por frontões semicirculares.

O pórtico principal rematados por um frontão curvo interrompido e cujo remate é feito através de um óculo central de perfil cortado. Os pórticos laterais são rematados por dois óculos sobrelevados com cornijas triangulares curvas.

Do lado Norte, encontra-se a torre sineira mais recuada com cobertura de quatro águas.

No corpo da nave rodeada por janelões de base horizontal. No plano superior sobre o telhado encontra-se contrafortes e janelões de arco abatido que permite a iluminação da nave central. A Norte encontram-se pilastras com arcos abatidos, onde existem grandes janelões. No alçado Sul encontra-se a dependência monástica.

No exterior surge junto ao alçado principal um edifício de dois pisos que pertenceu ao antigo mosteiro está contemplado com um pórtico renascentista, sobre o qual se encontra um nicho rematado com frontão curvo. O acesso ao segundo piso efectua-se através de escada situada no exterior.

No terreno exterior ao mosteiro encontra-se a capela do Desterro (que actualmente está em terreno de particulares), possui uma planta hexagonal.

A capela é setecentista a sua cobertura é de seis águas. O portal principal possui pilastras, friso, frontão triangular interrompido com pináculos¹⁰⁶.

No seu interior a igreja divide-se em cinco partes, definidas por arcos torais a pleno centro, permitindo a comunicação com as laterais assentando em pilares de perfil quadrangular, unidos por cornija, estes pilares sustentam a abóbada de arestas que cobre a nave central.

As naves laterais são de altura inferior à nave central, estando cobertas por abóbadas de nervuras e possuindo altares e capelas, que se comunicam através de arcos de volta perfeita. No transepto três absidiolos, dois do lado do evangelho e um no lado da Epístola. A capela-mor encontra-se composta por três grandes janelas elevadas por cornija contracurvada, incidindo nesta muita luz directa. A cobertura é feita de abóbadas de aresta análoga às da nave.

O coro-alto é assente num arco e protegido por uma guarda de madeira. A sacristia é composta por ogivas em duas colunas, tendo estas comunicação com o antigo dormitório, do lado do Evangelho existe uma passagem que dá acesso ao piso superior à antiga hospedaria, que fica em paralelo com a igreja e o corpo paralelo aos antigos dormitórios e com comunicação ao nível superior.

Com as consecutivas reconstruções da igreja esta manteve a planimetria inicial. Existem vestígios da presença de outras duas igrejas anteriores à actual, onde são visíveis dois pilares da nave, um arco em ogiva, abóbada de berço no entrelaço da capela lateral Norte.

No alçado Sul, dois claustros e as antigas instalações do mosteiro bem como a fachada inacabada. No claustro grande no primeiro piso contêm arcos de volta inteira cobertos por abóbadas de ogiva e as galerias superiores fechadas, numa das alas está uma sala do capítulo, com planta quadrangular, a sul esta comunica com o outro claustro em estado de ruína¹⁰⁷.

¹⁰⁶ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; pp. 838-839.

¹⁰⁷ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; pp. 839-840.

9.8 - S. João de Tarouca

Localização: 40° 59' 44.40" Norte - 7° 44' 45.07" Oeste - 561m Elevação

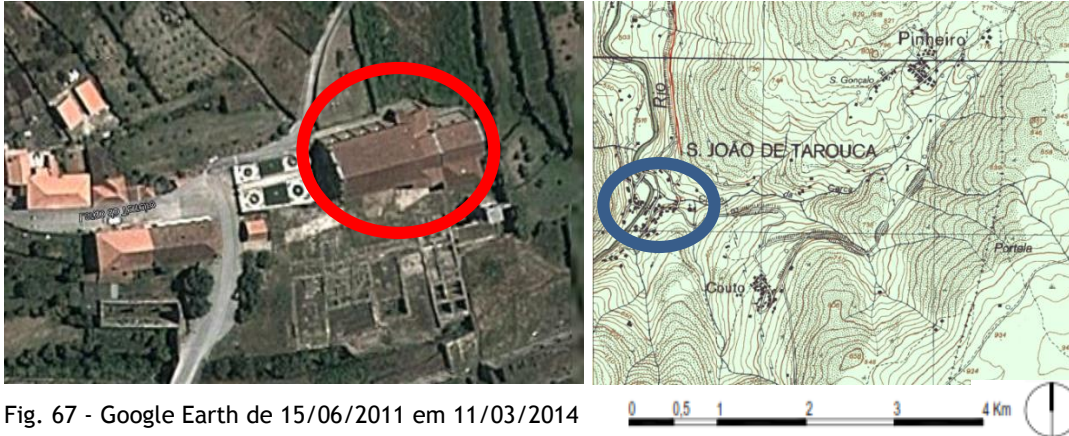


Fig. 67 - Google Earth de 15/06/2011 em 11/03/2014

Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 148 Moimenta da Beira (1997)

Mosteiro de Tarouca



Fig. 68 - Mosteiro de S. João de Tarouca

Construção: Séc. XIII / XVII

Estilo Dominante: Gótico e Barroco

Diocese: Lamego

Freguesia: São João de tarouca

Propriedade: Estado

Ocupação: Paróquia

Planta

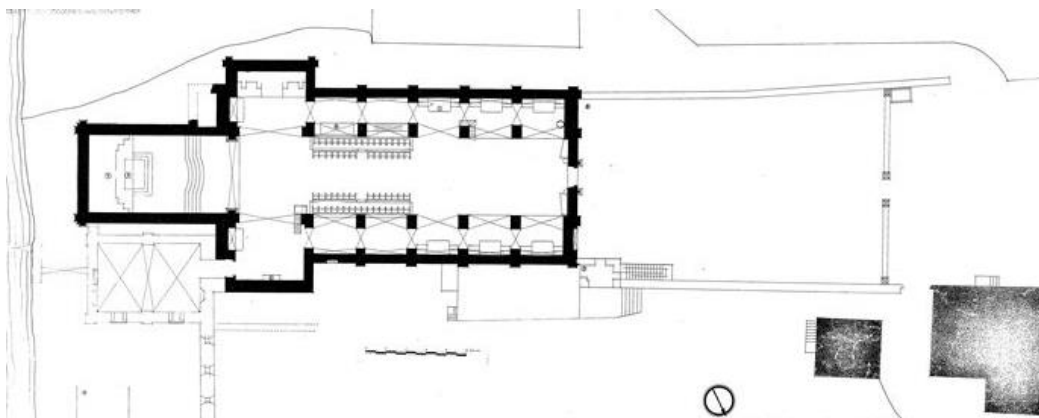


Fig. 69 - Planta do Mosteiro de S. João de Tarouca

Interior da Igreja



Fig. 70 - Interior da Igreja

História

O Mosteiro de S. João de Tarouca é composto por uma planta quadrangular uma cobertura de duas águas e com quatro águas na torre sineira. Na fachada principal encontra-se um portal de verga recta com um nicho na zona superior contendo a imagem de S. João Baptista e as armas de Ordem, rodeados por duas janelas rectilíneas, assente e rematadas por cornija. Na fachada principal existe ainda uma rosácea sendo a empena triangular rematada por uma cruz pétrea.

O corpo da sacristia tem duas janelas rectilíneas e junto desta a torre sineira arruinada, rasgada por janelas de volta perfeita. A fachada voltada a Sul está ladeada por contrafortes, janelas de volta perfeita e no corpo do transepto por janelas semiesféricas. No lado norte é de notar as ruínas dos dormitórios, em alvenaria de granito revelando a existência de dois pisos. A entrada no adro é efectuada através de um portal renascentista com um portão de ferro, este está assente por duas colunas quadrangulares rematadas por pináculos¹⁰⁸.

O edifício de planta cruciforme com três naves, salientando-se a nave central que se apresenta mais elevada. No interior as naves laterais comunicam por estreitas portas ogivadas apresentando o transepto braços salientes. Tem altares de talha dourada, contendo retábulos de pintura sobre madeira, salientando os retábulos de São Pedro e de nossa senhora da Glória e do altar de São Miguel. Contêm um cadeiral em talha dourada que contempla nos espaldares representações pintadas das figuras ligadas à Ordem de Cister.

O interior da igreja com cobertura em abóbada de berço abatido encontra-se seccionada com uma zona imediata ao portal axial dedicada aos fiéis e a seguinte ocupada pelo antigo coro dos monges, com um cadeiral de pau-santo composto por sessenta assentos, divididos em duas filas. As naves laterais compostas por cinco capelas, que se comunicam com a nave central. A capela-mor elevada por um degrau, com cobertura em abóbada de berço. No transepto, surge uma porta de verga que dá acesso à sacristia¹⁰⁹.

¹⁰⁸ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; p. 882.

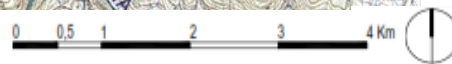
¹⁰⁹ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; pp. 883-884.

9.9 - Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões

Localização: 41° 10' 52.63" Norte - 8° 21' 58.98" Oeste - 167m Elevação



Fig. 71 - Google Earth de 25/06/2012 em 11/03/2014



Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 165 São Pedro do Sul (1998)

Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões



Fig. 72 - Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões

Construção: Séc. XII / Séc. XVII /
Séc. XVIII
Estilo Dominante: Maneirista e
Barroco
Diocese: Viseu
Freguesia: São Cristóvão de Lafões
Propriedade: Igreja e Particular
Ocupação: Paróquia e antigo
edifício monástico pertencem a
Particular

Planta

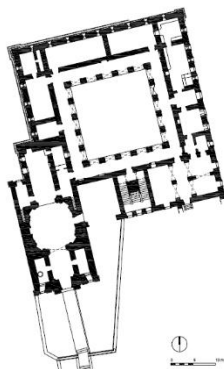


Fig. 73 - Planta do Mosteiro de Lafões

Igreja e o coro-alto



Fig. 74 - Igreja e coro-alto

História

O Mosteiro de São Cristóvão de Lafões possui uma planta quadrangular com cobertura de duas, quatro e oito águas a construção é feita em dois pisos, sendo estes fenestrados tanto para o interior como para o exterior, desenvolvendo-se em torno do claustro, formado por cinco arcos de volta inteira, apoiado em pilastras toscanas.

Dividindo-se em duas partes, a igreja e a parte conventual que se desenvolve para Norte. Existe uma pequena escadaria que dá acesso ao lado Este, por sua vez encontra-se junto do cemitério. A fachada principal está voltada a Sul/Sudoeste, composta por três panos.

No plano central com pórtico rectangular composto por colunas toscanas, este é encimado por janelão rectangular e emoldurado, sobre este um brasão heráldico. Os dois corpos laterais estão separados por pilastras toscanas, com duas janelas rectangulares alternadas com nichos de frontão curvos. No corpo situado a Oeste com janelas de arco pleno centro e com cobertura de quatro águas. No plano mais recuado temos o corpo da capela-mor, com janela rectangular e no plano superior, janelões rectangulares¹¹⁰.

O Mosteiro de Lafões no seu interior é composto por uma nave única e com forma octogonal, com coro alto, capela-mor e sacristia. A entrada principal dá acesso a um pequeno corredor coberto com arco abatido, comunicando com o lado do Evangelho, com a antiga casa da fábrica e do outro lado com o baptistério. Neste corredor existe o coro alto, com grades e iluminado pela porta que está junto ao pórtico principal. No plano superior encontram-se quatro tribunas ou coretos, janelas de arco rebaixado, cobertura em cúpula que converge para um florão como fecho da abóbada. Subsiste um degrau que dá acesso à capela-mor e do lado da Epistola a sacristia e uma sala de arrumos a qual dá acesso ao convento através de uma escadaria interior ao coro alto e à torre. Do lado do Evangelho temos o acesso ao piso superior e junto ao altar-mor temos duas janelas laterais com molduras e com muita decoração¹¹¹.

¹¹⁰ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; p. 926.

¹¹¹ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; p. 926.

9.10 - St^a Maria de Maceira Dão

Localização: 40° 36' 57.34" Norte - 7°49' 37.50" Oeste - 300m Elevação

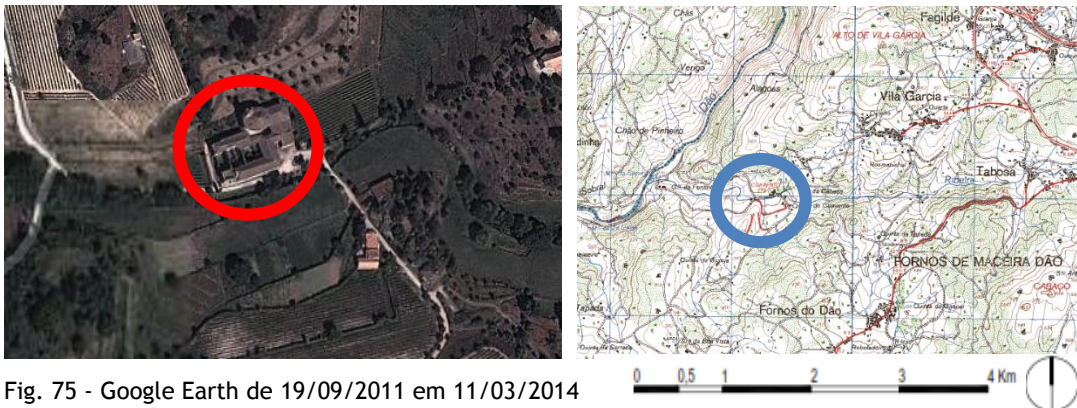


Fig. 75 - Google Earth de 19/09/2011 em 11/03/2014

Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 189 Mangualde (1999)

Mosteiro de Santa Maria de Maceira do Dão



Fig. 76 - Mosteiro de St^a Maria Maceira Dão

Construção: Séc. XII / Séc. XIV / XVII / XVIII
Estilo Dominante: Maneirista / Barroco
Diocese: Viseu
Freguesia: Fornos Maceira do Dão
Propriedade: Particular
Ocupação: Privado

Planta

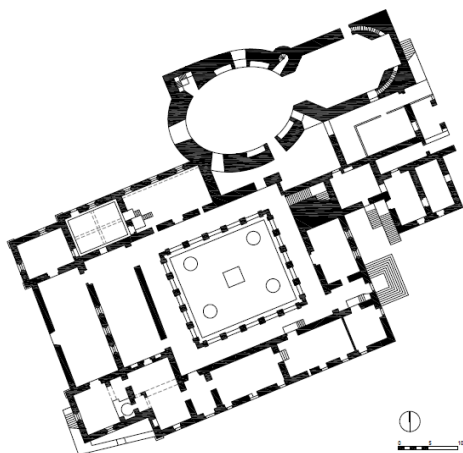


Fig. 77 - Planta do Mosteiro de Maceira do Dão

Interior da Nave



Fig. 78 - Interior da Igreja

História

O Mosteiro de estilo maneirista com planta de três volumes, o convento, a igreja e a torre formam uma planta rectangular, com o claustro ao centro e a igreja situada do lado esquerdo. A fachada virada a oeste, composta por três corpos os quais formam um U, nichos decorativos nas fachadas na igreja, com janelas nos vários alçados. A torre tem três andares com entrada por arco a pleno centro, cobertura por um telhado de uma água, com acesso aos andares superiores através de escada lateral.

No piso superior temos dois corpos avançados com janelões rectangulares e no piso térreo frestas rectangulares. No corpo mais recuado com porta para o interior e janelas rectangulares nos dois pisos. Na fachada principal da igreja, temos um frontão curvo encimado por janelão rectangular e este ladeado por dois nichos onde se encontravam as imagens de S. Bento e S. Bernardo. O nicho central contém a imagem de Nossa Senhora da Assunção.

O corpo da nave da igreja e da capela-mor com dois janelões de arco abatido. No alçado sul composto por três pisos no plano mais recuado estabelece a ligação com a torre. No alçado posterior contem uma empena cega da torre no qual está ligado o alpendre de menor cota e o topo da cor¹¹².

O interior do mosteiro desenvolve-se à volta do claustro rectangular de dois pisos, assente em pilares prismáticos formando arcos a pleno centro. Existe uma escadaria que facilita a comunicação entre a Sacristia e a igreja, tem três lanços de patamares que conduz aos corredores dos pisos superiores. A igreja tem uma nave de forma elíptica com portal rectangular, composta por janelões rectangulares, capela-mor e sacristia, contendo arco triunfal de volta perfeita que acede à capela-mor e com cobertura em abóbada de berço. A nave subdivide-se em vários altares contendo arcos de volta perfeita encimado por fenestranças rectangulares. Cobertura com cúpula oval. Nas dependências monásticas surgem divisões na sua maioria em ruínas¹¹³.

¹¹² Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; p. 958.

¹¹³ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; p. 959.

9.11 - Mosteiro de St^a Maria de Aguiar

Localização: 40° 52' 37.57" Norte - 6° 56' 30.66" Oeste - 660m Elevação

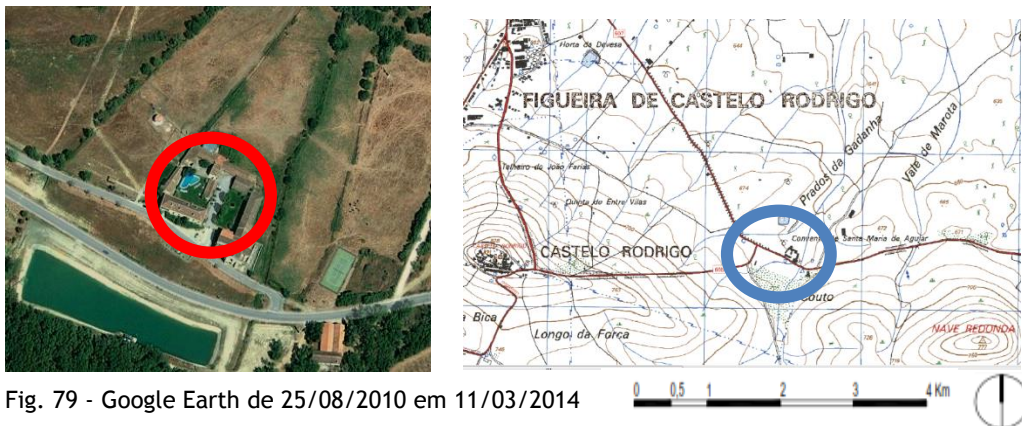


Fig. 79 - Google Earth de 25/08/2010 em 11/03/2014

Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 162 Figueira de castelo Rodrigo (1997)

Mosteiro de Santa Maria de Aguiar

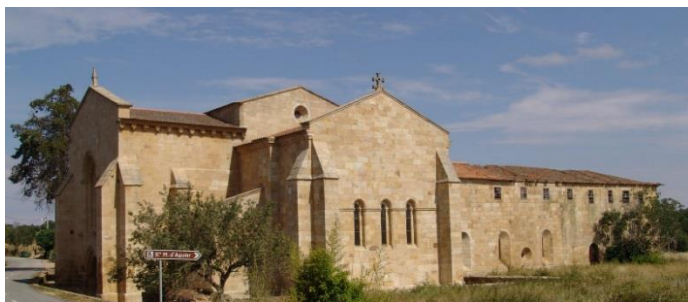


Fig. 80 - Mosteiro de St^a Maria de Aguiar

Construção: Séc. XII / Séc. XVIII
Estilo Dominante: Românico /
Gótico
Diocese: Guarda
Freguesia: Castelo Rodrigo
Propriedade: Estado e Particular
Ocupação: Igreja sob a alçada do
IPPAR

Planta

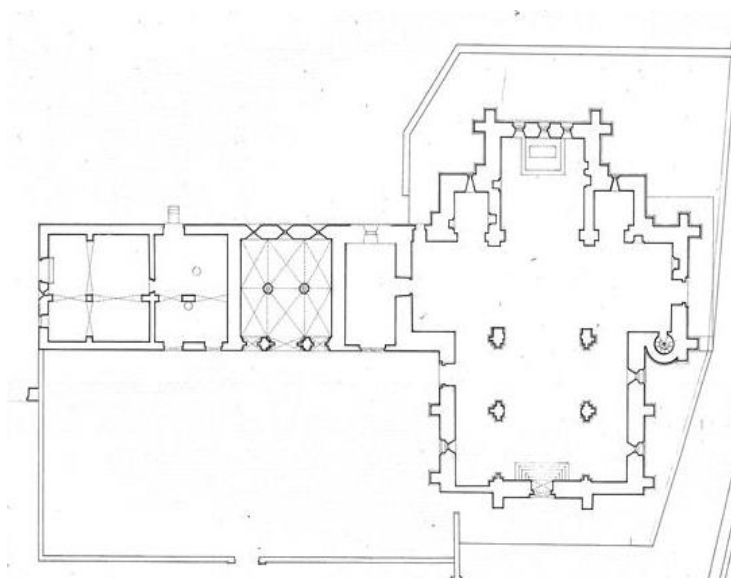


Fig. 81 - Planta do Mosteiro St^a maria de ST^a Maria de Aguiar

Interior do Coro Alto



Fig. 82 - Coro alto

Sacristia



Fig. 83 - Sacristia

Interior da nave lateral



Fig. 84 - Interior da nave lateral

História

O Mosteiro de Santa Maria de Aguiar cuja Igreja tem uma planta longitudinal em cruz latina e com três naves e com cobertura de duas águas. A fachada principal está voltada a Oeste composta por três panos divididos por contrafortes contendo ao centro uma porta em arco pleno. A Sul possui panos delimitados por contrafortes. No corpo da nave aparecem dois panos sendo o primeiro com duas frestas em arco quebrado e o segundo plano é cego. O corpo de transepto possui porta em arco quebrado e um janelão. O corpo da abside é cego.

O alçado Este possui três panos com contrafortes de ângulo e o alçado norte apresenta-se com panos delimitados por contrafortes. Nas dependências conventuais apresenta-se através de uma planta rectangular com cobertura de três águas e com alçado de dois pisos, vãos em arco pleno, arco quebrado.

A hospedaria possui planta rectangular com cobertura de quatro águas, estando a fachada localizada a sul e com três portas e duas janelas de lintel recto e moldura simples no primeiro piso, no segundo piso ostenta sete janelas idênticas e com colunas toscanas.

O alçado Norte com cinco janelas, porta em arco pleno no primeiro piso e nove janelas iguais no segundo piso. O alçado está marcado por escadaria com alpendre e porta em arco abatido no primeiro piso. Quanto ao claustro não restam hoje quaisquer vestígios, tendo sido estes destruídos no século XIX, quando o mosteiro se encontrava na posse de particulares.¹¹⁴

O interior do mosteiro é de planta rectangular e a sua iluminação é feita através de aberturas das naves laterais, sendo composta por dois arcos de volta perfeita com pilares cruciformes. A cobertura contém vigas de madeira. O transepto mais elevado que a nave, deve-se ao acesso ao interior que é desnivelado a partir da entrada principal, contem arcos torais quebrados, estando estes iluminados por um janelão.

O transepto a Norte tem ligação às dependências monásticas e à sacristia. A abside é iluminada por uma fresta incorporando nichos em arco quebrado e em arco pleno. A sacristia está incluída no corpo monástico com planta rectangular com abóbada de berço quebrado.

A sala do capítulo com planta rectangular, com cobertura em abóbada de cruzaria de ogiva assente em duas colunas. Usufri de uma porta em arco quebrado e com dois janelões de arco quebrado. A casa do capítulo contém óculo. A hospedaria é composta no primeiro piso de doze compartimentos e uma arcada longitudinal e quatro arcos abatidos. No segundo piso este é composto por treze compartimentos e duas caixas de escadas¹¹⁵.

¹¹⁴ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; p. 988.

¹¹⁵ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; p. 989.

9.12 - Mosteiro da St^a Maria da Estrela

Localização: 40° 15' 09.83" Norte - 7° 28' 45.00" Oeste - 425m Elevação

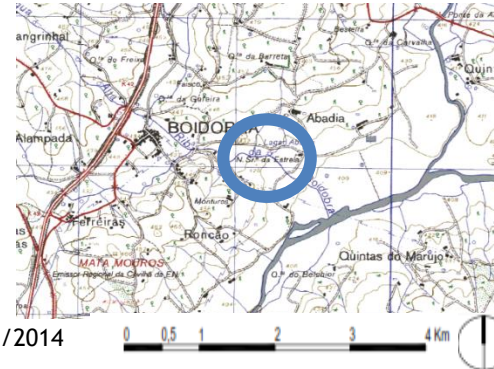
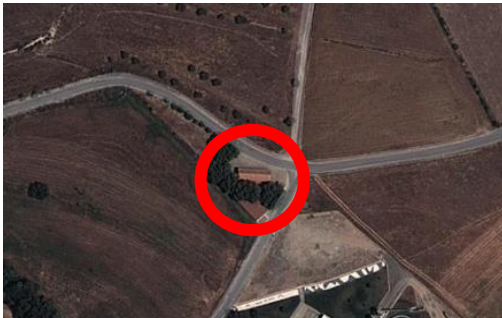


Fig. 85 - Google Earth de 25/07/2012 em 11/03/2014

Fig 3 -

Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar n° 235 Covilhã (2000)

Mosteiro de Santa Maria da Estrela



Construção: Séc. XIII
Estilo Dominante: Maneirista
Diocese: Guarda
Freguesia: Boidobra
Propriedade: Igreja
Ocupação: Afecta ao culta apenas uma vez no ano (no segundo Domingo de Setembro)

Fig. 86 - Mosteiro de St^a Maria da Estrela

Planta

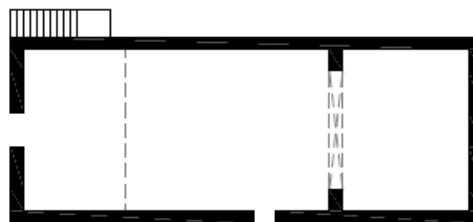


Fig. 87 - Planta do mosteiro St^a maria da Estrela

Interior da Igreja



Coro Alto



Fig. 88 - Interior da Igreja e Coro Alto

Interior da Igreja



Fig. 89 - Interior da Igreja

História

O mosteiro de Santa Maria da Estrela possui uma planta rectangular a cobertura é composta por duas águas. As fachadas são de cantaria de granito e as juntas preenchidas com cimento, rematadas com cornijas de betão e com beiral. Na fachada principal a porta é de verga recta coroada com um brasão.

Na fachada Norte encontra-se um lanço de escadas que conduz ao coro alto pelo exterior. Na fachada sul existe outro portal de verga recta, não possui vestígios dos restantes vestígios monásticos.

No interior do mosteiro encontra-se o coro alto este antecede à nave simples de caracter longitudinal. A sua iluminação é feita apenas pelas portas que se abrem para o exterior a Sul e a Oeste. Apresenta vestígios do arco triunfal de volta perfeita, antecedente à capela-mor¹¹⁶.

¹¹⁶ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; p. 1023.

9.13 - Mosteiro de S. Paulo de Almaziva

Localização: 40° 14' 42.88" Norte - 8° 23' 42.87" Oeste - 100m Elevação

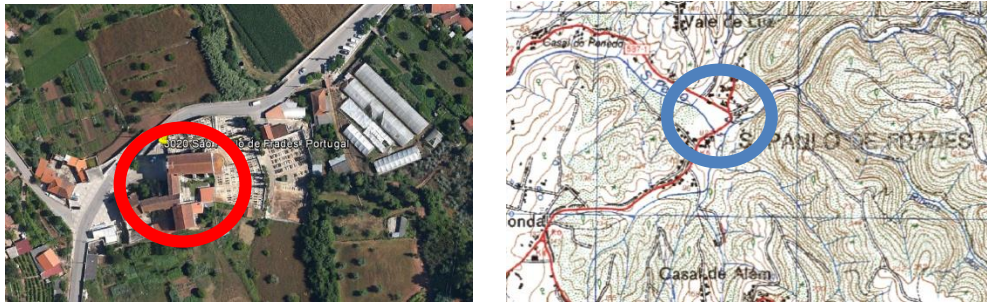
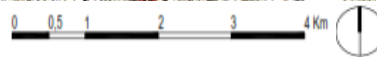


Fig. 90 - Google Earth de 13/06/2012 em 12/03/2014



Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 230 Coimbra (1984)

Mosteiro de São Paulo de Almaziva



Construção: Séc.
XII/XIII/XVI/XVII
Estilo Dominante: Barroco
Diocese: Coimbra
Freguesia: S. Paulo de Frades
Propriedade: Igreja
Ocupação: Paróquia

Fig. 91 - Mosteiro de São Paulo de Almaziva

Planta Geral

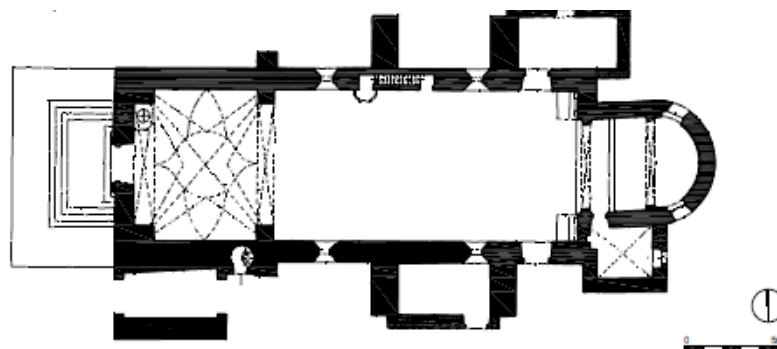


Fig. 92 - Planta do mosteiro de São Paulo de Almaziva

Interior da Igreja e dos altares



Fig. 93 - Interior da Igreja

História

O Mosteiro composto por uma planta monoaxial de nave única, com uma cobertura de duas águas. A fachada principal constituída por portal rectangular e antecedida por escadaria, com pilastras e verga dupla arquivada recortada, a fachada é rasgada por janelas quadrangulares.

O corpo central da Torre Sineira delimitada por pilastras angulares e rasgada por um janelão sineiro de volta perfeita e rematado por uma cruz de pedra no vértice.

As fachadas laterais, com contrafortes e frestas, o seu interior de abóbada que antecede o coro-alto, a nave tem iluminação que penetra através de quatro janelões em arco de volta perfeita o púlpito que se encontra junto ao Evangelho é de cantaria e junto à Epistola existe um pequeno nicho que contem a imagem da “Virgem e o menino ”.

Junto aos altares temos o arco triunfal de volta perfeita assente em colunas, os altares são compostos por talha dourada, a capela-mor de dois tramos, um com arco toral igual ao arco triunfal, o primeiro tramo rectangular com cobertura em abóbada de quarto de esfera e paredes rasgadas por janelões de volta perfeita.

No segundo tramo que se eleva à altura das janelas, o retábulo-mor é de talha dourada¹¹⁷.

¹¹⁷ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; p. 1036.

9.14 - Mosteiro de ST^a Maria de Seiça

Localização: 40° 02' 43.75" Norte - 8° 46' 48.66" Oeste - 25m Elevação



Fig. 94 - Google Earth de 30/10/2000 em 14/03/2014



Cartografia 1/25000 (Série M888):

Carta Militar nº 249 Marinha das Ondas (1984)

Mosteiro de Santa Maria de Seiça



Construção: Séc. XII/XIII
Estilo Dominante: Barroco
Diocese: Coimbra
Freguesia: Paião
Propriedade: Estado
Ocupação: Pertence à Câmara Municipal da Figueira da Foz

Fig. 95 - Mosteiro de St^a maria de Seiça

Planta

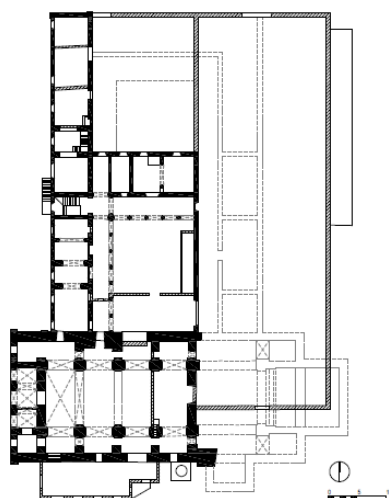


Fig. 96 - Planta do Mosteiro de St^a Maria de Seiça

Interior da Igreja



Fig. 97 - Interior da Igreja

História

O Mosteiro de planta monoaxial e com quatro tramos para os quais abrem as capelas laterais que comunicam com o coro-alto ocupando o primeiro tramo. A capela-mor e a cúpula sobre o cruzeiro ruíram.

Com a passagem da via-férrea sobre a cabeceira do mosteiro foi desrespeitado o espaço original, pela implantação de uma fábrica de descasque de arroz, esta deu uma mais-valia ao património no âmbito da arqueologia industrial. A sua fachada soberba está expelida frente a uma nave muito mais baixa e curta do que o normal. A sua planta longitudinal composta pelo corpo da igreja de nave única, pelo claustro e pelas dependências conventuais, o corpo da nave é muito mais baixo que a fachada principal.

Cobertura de duas águas na nave e na dependência conventual. O corpo central delimitado por pilastras que se repetem nos ângulos das torres rasgado na zona inferior por um portal de volta perfeita ladeado por outros dois arcos cegos. O arco cego da direita foi aberto encontrando-se com grades, no piso superior grandes vãos semicirculares rasgado por janelão rectangular central e de duplo batente, e dois janelões de um quarto de círculo.

As torres são rasgadas por janelas rectangulares colocadas na horizontal e repetidas no terceiro piso, entre elas um janelão rectangular vertical, no quarto piso das torres sineiras, abertos nas quatro faces por vãos de volta perfeita. A fachada norte composta por dois pisos, no piso inferior tem duas portas e uma janela, no piso superior três janelas. Na fachada Sul encontra-se adossada à construção uma chaminé construída em tijolo. A fachada a Este, constituída com o antigo arco triunfal, neste momento fechado por um muro englobado entre as pilastras do arco de volta perfeita e rasgado por duas janelas. A dependência monástica no piso inferior contem três portas com moldura de cantaria e verga arquitravada munida de frontão triangular e a porta central colocada a um nível superior com acesso através de uma escadaria, no piso superior seis janelas, uma de sacada com varandim em ferro e as restantes mais estreitas¹¹⁸.

¹¹⁸ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume I de 2011; p. 1036.

9.15 - Mosteiro de St^a Maria de Alcobaça

Localização: 39° 32' 52.94" Norte - 8° 58' 41.36" Oeste - 44m Elevação

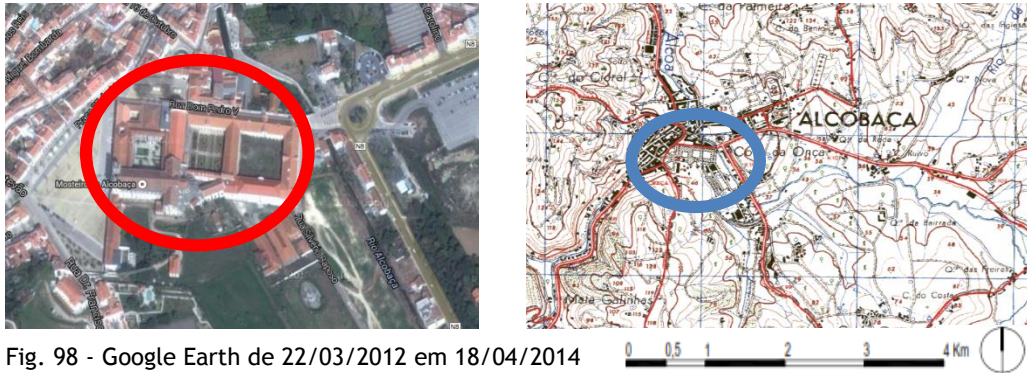


Fig. 98 - Google Earth de 22/03/2012 em 18/04/2014

Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 317 Alcobaça (1969)

Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça



Fig. 99 - Mosteiro de St^a Maria de Alcobaça

Construção: Séc. XII/XVIII/XX
Estilo Dominante: Gótico
Diocese: Lisboa
Freguesia: Alcobaça
Propriedade: Estado
Ocupação: Afecta ao IPPAR. A igreja afecta ao culto, algumas dependências são ocupadas pela paróquia (piso superior da ala de S. Bernardo a Sul)

Planta da Igreja

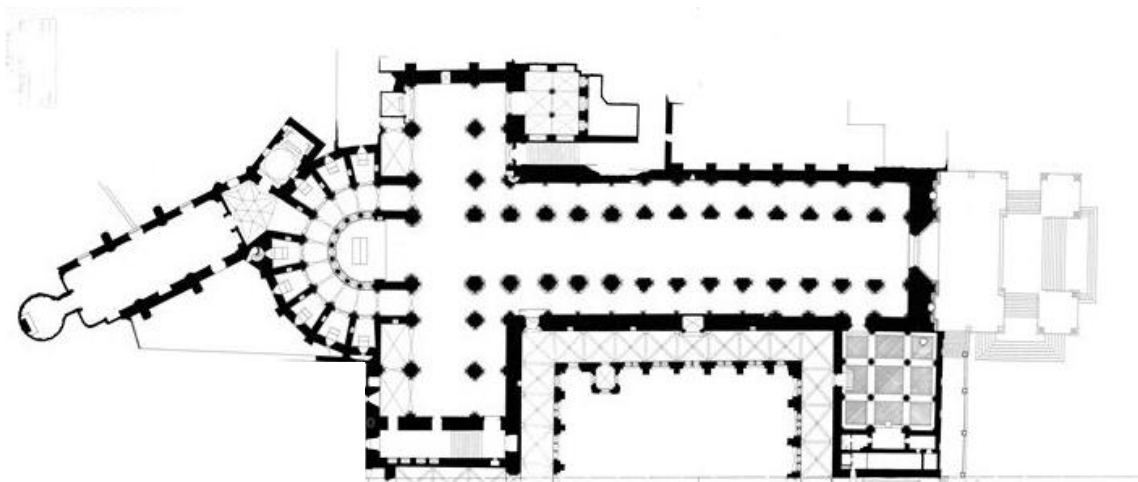


Fig. 100 - Planta do Mosteiro St^a maria de Alcobaça

Interior da Igreja



Fig. 101 - Interior da Igreja

História

A Igreja tem uma planta tipo cisterciense de Calatrava III, composta por dois, três e quatro pisos e com uma cobertura de quatro águas. Planta longitudinal em cruz latina, com um corpo composto por três naves. Na ala Sul salienta-se a fachada da biblioteca com quatro pisos e um átrio continuado, encaixados por dois corpos de dois pisos e com a sacristia que faz a ligação à igreja e em frente abre-se a capela do Desterro.

A igreja contém três naves, transepto saliente, onde se abrem quatro capelas e cabeceira formada pela abside, deambulatório e as capelas radiantes.

A fachada principal divide-se em três panos por pilares arquivados e com três pisos ornamentados com estátuas, no primeiro piso temos o portal e um nicho, no segundo piso a rosácea e janelões; sobre a cornija frontão heterogéneo entre as torres sineiras.

No exterior na fachada a Norte no seu alinhamento e o número de pisos dos corpos que se estendem a Oeste, deparamo-nos com a sala dos monges e do dormitório medieval contendo um muro em talude e contraforte, este é distinto da fronteira seiscentista que se prolonga até à fachada Este e é composto por três pisos.

O interior do mosteiro é composto por vários espaços, todos eles distintos e se interligam numa harmonia perfeita. A igreja é composta por transepto e capela-mor e por naves que são abobadadas com ogivas à mesma altura; as capelas com arcos quebrados, a iluminação é obtida através de uma janela de arco quebrado, pelas janelas sobre frestas, trocadas por rosáceas nas paredes dos topos do transepto. A sala dos túmulos situa-se a Sul do transepto, a construção neogótica do século XVIII com três naves e tramos com ogivas que acolhe quatro nichos com túmulos.

De planta rectangular, a sacristia é iluminada por três janelas rectangulares que por sua vez dá passagem à capela do relicário este local de planta circular, cobertura de cúpula iluminada. Deparamo-nos com o claustro de D. Dinis de planta quadrangular e com cobertura de duas águas. A galeria a Sul apresenta-se com uma planta rectangular que contem a escadaria de acesso ao piso superior. A galeria Este, junto ao braço do transepto da igreja e ao edifício medieval dos monges, composto por dois pisos, dando acesso às suas instalações abobadadas onde predominavam as ogivas em cruzaria.

Do lado Sul e a norte os arcos plenos nas entradas da sacristia medieval, com abóbadas em berço e com a iluminação feita por uma fresta na parede, a Este do capítulo tem-se acesso a uma sala de três naves marcadas por quatro colunas e com iluminação vinda de nascente por três janelas, a sala dos monges constituídas por três naves de sete tramos assente em cinco patamares.

Existe uma escadaria que se subdivide em lanços que dá acesso ao dormitório dos monges, com três naves e onze tramos com mais dois no topo sudeste, sendo a iluminação feita através de sete janelas em cadailharga.

A Norte temos o portal do antigo calefactório, de arco pleno que liga à cozinha seiscentista composta por uma chaminé central, duas lareiras, dois tanques de água corrente em mármore. O refeitório de três naves e cinco tramos abobadados e com iluminação vinda de Norte. O largo portal do refeitório está junto ao lavabo, com uma planta pentagonal de dois pisos, cobertura em terraço.

A poente está a antiga cozinha que serve o claustro de D. Afonso VI, de planta rectangular e de dois pisos.

A sala dos reis divide-se em três naves com mísulas contendo as estátuas dos reis de Portugal e de D. José, e no piso superior contém várias salas da hospedaria do mosteiro.

O claustro dos noviços, transposto por um canal que é delimitado a oeste pelo edifício medieval dos monges, precedido por um terraço e pelas fachadas das instalações do abade geral e do noviciado, contendo três andares e no piso inferior grandes arcadas de volta perfeita no terceiro piso é dividido por um corredor para o qual se abrem as celas.

Há a biblioteca setecentista de grandes dimensões com iluminação na parede sul, por três fiadas de vãos, um oculo e duas janelas. A sala dos túmulos é considerada a primeira experiência construtiva do neogótico em Portugal¹¹⁹.

¹¹⁹ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume II de 2011; pp. 1098-1100.

10 - Tipologia dos Mosteiros Cistercienses Femininos

10.1 - Mosteiro de São Pedro e São Paulo de Arouca

Localização: 40° 55' 44.31" Norte - 8° 14' 41.82" Oeste - 302m Elevação

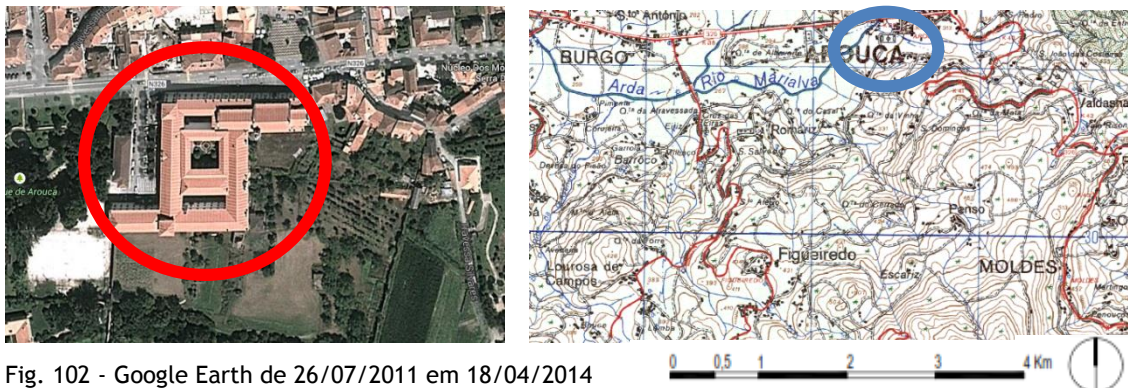


Fig. 102 - Google Earth de 26/07/2011 em 18/04/2014

Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 155 Arouca (2000)

Mosteiro de S. Pedro e S. Paulo de Arouca



Fig. 103 - Mosteiro de S. Pedro e S. Paulo de Arouca

Construção: Séc. X / XVII / XVIII
Estilo Dominante: Maneirista
Diocese: Porto
Freguesia: Arouca
Propriedade: Estado
Ocupação: Áreas cedidas à Irmandade de St^a. Mafalda, responsável pelo Museu de Arte Sacra e Centro de Estudos de Pinho Brandão. A Igreja está aberta ao culto religioso.

Planta

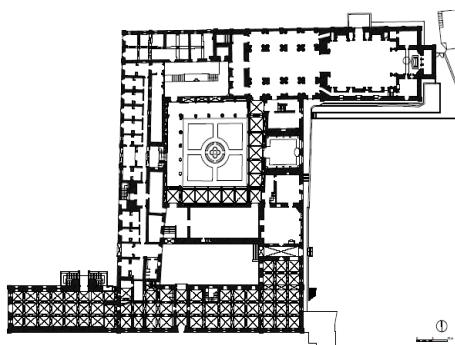


Fig. 104 - Planta do Mosteiro de S. Pedro e S. Paulo de Arouca

Interior da Igreja



Fig. 105 - Interior da Igreja

Altar Mor



Fig. 106 - Altar-Mor

Cadeiral

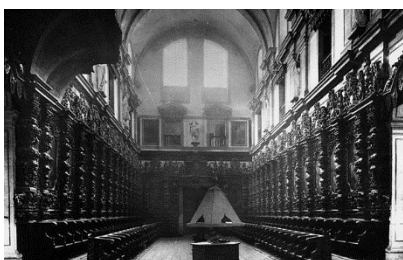


Fig. 107 - Cadeiral

História

Mosteiro de planta rectangular com dois rectângulos opostos e com coberturas de uma, duas e quatro águas. O conjunto do mosteiro desenvolve-se em torno do claustro e de dois pátios longitudinais e em volta destes organizam-se as antigas celas monásticas. A Norte encontramos a igreja e a Sul os celeiros.

Corpo de três pisos ritmado por vãos rectangulares com molduras de cantaria destacando-se a fachada da igreja, dividida em panos por sistema de pilastras e possuindo rasgos verticalmente duplos de vãos. Porta lateral inserida a meio da nave. Fachadas compostas por janelões rectangulares. O interior da igreja é constituído por coro, nave e capela-mor. O coro contempla um cadeiral com espaldares revestindo todo o coro-baixo o cadeiral em forma de U, composto por cento e quatro cadeiras distribuídas em dois andares e porta ao meio; o cadeiral de estilo barroco. Os espaldares em talha dourada, com trinta pinturas da vida de Santa Mafalda e de outros Santos.

O corpo intermédio ao coro contendo edículas para acolher estátuas. Capelas colaterais com retábulos de talha dourada, no piso superior nichos que alternam com janelões rectangulares. A capela-mor e o altar-mor com cobertura em abóbada de aresta. A iluminação é feita através de janelões que se encontram junto ao coro-alto¹²⁰.

¹²⁰ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume III de 2011; p. 1216.

10.2 - Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção de Tabosa

Localização: 40° 51' 49.94" N 7° 27' 6.29" W - 665m Elevação

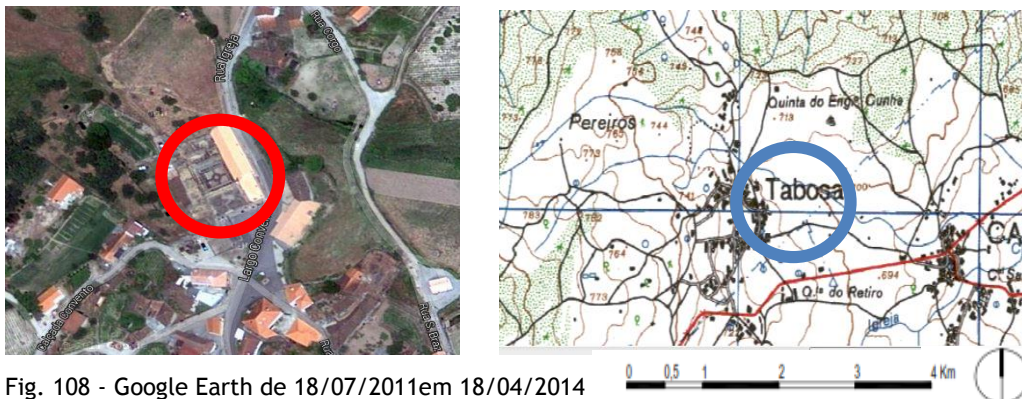


Fig. 108 - Google Earth de 18/07/2011 em 18/04/2014

Cartografia 1/25000 (Série M888):

Carta Militar nº 158 vila Nova de Paiva (1997)

Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção de Tabosa



Construção: Séc. XVII (finais)

Estilo Dominante: Barroco

Diocese: Lamego

Freguesia: Carregal

Propriedade: Particular

Ocupação: Paroquial (Igreja)

Fig. 109 - Mosteiro de Nossa senhora da Assunção de Tabosa

Planta

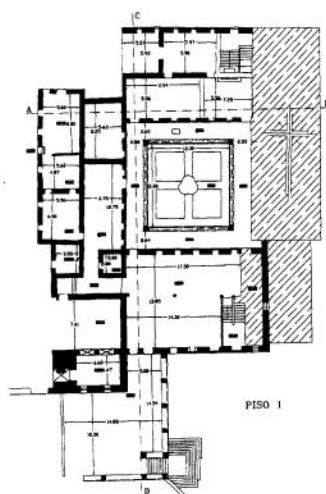


Fig. 110 - Planta do Mosteiro de Nossa senhora da assunção de Tabosa

História

A Igreja é composta por três naves e os volumes unidos com uma cobertura de uma água nos absidiolos, duas águas na nave e na capela-mor e três na sacristia.

O mosteiro encontra-se dividido em três corpos por contrafortes possuindo nas laterais janelas estreitas e no centro um pórtico de arco quebrado. Rematado por moldura com três nichos com imagens de Nossa Senhora da Assunção, São Bernardo e São Bento e com três janelas estreitas. No lado a Sul abrem-se dois portais de arco pleno, a norte duas janelas e um portal de arco pleno.

A Norte mais recuada está a torre sineira sendo de secção quadrada e com pináculos. A Sul está a sacristia, a capela-mor é composta por janelas e cornija como as da nave.

No interior do mosteiro com planta longitudinal e com três naves e quatro tramos. A cabeceira formada por três capelas quadrangulares e de abóbada quebrada.

O interior com naves separadas por arcos plenos e pilares quadrados, naves com tectos de madeira.

A capela-mor de dois tramos, abóbada quebrada e retábulo de talha dourada. Existem duas frestas na parede traseira sendo um indício de quererem introduzir um retábulo no altar. O altar lateral por sua vez contempla um retábulo de talha dourada é de origem maneirista e o da capela-mor é branco¹²¹.

¹²¹ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume III de 2011; p. 1260.

10.3 - Mosteiro de São Mamede de Lorvão

Localização: 40° 15' 34.89" Norte - 8° 19' 6.89" Oeste - 162m Elevação

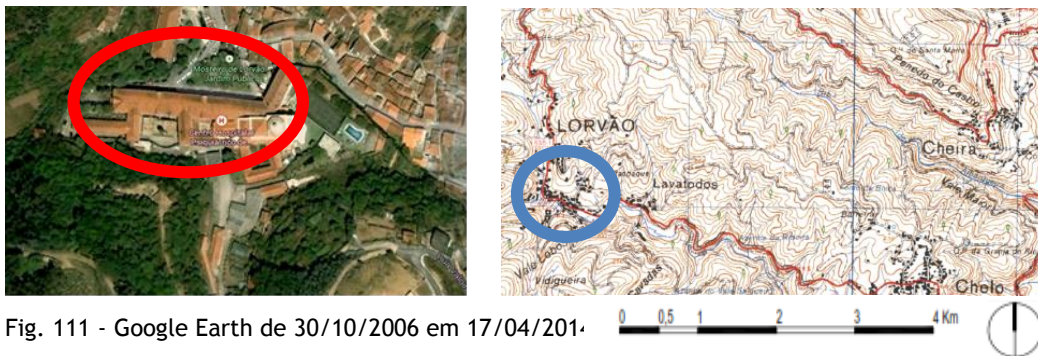


Fig. 111 - Google Earth de 30/10/2006 em 17/04/2014

Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 231 Penacova (1982)

Mosteiro de São Mamede de Lorvão



Fig. 112 - Mosteiro de S. Mamede do Lorvão

Construção: Séc. XII / XVII / XVIII / XX
Estilo Dominante: Maneirista e Barroco
Diocese: Coimbra
Freguesia: Lorvão
Propriedade: Estado
Ocupação: Igreja aberta ao culto, afecta ao IPPAR. Os restantes edifícios monástico servem de instalações ao Hospital Psiquiátrico do Lorvão e por outro servem de instalações a um Centro de Apoio social.

Planta

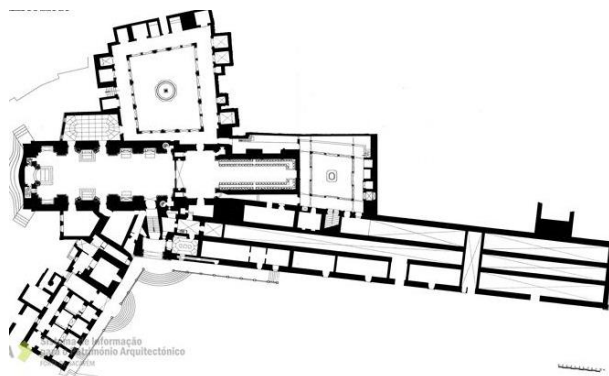


Fig. 113 - Planta do Mosteiro de S. Mamede do Lorvão

Coro

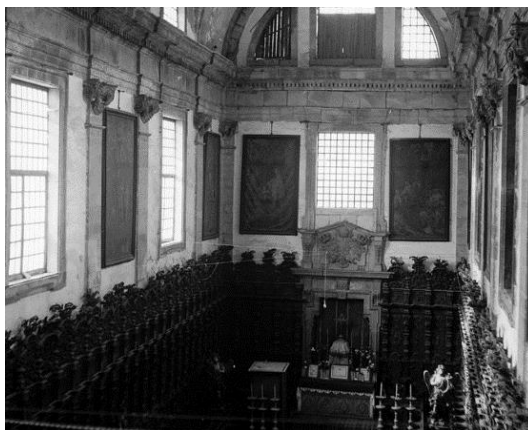


Fig. 114 - Coro

História

Planta longitudinal, composta por claustro, dormitório e hospício. O claustro avizinha-se dos modelos coimbrões maneiristas, a torre tem incrustado pedra de mármore negra visigótica do séc. VI.

A entrada principal da igreja faz-se pelo alçado Este através do portal em arco abatido sobre este existe um nicho rodeado por duas janelas, pórtico de verga curva. O mosteiro ao ser construído denota-se que houve o cuidado de ter em atenção as características do terreno.

O interior do mosteiro com a igreja que segue o programa joanino da Basílica de Mafra, com uma rica decoração. No interior da igreja encontra-se o nártex, nave única de dois tramos, transepto e capela-mor; nave separada do coro por uma grade em ferro e bronze com um desenho em losango.

O coro composto por um cadeiral esculpido com figuras de santos é composto por cento e duas cadeiras, altares laterais com retábulos abertos em arco de volta perfeito, transepto de arcos frontais com altares, no cruzeiro encontra-se o zimbório com cúpula. O altar-mor rodeado por duas janelas, a sacristia que comunica com a igreja pelo lado do evangelho, tem tecto em madeira.

O claustro em forma quadrangular composto por dois pisos. A Este encontra-se a sala do capítulo com paredes em azulejo de padrão policromado e o tecto forrado a madeira. A Este e a Oeste estão os dormitórios de três pisos, no primeiro ficam as salas de apoio e nos outros pisos as celas, com cobertura em abóbada nos corredores e nas celas os tectos em madeira¹²².

¹²² Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume III de 2011; p. 1292.

10.4 - Mosteiro de Santa Maria de Celas

Localização: 40° 12' 55.60" Norte - 8° 24' 44.11" Oeste - 121m Elevação

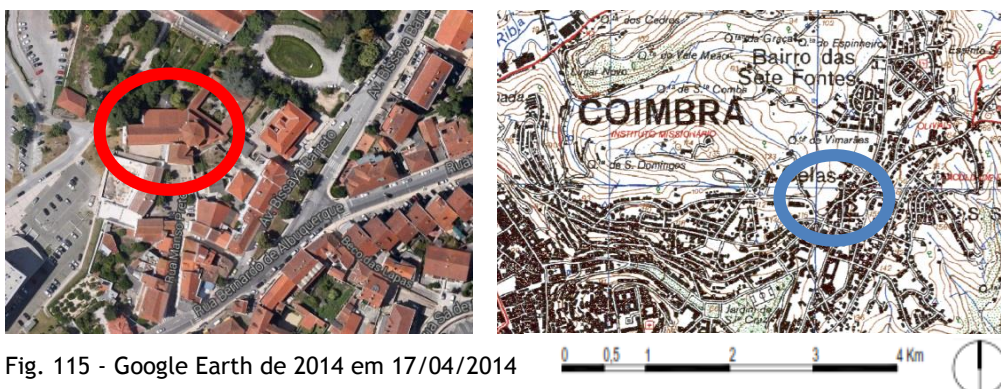


Fig. 115 - Google Earth de 2014 em 17/04/2014

Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 230 Coimbra (1984)

Mosteiro de Santa Maria de Celas



Fig. 116 - Mosteiro de St^a Maria de Celas

Construção: Séc. XII / XIV / XVI / XVII / XVIII / XIX

Estilo Dominante: Maneirista / Barroco / Renascentista

Diocese: Coimbra

Freguesia: Santo António dos Olivais

Propriedade: Estado e Particular

Ocupação: Igreja, Claustro, Refeitório pertencem ao Estado, mas são cedidas à Irmandade de Nossa Senhora da Piedade. Os antigos dormitórios pertencem ao Hospital Pediátrico de Coimbra. A Escola Primária está nos antigos aposentos da Abadessa.

Planta

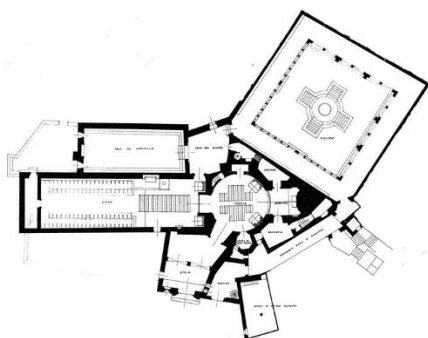


Fig. 117 - Planta do mosteiro de St^a maria de Celas

Capela-mor e Capelas laterais



Fig. 118 - Capela-mor

História

Planta irregular a Igreja é composta por uma planta centralizada e com capela-mor; o coro longitudinal, a Norte tem a Sala do Capítulo, a Nordeste o claustro quadrangular e a Sul pela capela poligonal e pelo átrio, através dos quais comunica a igreja, assim como pela portaria velha; a Norte entre a igreja e o claustro surgem vestígios do coro lateral; as restantes dependências conventuais estão colocadas a Sul; a Oeste a hospedaria, cartório e a Este a portaria nova.

No exterior a fachada principal é composta por dois registos e por um portal rectangular à direita, sendo a face interior do lintel em arco de três pontos e chave escudo esculpido à esquerda do portal uma pequena fresta rectangular alojada na vertical, no segundo registo possui um miradouro constituído por nove vãos rectangulares.

O corpo circular da igreja composto por janelões de verga curva e a fachada a Oeste do coro rasgado por óculo ladeado por janelões rectangulares na zona inferior com uma porta/janela equipada de grades e com acabamento com cruz de pedra.

No interior da igreja é contemplada com uma abóbada estrelada com o escudo nacional ao centro. Nas paredes azulejos, o coro com cobertura de perfil em arco abatido o cadeiral é ao correr dos paramentos laterais, na parede fundeira rasgam-se três arcos, sendo os laterais cegos, do lado do Evangelho de perfil quebrado e do lado da Epístola de volta perfeita, o arco central é mais elevado e este dá acesso ao antecoro.

O claustro de planta quadrangular e com arcada de volta perfeita, nas galerias a Sul e a Oeste os arcos apoiam-se em colunelos geminados, com capitéis que contêm a vida de Cristo e dos Santos. Nas restantes galerias compostas por colunas dóricas. A sala do Capitulo faz-se por arco quebrado de arquivolta, cobertura em pedra em abóbada de canhão em moldura arquivolta ao correr dos paramentos. Cobertura diferenciada em telhado¹²³.

¹²³ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume III de 2011; p. 1330.

10.5 - Mosteiro de Santa Maria de Cós

Localização: 39° 36' 7.56" Norte - 8° 57' 20.54" Oeste - 50m Elevação

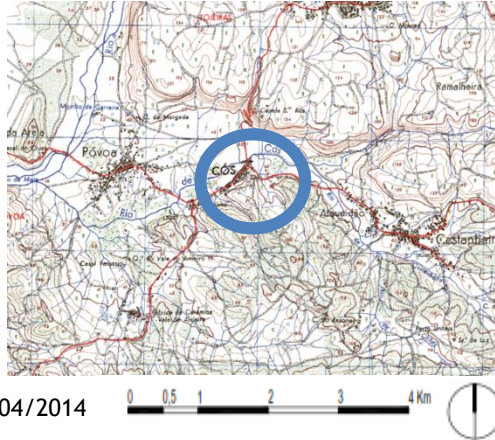


Fig. 119 - Google Earth de 22/03/2012 em 19/04/2014

Cartografia 1/25000 (Série M888):

Carta Militar nº 307 Valado dos Frades (1968)

Mosteiro de Santa Maria de Cós



Fig. 120 - Mosteiro de St^a maria de Cós

Construção: Séc. XVI / XVII / XVIII
Estilo Dominante: Maneirista / Barroco
Diocese: Lisboa
Freguesia: Cós
Propriedade: Estado e Particular
Ocupação: Igreja é propriedade do Estado. As ruínas da dependência monástica foram adquiridas pela Junta de Freguesia. Na zona adjacente ao Mosteiro existem algumas habitações.

Planta

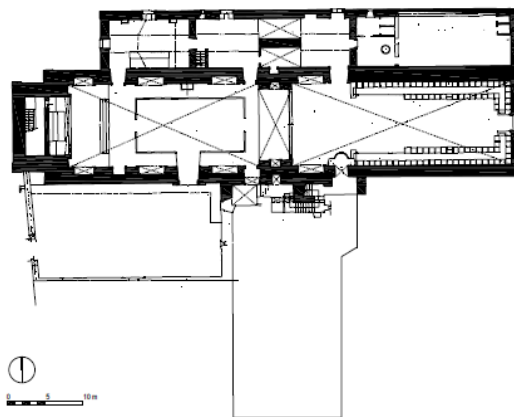


Fig. 121 - Planta do Mosteiro St^a Maria de Cós

Igreja de Santa Maria de Cós



Fig. 122 - Igreja

Cadeiral do Coro



Fig. 123 - Coro e cadeiral

História

A Igreja de planta longitudinal rectangular que estreita na cabeceira, a oeste em rectângulo menor justaposto. As plantas do exterior e do interior não coincidem, no primeiro tramo temos a capela-mor, a nave e o coro das monjas. A sul encontra-se a torre sineira, com planta rectangular e está perpendicular a uma ala do dormitório. Cobertura diferenciada de telhados de duas águas, na igreja e dormitório de uma água na Sacristia e dependências anexas.

A fachada a Oeste tem a abside com contrafortes nos cunhais, pequena janela de moldura rectangular e com remate em frontão triangular, rematado por uma cruz pétrea. Na fachada Sul o corpo da igreja marcado por contrafortes e com nichos em arco pleno, com as estátuas de S. Bento e S. Bernardo. A Este o corpo saliente baixo quadrangular preenchido pelo arco pleno, o pano do coro das monjas contemplado por quatro janelas de moldura rectangular.

No segundo registo da fachada Este, contemplada com vãos em arco pleno e rectangular, no terceiro registo com três janelas rectangulares. Na fachada Norte no primeiro registo estão a Sacristia e as salas anexas com sete janelas rectangulares de várias dimensões em planos distintos. No segundo pano do coro das monjas e da nave com dez janelas rectangulares divididas a meio por janelão. A Sul da portaria o corpo do dormitório com dois registos separados por friso na primeira fresta rematada por dois pequenos óculos elípticos e um vão em arco pleno, no segundo duas janelas de moldura rectangular. O interior da igreja divide-se em nave única e coro das monjas por dois degraus e um grande arco em asa-de-cesto com gradeamento dourado, rematado por um passadiço com balaustrada alta e com gradeamento, a iluminação é feita através das janelas rectangulares, a Norte um janelão a meio da parede o coro é revestido de azulejo em padrão azul e branco e rodeado por um cadeiral monumental.

A Capela-mor pouco profunda sobre dois degraus, com um retábulo de talha dourada e com duas portas de acesso à tribuna, onde existem nichos com imagens de São Bento e São Bernardo. A Sacristia encontra-se revestida de painéis de azulejo representando a vida de São Bernardo¹²⁴.

¹²⁴ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume III de 2011; pp. 1359-1361.

10.6 - Mosteiro de São Dinis de Odivelas

Localização: 38° 47' 31.09" Norte - 9° 10' 58.95" Oeste - 50m Elevação

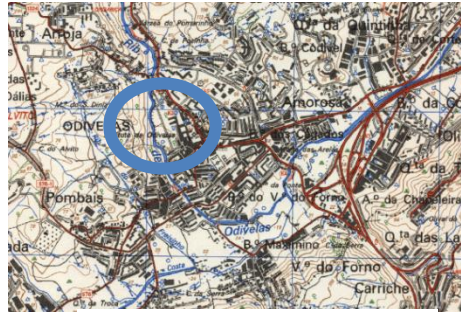
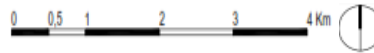


Fig. 124 - Google Earth de 23/06/2007 em 19/04/2014



Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 417 Loures (1993)

Mosteiro de São Dinis de Odivelas



Construção: Séc. XIV / XVIII
Estilo Dominante: Gótico /
Maneirista / Barroco
Diocese: Lisboa
Freguesia: Odivelas
Propriedade: Estado
Ocupação: Ao Ministério da Defesa
Nacional, ocupado pelo Instituto de
Odivelas

Fig. 125 - Mosteiro de S. Dinis de Odivelas

Planta

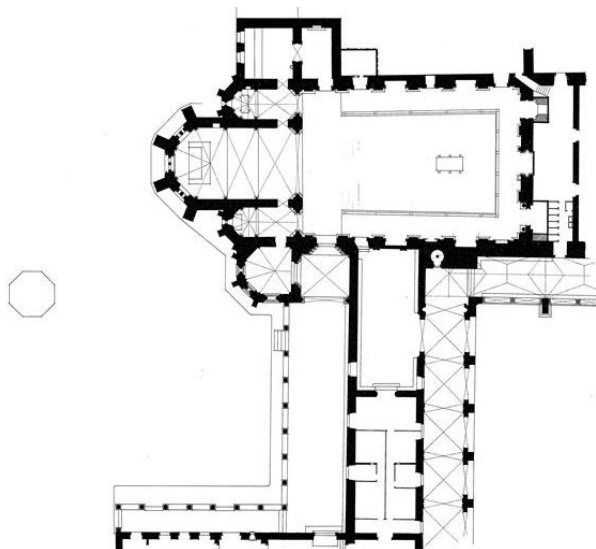


Fig. 126 - Planta do Mosteiro de S. Dinis de Odivelas

Igreja



Fig. 127 - Igreja

História

Mosteiro de São Dinis de planta rectangular contendo a Igreja a Sul esta de planta rectangular composta por nave simples e cabeceira formada pela capela-mor e absidiolos, todos poligonais e a sacristia adossada à fachada lateral direita com uma cobertura de duas, três e cinco águas.

A Igreja com influência das ordens Mendicantes, no que diz respeito à cabeceira com passagens estreitas, comunicando com o convento que se prolonga para Norte e para Este da igreja.

Das dependências conventuais destaca-se o claustro com dois pisos, com acesso ao coro, a torre está anexa à igreja e à sala do capítulo, sendo hoje um pequeno museu, separado de claustro temos a cozinha forrada a azulejo de figura a avulso e o refeitório com lambrim em azulejo e o tecto com caixotões pintados.

A Igreja contendo uma nave única com contrafortes escalonados, tendo no conjunto a Sacristia, a Capela de Nicolau Ribeiro Soares no Evangelho, com entrada lateral com colunas toscanas em ângulo recto.

A Igreja no seu interior contem três tramos, sob colunas, mísulas e frestas, no centro dos absidiolos estão os túmulos de D. Dinis e da sua filha D. Maria Afonso, com uma decoração muito rica.

A nave com dois púlpitos e quatro altares, enquadrados por arcos e tribuna.

O coro alto tripartido sustentado por pilares cruciformes, o vão central contem um arco abatido e nas laterais, arcos de volta perfeita¹²⁵.

¹²⁵ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume III de 2011; p. 1396.

10.7 - Mosteiro de Nossa Senhora de Nazaré do Mocambo

Localização: 38° 42' 29.33" Norte - 9° 9' 21.75" Oeste - 30m Elevação

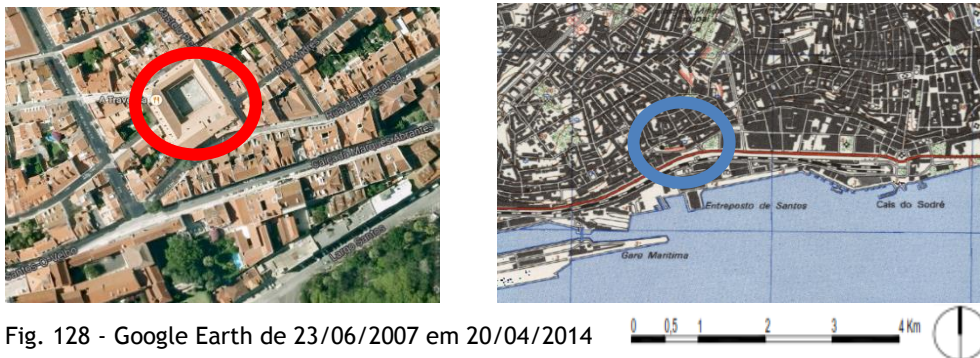


Fig. 128 - Google Earth de 23/06/2007 em 20/04/2014

Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 431 Lisboa (1993)

Mosteiro de Nossa Senhora de Nazaré do Mocambo



Construção: Séc. XVII/ XVIII
Estilo Dominante: Maneirista / Contemporâneo
Diocese: Lisboa
Freguesia: Santos-O-Velho
Propriedade: Particular
Ocupação: Museu da Marioneta, restaurante e habitação distribuída por distintas partes do edifício.

Fig. 129 - Mosteiro de Nossa Senhora da Nazaré do Mocambo

Planta

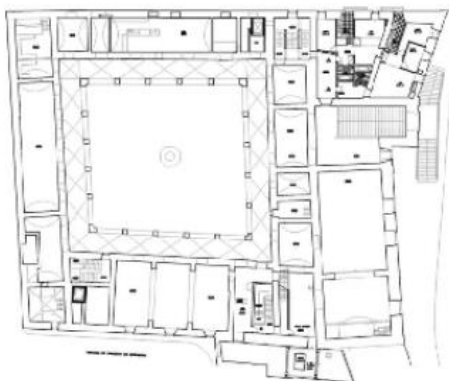


Fig. 130 - Planta do Mosteiro de Nossa Senhora da Nazaré do Mocambo

História

O edifício organiza-se dentro de uma planta em forma quadrilateral, que delimitam o antigo claustro paralelepípedo com cobertura de duas águas. O alçado virado a Sul estrutura-se em cinco níveis.

A porta principal com moldura em calcário e com um relevo pétreo de forma rectangular, mostrando a Virgem com o Menino tendo S. Bento e S. Bernardo dos lados, com uma cruz ao centro.

No segundo piso existem janelas rectangulares de peito e de sacada e um friso que separa o corpo Este do terceiro piso, com as janelas rectangulares e neste último piso composto por três janelões rectangulares, correspondente ao muro a sul.

O conjunto do edifício é rematado em altura por uma cornija calcária destacada.

O claustro de forma quadrada, com alas de cinco arcos em asa de cesto efetuando a descarga em pilares de cantaria estando as galerias cobertas por abóbadas de aresta.

O claustro contempla três pisos estando as galerias superiores abertas em pátios.

As habitações que ocupam o antigo edifício abrem para os pátios. O Museu da Marioneta crescer por dois dos quatro lados do claustro, sendo percurso aberto pelo lado antigo que corresponde à sala do capítulo, no lado oposto do claustro encontra-se o restaurante, que ocupa a antiga cozinha monástica e o refeitório¹²⁶.

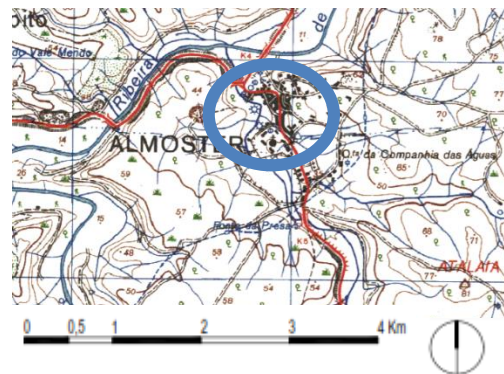
¹²⁶ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume III de 2011; p. 1434.

10.8 - Mosteiro de Santa Maria de Almoſter

Localização: 39° 14' 30.38" Norte - 8° 47' 41.18" Oeste - 25m Elevação



Fig. 131 - Google Earth de 07/08/2012 em 20/04/2014



Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 352 Almoſter - Santarém (1970)

Mosteiro de Santa Maria de Almoſter



Fig. 132 - Mosteiro de Stª maria de Almoſter

Construção: Séc. XII / XIV / XVI / XVII / XVIII / XIX / XX
Estilo Dominante: Gótico / Maneirista
Diocese: Santarém
Freguesia: Almoſter
Propriedade: Estado
Ocupação: Paróquia

Planta

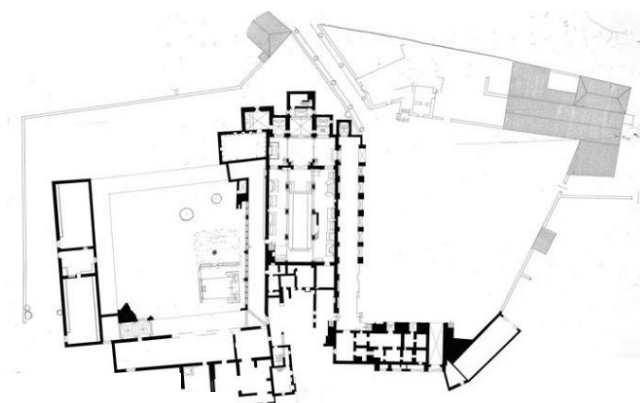


Fig. 133 - Planta do Mosteiro de Stª Maria de Almoſter

Capela lateral



Fig. 134 - Capela lateral

Nave principal



Fig. 135 - Nave principal

História

Planta do mosteiro longitudinal de 3 naves e cinco tramos cada, com três capelas rectangulares e cobertura de quatro águas na capela-mor e de duas águas na nave central e com capelas absidais de uma água nas laterais.

Na fachada virada a Oeste de três panos e pano central de dois registos abrindo-se no último a rosácea. A fachada a Sul composta por três frestas e por um grande pórtico em arco quebrado de arquivoltas.

Na fachada Norte junto do claustro rectangular está a sala capitular. A Este óculo na capela-mor e frestas nas absidais sendo estas abertas nos muros laterais por janelas quadrangulares.

O interior do mosteiro é composto por arcos quebrados no coro baixo e a nave central abre em asa de cesto e em arco de volta perfeita para as laterais.

O muro a Oeste é rematado por arquitrave em forma de flor-de-lis e no centro por janelão quadrado, cobertura da nave em madeira, a capela-mor de dois tramos com cobertura em abóbada de ogiva, as capelas absidais com cobertura de abóbada de berço quebrado abrindo para as naves laterais.

O claustro possui quatro tramos, tenho os dois primeiros quatro vãos e os restantes cinco de arco quebrado geminados sobre colunas dispostas transversalmente aos muros, sala do Capitulo revestida de azulejos azuis e brancos¹²⁷.

¹²⁷ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume III de 2011; p. 1468.

10.9 - Mosteiro de São Bernardo de Portalegre

Localização: 39° 17' 49.33" Norte - 7° 25' 36.87" Oeste - 481m Elevação



Fig. 136 - Google Earth de 17/08/2009 em 23/04/2014



Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 359 Portalegre (2000)

Mosteiro de São Bernardo de Portalegre



Fig. 137 - S. Bernardo de Portalegre

Construção: Séc. XVI /XVIII
Estilo Dominante: Renascentista / Barroco
Diocese: Portalegre/Castelo Branco
Freguesia: São Lourenço
Propriedade: Estado
Ocupação: Afecta ao Ministério da Defesa Nacional

Planta

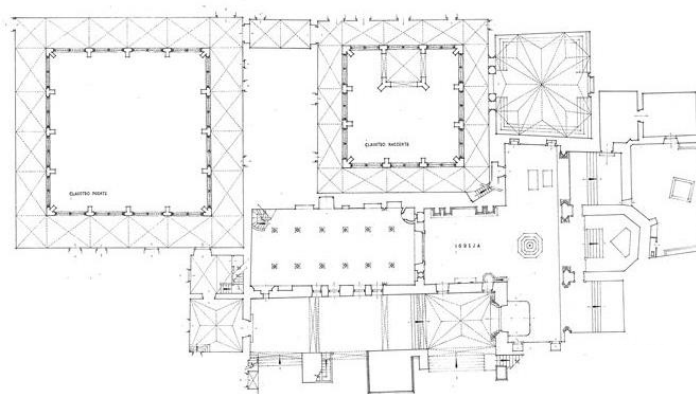


Fig. 138 - Planta do Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre

Coro alto e Coro baixo

Cadeiral do Coro alto



Fig. 139 - Coro alto, Coro baixo e Cadeiral

História

O mosteiro tem a planta da igreja com a forma longitudinal, a Sul fica a torre sineira esta por sua vez saliente, temos dois claustros que se comunicam, em dois pisos a Este o menor e a Oeste o maior, em redor destes se dispõem as demais dependências. O conjunto é delimitado por uma cerca. A cobertura é de telhas em duas águas na igreja, de uma água no claustro, de quatro águas na dependência a Sul.

A igreja com cabeceira tripartida e com capelas que se comunicam, apresentando-se a capela-mor com maior profundidade e maior largura, com um fecho em 5/8 do polígono, e as capelas laterais são quadrangulares. O interior da igreja composta por nave única com uma cobertura em abóbadas achatadas, a este do lado da Epístola, por cima do púlpito e do altar de Nossa Senhora da Piedade, existem três janelões de capialço, a Oeste os coros sendo o coro-alto sustentado por duas fiadas de seis colunas toscanas de granito e o coro-baixo com acesso por grades em ferro forjado, com porta do mesmo material e com portas de madeira do lado de dentro.

O cadeiral do coro-baixo é composto por quarenta assentos, contem uma escadaria que dá acesso ao coro-alto este por sua vez tem um cadeiral duplo de cinquenta e quatro assentos em madeira exótica, na zona superior a Oeste encontra-se um janelão a na parede a Sul uma janela de cabeceira mais elevada, com acesso por arcos de volta perfeita.

A passagem entre capelas é feita através de portas, com ombreiras e frontões de mármore lavrado, a colateral Norte comunica com a Sacristia através de porta munida de ombreira e verga recta de granito. Todas as capelas têm iluminação directa, através de janelas abertas nos alçados. O coro-alto tem acesso á cobertura. As galerias do claustro na zona Oeste são um pouco mais largos e as galerias do piso superior de ambos os claustros apresentam arcos de travamento da igreja no encontro dos alçados. O portal principal, decorado com motivos guerreiros, festões e rótulos, contem um arco de volta perfeita com aduelas decoradas de querubins e nas juntas dois medalhões com a representação de duas figuras uma feminina outra masculina, tendo no centro um “M”, rematado por um frontão¹²⁸.

¹²⁸Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume III de 2011; pp. 1498-1499.

10.10 - Mosteiro de S. Bento de Cástris.

Localização: 38° 35' 2.53" Norte - 7° 56' 2.44" Oeste - 325m Elevação

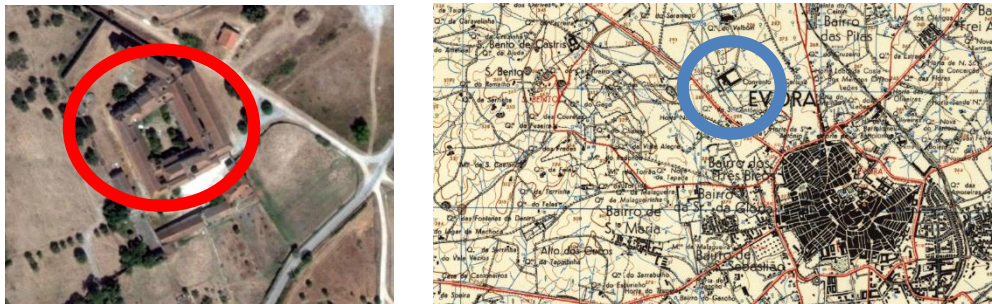


Fig. 140 - Google Earth de 28/08/2011 em 24/04/2014



Cartografia 1/25000 (Série M888):
Carta Militar nº 460 Évora (1965)

Mosteiro de São Bento de Cástris



Construção: Séc. XII / XIII / XVI / XIX
Estilo Dominante: Gótico / Românico /
Barroco
Diocese: Évora
Freguesia: São Bento
Propriedade: Estado
Ocupação: Casa Pia de Évora e estando
neste momento sem utilização.

Fig. 141 - Fachada do Mosteiro S. Bento de Cástris

Planta

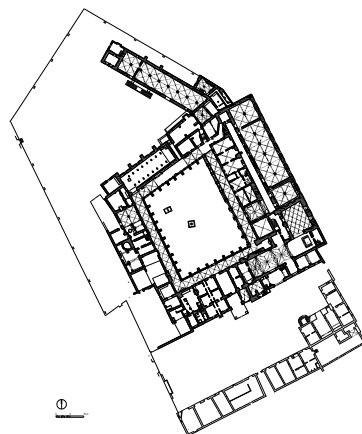


Fig. 142 - Planta do Mosteiro de S. Bento de Cástris

Interior da Igreja



Fig. 143 - Igreja do Mosteiro de S. Bento de Cástris

História

A planta do Mosteiro é constituída por vários edifícios que se integram em redor do claustro central, formando uma massa articulada e composta por vários volumes e várias altimetrias das dependências monásticas. O portão de acesso ao mosteiro encaminha-nos para a entrada principal através de um largo terreiro, a Sul, temos a portaria conventual e o nártex da igreja, a Norte, ficam as dependências correspondentes às casas do intendente e do confessor.

A igreja tem uma planta longitudinal, nave única e com capelas laterais e coro-lateral.

No seu interior a igreja contém tecto em abóbada de ogiva, coberto com pinturas e murais representando serafins e estrelas, nas paredes estão revestidas por azulejos azuis e brancos estes contam histórias da vida de S. Bernardo, com cercadura policromada.

A capela-mor está sobre elevada relativamente à nave divide-se em dois tramos, o retábulo do altar-mor é em talha dourada. O coro-lateral tem uma ligação através de um portal de ferro à capela-mor tem a forma quadrangular, com tecto abatido e composto por caixotões.

O claustro tem a planta em forma trapezoidal, contem arcos abatidos com cobertura em abóbada.

O lado Sul é composto por três pisos mas o lado a oeste por sua vez tem apenas dois pisos e um terraço; os restantes lados têm dois pisos¹²⁹.

¹²⁹ Cfr, Martins, Ana; As arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território; Tese Doutoramento volume III de 2011; pp. 1532.

